



Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Mestrado em Ciências da Educação
Especialização em Comunicação e Tecnologia Educativa

AS TIC:

Violência, Bullying e Cyberbullying

(estudo exploratório em alunos do 3º, 4º, 5º e 6º anos de escolaridade num agrupamento de escolas do interior norte de Portugal)

Pedro Luís Ribeiro Simões

Dissertação apresentada à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação – Especialização em Comunicação e Tecnologia Educativa, realizada sob a orientação científica de:

- Professor Doutor Joaquim Escola – UTAD (Portugal);
- Professora Doutora Manuela Raposo Rivas – Universidade de Vigo (Espanha).

Vila Real

2014

*Señor, Vos que sois bueno y protegéis a todos los chicos de la tierra,
quiero pedirte un gran favor:*

*transfórmame en un televisor. Para que mis
padres me cuiden como le cuidan a él, para que me miren con el mismo
interés con que mi mamá mira su telenovela preferida o papá el noticiero.
Quiero hablar como algunos animadores, que cuando lo hacen, toda la
familia calla, para escucharlos con atención y sin interrumpirlos.
Quiero sentir sobre mí la preocupación que tienen mis padres
cuando la tele se rompe y rápidamente llaman al técnico.
Quiero ser televisor para ser el mejor amigo de mis padres
y su héroe favorito.*

*Señor, por favor, déjame ser televisor,
aunque sea por un día.*

(Javier Urra, 1998a, p.135)

Agradecimentos:

Aos meus Orientadores, Professores Joaquim Escola e Manuela Raposo Rivas pelo desafio, ajuda e orientação;

Aos Professores: Otília, Armando, Margarida, Magda e Esther pelo apoio imprescindível na construção do questionário;

À minha Família que esteve sempre presente;

Aos meus Amigos João Lima, Ilda, Isabel, Marina, Magda, Juliana, Diana, Patrícia e Zé Carlos pelo apoio em diversas alturas e, paciência nos momentos mais controversos;

Aos alunos e professores do Agrupamento de Escolas Diogo Cão que colaboraram neste estudo.

A todos, o meu profundo e sincero

AGRADECIMENTO.

RESUMO

Esta investigação tem como principal objetivo, para além de avaliar a dimensão do cyberbullying num agrupamento de escolas no interior norte de Portugal, saber qual a relação que as crianças e jovens tem com as TIC no seio familiar.

Apesar de ser um fenómeno com pouca incidência em faixas etárias inferiores a 12 anos, diversas investigações indicam que o cyberbullying é uma das maiores preocupações na atualidade.

Foi aplicado um questionário (autopreenchimento) aos alunos do 3º, 4º, 5º e 6º anos de escolaridade para um melhor conhecimento dos hábitos relativos com os meios de comunicação (internet, telemóveis e televisão), bem como, a questão da supervisão parental. Por se tratarem de temas que ultimamente tem vindo a ser abordados pelos *media*, procurou-se também inquirir se têm, ou não, conhecimento sobre os conceitos de bullying e cyberbullying.

Os resultados revelam que esta temática ainda é pouco abordada, quer pelas famílias, quer pelas escolas. Comportamentos e hábitos diários perante as TIC revelam-se preocupantes, nomeadamente em questões de horários e falta de supervisão.

PALAVRAS-CHAVE:

Cyberbullying; Bullying; Violência; Ética da Comunicação; TIC; Dessensibilização; Família.

ABSTRACT

The leading aim of this investigation is to understand the relationship children and youngsters have with Information and Communication Technologies (ICT) within family environment, besides assessing the extent of Cyberbullying in a Group of Schools in inland Portugal.

Although this phenomena has little incidence in ages under 12, several investigations indicate that Cyberbullying is one of the biggest concerns in our time.

A questionnaire was applied (anonymous) to students of 3rd, 4th, 5th and 6th grades of schooling for a better knowledge of the habits relating with the media (Internet, mobile phones and television), as well as, the issue of parental supervision. Because these are topics that have recently been addressed by the media, were also sought to investigate, whether or not, have knowledge about the concepts of bullying and cyberbullying.

Results show that this issue is still not addressed consistently neither by families nor schools. Behaviours and routines related to ICT reveal themselves worrying especially in a matter of schedules and parental supervision.

KEYWORDS:

Cyberbullying; Bullying; Violence, Communication Ethics, ICT; Desensitization; Family.

RESUMEN

Este informe tiene como objetivo principal, además de evaluar la magnitud del ciberbullying (ciberintimidación/acoso cibernético) en una agrupación de escuelas del interior norte de Portugal, saber cuál es la relación que los niños y jóvenes tienen con las Tecnologías de la Información y la Comunicación en la familia. A pesar de ser un fenómeno mundial, con poco impacto en grupos de edad inferior a 12 años, varias investigaciones indican que el ciberbullying es una de las preocupaciones en el mundo de hoy.

Se aplicó un cuestionario (anónimo) a los alumnos de 3o, 4o, 5o y 6o curso para conocer mejor los hábitos relacionados con los medios de comunicación (Internet, telefonía móvil y televisión), así como la cuestión del control de los padres.

Debido a que éstos son temas que recientemente han sido abordados por los medios de comunicación de masas, también se trató de investigar si tienen o no conocimiento de los conceptos de “acoso escolar” y “ciberbullying”.

Los resultados muestran que esta cuestión es todavía interpretada erróneamente, ya sea en los hogares como en las escuelas. Los comportamientos y hábitos diarios con las TIC resulta preocupante, especialmente en materia de horarios y falta de supervisión.

PALABRAS CLAVE:

Ciberbullying / Acoso Cibernético, Intimidación / acoso escolar; Violencia, Ética e Comunicación, TIC; Desensibilización; Familia.

ÍNDICE GERAL

Resumo	iv
Abstract	v
Resumen	vi
Índice de Gráficos	ix
Índice de Anexos	xi
Índice das Abreviaturas	xii

INTRODUÇÃO 01

I Parte - Enquadramento Teórico

1. AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC)	03
1.1. Uma breve abordagem sobre a origem do computador	03
1.2. A História da Informática	05
1.3. A Internet e a Web (World Wide Web)	08
1.3.1. Os conceitos iniciais da Internet	10
1.3.2. Vantagens e desvantagens	10
1.4. A Sociedade da Informação	12
1.5. As TIC e a Família	13
1.5.1. A Família	13
1.5.2. As TIC na Família	15
1.6. Definição e função das TIC	16
1.6.1. Como se caracterizam as TIC?	17
1.6.2. As TIC e as <i>suas mais valias</i> ?	18
1.7. As TIC e a Escola (breve resenha sobre o surgimento das TIC nas escolas em Portugal - as iniciativas nacionais: programas e projetos)	19
1.8. Clivagem entre gerações face às tecnologias	22

2. A ÉTICA NA COMUNICAÇÃO E NA INFORMÁTICA	25
2.1. Violência	27
2.2. Violência vs Agressividade	29
2.2.1. A Violência na Internet	31
2.2.2. A Violência na Televisão	32
2.2.3. A Violência na Rádio e na Música	35
2.2.4. A Violência na Publicidade	36
2.3. Dessensibilização	38
2.4. O Cyberbullying e as suas origens	40
2.4.1. Como identificar e atuar perante o Cyberbullying	44
2.4.2. Legislação em Portugal (Bullying e Cyberbullying)	46
2.4.2.1. Enquadramento do Bullying	46
2.4.2.2. Enquadramento do Cyberbullying	49

II Parte - Enquadramento Empírico

1. DESENHO DA INVESTIGAÇÃO	52
1.1. Proposta de Investigação	52
1.2. Questões de Investigação	53
1.3. Metodologia	54
1.3.1. Questionário	54
1.3.2. Amostra	55
1.3.2.1. Caraterização do meio	55
1.3.2.2. Caraterização do agrupamento	55
1.3.2.3. Caraterização da amostra	56
1.3.3. Procedimento da investigação	57
2. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	59
SÍNTESE FINAL E RECOMENDAÇÕES	90
Bibliografia	96

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1	<i>Distribuição dos alunos por ano de escolaridade</i>	56
Gráfico 2	<i>Distribuição dos alunos por ano de escolaridade / género</i>	57
Gráfico 3	<i>Com quem vives?</i>	59
Gráfico 4	<i>Quantos irmãos tens?</i>	60
Gráfico 5	<i>Se tens irmãos em relação a ele(a) ou eles tu és?</i>	60
Gráfico 6	<i>Em relação à casa onde vives?</i>	61
Gráfico 7	<i>Em relação aos meios de comunicação: - Tenho telemóvel pessoal?</i>	61
Gráfico 8	<i>Em relação aos meios de comunicação: - Tenho computador com ligação à Internet?</i>	62
Gráfico 9	<i>Caso tenhas computador com ligação à Internet, em tua casa, em que compartimento ou divisão se encontra? (no quarto)</i>	63
Gráfico 10	<i>Caso tenhas computador com ligação à Internet, em tua casa, em que compartimento ou divisão se encontra? (na sala)</i>	63
Gráfico 11	<i>Ano escolar* Computador com internet *No quarto crosstabulation Ano escolar* No quarto* Quando navegas quem tens a teu</i>	64
Gráfico 12	<i>lado?*Pais ou Encarregado de Educação. Crosstabulation</i>	65
Gráfico 13	<i>Em relação aos meios de comunicação: - TV com Box (por cabo ou satélite)</i>	65
Gráfico 14	<i>Quanto à televisão, o que mais gostas de ver?</i>	66
Gráfico 15	<i>Quando vês TV quem tens a teu lado?</i>	67
Gráfico 16	<i>No que diz respeito a horário, diz-nos qual é a hora que te costumavas deitar?</i>	68
Gráfico 17	<i>Algum dos teus colegas já foi mau contigo? (por duas ou mais vezes)</i>	70
Gráfico 18	<i>Se isso já aconteceu diz-nos o que te fizeram:</i>	71
Gráfico 19	<i>Quando tens algum problema com quem falas?</i>	72
Gráfico 20	<i>Na tua escola já alguém te informou sobre bullying ou cyberbullying?</i>	73
Gráfico 21	<i>Na tua escola já alguém te informou sobre bullying ou cyberbullying? (por ano de escolaridade)</i>	73
Gráfico 22	<i>Se respondeste “sim” quem é que te informou sobre bullying ou cyberbullying?</i>	74
Gráfico 23	<i>E em tua casa ou lugar onde vives, já alguma vez conversaram contigo sobre bullying ou cyberbullying?</i>	74
Gráfico 24	<i>...em que locais é mais normal ocorrer este tipo de situações?</i>	76
Gráfico 25	<i>O que é para ti o bullying?</i>	77
Gráfico 26	<i>O que é para ti o cyberbullying?</i>	77
Gráfico 27	<i>Alguma vez já te aconteceu isto, ficares fora de um jogo na brincadeira?</i>	78

Gráfico 28	<i>E tu? Já alguma vez implicaste com os teus colegas?</i>	79
Gráfico 29	<i>Já alguma vez sentiste que os teus colegas te puseram de parte? Se “sim” diz-nos quais foram os motivos:</i>	79
Gráfico 30	<i>Se alguma vez algum colega te faz mal ou fez sentir mal, dá-nos informações sobre ele:</i>	80
Gráfico 31	<i>Tens telemóvel?</i>	81
Gráfico 32	<i>O teu telemóvel dá para tirar fotografias e fazer pequenos vídeos?</i>	81
Gráfico 33	<i>No caso de usares internet, em que mais lugares o fazes?</i>	82
Gráfico 34	<i>No caso de navegares na internet, em que atividades passas mais tempo?</i>	83
Gráfico 35	<i>Quantas horas passas por dia na internet ?</i>	83
Gráfico 36	<i>Qual ou quais contas de email possuis? (...se tens alguma)</i>	84
Gráfico 37	<i>Qual ou quais contas de email possuis?</i>	84
Gráfico 38	<i>Qual ou quais as redes sociais onde possuis conta? (...possuir alguma)</i>	85
Gráfico 39	<i>Qual ou quais as redes sociais onde possuis conta?</i>	86
Gráfico 40	<i>Qual ou quais as redes sociais onde possuis conta? (Facebook)</i>	87
Gráfico 41	<i>De todas as coisas que fazes quando navegas na internet, qual é aquela que mais gostas?</i>	87
Gráfico 42	<i>O que costumavas fazer primeiro quando chegas a casa? (por atividade)</i>	88
Gráfico 43	<i>Quais são as últimas coisas que fazes antes de te deitar?</i>	89
Gráfico 44	<i>Quando tens tempo livre, costumavas jogar no computador ou consola?</i>	89

ÍNDICE DOS ANEXOS

Anexo I – Questionário

Anexo II – Ofício de Autorização ao Agrupamento de Escolas

Anexo III – Declaração de Autorização aos Encarregados de Educação

ABREVIATURAS E SIGLAS

DREN – Direção Regional de Educação do Norte

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

PTE – Plano Tecnológico da Educação

UNESCO - Programa das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

OMS – Organização Mundial de Saúde

CEB – Ciclo de Ensino Básico

EVT – Educação Visual e Tecnológica

Introdução

O que se pretende com esta investigação é ter uma noção, tão objetiva quanto possível, da realidade presente em crianças do 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico num agrupamento de escolas do interior norte de Portugal, no âmbito dos comportamentos e hábitos em relação às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e suas implicações.

Partimos para esta investigação conscientes das dificuldades e barreiras com que nos iríamos debater, visto se tratar de comportamentos na pessoa humana, o que implica algumas limitações na angariação de dados referentes à família.

A escolha deste tema é pertinente pela sua atualidade e perigosidade, pois os meios de comunicação nem sempre são convenientemente utilizados o que poderá implicar danos psicológicos, físicos e sociais, temporários ou mesmo permanentes.

Assuntos como as TIC na família, a origem do computador, a história da informática, a internet, bem como, a falta de ética e a violência existente nas diversas tecnologias mais utilizadas, fazem parte da fundamentação teórica desta investigação.

As principais dificuldades sentidas dizem respeito, essencialmente, à temática em causa e à idade do público alvo.

Estes conceitos anteriormente referidos estão intimamente ligados com a prática da violência nos meios de comunicação em geral e da internet em particular. Fenómenos como Bullying e Cyberbullying estão cada vez mais relacionados com a violência entre pares.

Resolvemos fazer uma investigação nesta área com objetivo de identificar ocorrências nestas temáticas relacionadas com a violência e, ao mesmo tempo, pudermos contribuir de alguma forma, para a minimizar, reduzindo os danos que dela advêm.

Estamos cientes que, nos últimos anos, se verificou um desenvolvimento ao nível tecnológico, que se arreigou na sociedade desmesuradamente e ao qual, não foi dado o devido valor, nem a informação essencial de forma a prevenir diversos riscos que se tem vindo a refletir negativamente nas mais novas gerações.

É necessário criar diferentes formas de pensar e atuar para minimizar os danos colaterais originados com a facilidade de informação a diminuta filtragem da mesma.

Ha llegado el momento de actuar. Los padres necesitan tener más control. El público debe pressionar a los patrocinadores, productores y legisladores para que se ocupen de la violencia. Y todos debemos actuar. El futuro de nuestros niños y de la sociedad en su conjunto es demasiado precioso como para quedarnos parados. (Sanmartín, et al, 1998, p.125)

A Internet e as redes sociais, a televisão, as consolas, a rádio e a publicidade, vieram alterar comportamentos, introduzir novos valores e estabelecer outras formas de relação entre os indivíduos e as massas, modificando a maneira de compreender o que nos rodeia e a forma de nos relacionarmos.

Com o passar do tempo e cada vez mais, substituímos a sociabilização tradicional por uma mais virtual que, na maior parte dos casos, pode anular a própria necessidade da exigência do “outro” para interagir, comunicar, ensinar e aprender.

Pretendemos ainda com este trabalho recolher bibliografia que reflita sobre os riscos inerentes à tecnologia, de forma a tentar dar resposta a algumas dúvidas e questões que imperam hoje e ao mesmo tempo servir de base teórica a esta dissertação de mestrado.

A primeira parte (Enquadramento Teórico) contempla dois capítulos: *As Tecnologias da Informação e Comunicação* e *A Ética na Comunicação e na Informática*.

Os dois capítulos seguintes, nomeadamente *Desenho da Investigação* e *A Apresentação, Análise e Discussão de Resultados* enquadram a segunda parte (Enquadramento Empírico).

Este trabalho académico culmina com uma síntese final, onde para além da abordagem dos assuntos mais pertinentes relacionados com as Questões de Investigação, se incluem algumas sugestões para investigações futuras.

I Parte – Enquadramento Teórico

1. AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

1.1. Uma breve abordagem sobre a origem do Computador

Jamais poderemos falar em informática sem nos remetermos para os computadores, sua origem e desenvolvimento até à atualidade. Por este facto, passo a fazer uma breve abordagem a estas máquinas de origem milenar.

Podemos dizer que o primeiro antecessor dos computadores, foram os dedos das mãos. Foi algo que o homem se baseou para o ajudar a realizar cálculos (surgiu então a palavra “digital” oriundo de “digito” que significa dedo).

Desse momento até à presente data foram surgindo novas ferramentas para nos ajudar nos cálculos.

Uma dessas ferramentas foi o Ábaco que, segundo a história, apareceu à mais de 5000 anos, numa fase inicial, bastante arcaico, recorrendo aos socalcos e às pedras. Só um milénio mais tarde é que o Ábaco se assemelhou ao que conhecemos na atualidade.

Até ao início do séc. XVII não se registou mais nenhuma invenção que ficasse registada, até que surgiram os Bastões de Napier (tabelas móveis de multiplicação e divisão em marfim).

Cerca de uma década mais tarde apareceram as Réguas de Cálculo, bastante influenciadas pelas Tabelas de Napier. Estas réguas tinham uma forma circular e foram consideradas como um dos dispositivos analógicos de computação.

A Régua de Cálculo e as calculadoras mecânicas foram utilizadas até ao início da década de 70 do século passado, momento esse em que apareceram as calculadoras eletrónicas que ainda hoje utilizamos.

Os primeiros computadores, ou de *Geração Zero*, apareceram no século XVII e eram compostos exclusivamente por elementos mecânicos. Além disso, caracterizavam-se por uma grande rigidez no que diz respeito aos programas a executar, a grande parte delas sendo o que se chama hoje de *máquinas dedicadas*.

Nesta época destaca-se Blaise Pascal que desenvolveu uma máquina de calcular totalmente mecânica, a Calculadora de Pascal, também chamada “*Pascaline*”

Ainda no século XVII, na década de 70, aparece a *Calculadora de Leibniz*, uma máquina mais evoluída.

Com a revolução Industrial surgiram necessidades de agilizar os cálculos, a Placa Perfuradora introduziu um novo conceito de armazenamento de informações. Seguiu-se o *Arithmometer* (máquina capaz de efetuar as quatro operações) sendo esta a primeira calculadora realmente comercializada com sucesso,

A *Máquina Diferencial de Babbage (1823)*, o seu construtor, Charles Babbage é considerado o precursor dos modernos computadores eletrónicos digitais. Posteriormente, e cada vez mais evoluídas e mais completas, surgiram as *Máquinas Analítica e de Hollerith*.

Após o final da 1ª grande Guerra deu-se início às Máquinas de Primeira Geração, tudo isso porque surgiram projetos baseados na utilização de relés e válvulas eletrónicas. Isto veio dar uma maior velocidade de processamento, menos erros de cálculo e menor tempo gasto em manutenção. Mas possuíam alguns inconvenientes e constrangimentos tais como: custo elevado, relativa lentidão, com pouca fiabilidade, grande quantidade de energia consumida e necessitavam de grandes instalações devidamente ventiladas para arrefecer e ventilar as cerca de 20.000 válvulas.

Os computadores que mais se destacam dessa época foram o MARK I, ABC e *ENIAC* (o primeiro grande computador digital).

Dez anos após a 2ª grande Guerra entramos na época dos Computadores de segunda geração com a invenção do transístor, o aparecimento de memórias com anéis ferromagnéticos e fitas magnéticas, que permitiam uma capacidade muito maior de armazenamento e maior velocidade. Estes computadores, além de menores, eram mais rápidos e eliminavam quase que por completo o problema do aquecimento, característico da geração anterior.

Nesta geração a IBM assumiu uma posição dominante na indústria de computadores.

Um dos computadores mais comercializados foi o IBM 7090, que tinha um custo de mais de dois milhões e meio de Euros.

Entre 1965 e 1980 sucederam os Computadores de Terceira Geração. Esta geração é marcada pela substituição os transístores pelos circuitos integrados, ou seja o “*chip*”. Surgiram então computadores de menores dimensões, mais rápidos e mais acessíveis.

Uma outra característica desta geração foi o conceito de multiprogramação (vários programas na memória do computador).

No início dos anos oitenta apareceram os Computadores de quarta geração, como características essenciais destacam-se, o menor tamanho, maior rapidez e mais potência que os da geração anterior.

Desde o início da década de 80 os preços tinham caído de tal maneira que já começava a ser possível a sua aquisição por particulares, começava então a era da informática pessoal.

No início dessa geração nasceu a Intel, O primeiro microcomputador da história foi o Altair 8800, que usava o chip Intel 8088, tornou-se padrão mundial da época para os microcomputadores de uso pessoal, abrindo uma nova era na história da informática. Stephen Wozniak e Steve Jobs formaram em 1976 uma pequena empresa, a Apple, onde construíram, numa garagem, o Apple I. Um ano depois, com um novo e melhor projeto, surge o Apple II - primeiro microcomputador - com grande sucesso comercial e, mais tarde, o Apple III. Em 1983 entra no mercado o Lisa e em 1984, o Macintosh, com tecnologia de 32 bits.

1.2. A História da Informática

A Informática engloba tudo o que está relacionado com o desenvolvimento e uso dos computadores que permitam aperfeiçoar e automatizar tarefas em diversas áreas da nossa sociedade. Podemos definir a informática como a “ciência do tratamento automático das informações”. Muito mais que a programação de computadores para fazerem tarefas determinadas, a informática estuda a estrutura e o tratamento das informações sob suas mais variadas formas: números, textos, gráficos, imagens, sons, etc. ¹

Os computadores são apenas meros instrumentos para facilitar o tratamento da informação.

A crescente evolução na área de Informática, particularmente no que diz respeito ao desenvolvimento de equipamentos de informática (processadores cada vez mais velozes, o surgimento de novas tecnologias de armazenamento de dados e novos periféricos), aliada às constantes quedas nos preços do hardware, possibilitou um avanço da informática na quase totalidade das atividades humanas.

¹ Os dados referenciados neste tópico foi baseado em Informações extraídas de: <http://sites.google.com/site/informaticanaeducacao3107/conceito-de-informatica>

Como consequência disto, é real a necessidade de que, em cada área, os profissionais desenvolvam um conhecimento da tecnologia de Informática que seja útil na solução dos problemas relacionados com cada uma das profissões.

Como tudo tem um início, vou descrever sucintamente os conceitos básicos da informática e também a origem dos computadores que se supõe ter sido há mais 5000 anos, segundo diversas escavações arqueológicas que se tem vindo a fazer.

O computador é um instrumento capaz de receber, armazenar, tratar e produzir informações de forma automática, com grande rapidez e precisão. A evolução dos sistemas de computação teve seu início no século XVI, mas estes somente se mostraram úteis no século passado, e sua vulgarização deu-se graças à recente evolução dos pequenos componentes da eletrónica.

Com a evolução do computador surgiram as primeiras interações sociais que foram uma sequência de memorandos escritos por Licklider, do Massachusetts Institute of Technology, no verão de 1962, relacionados com o conceito da "Rede Galáctica".

Esta "rede", baseava-se em vários computadores ligados entre si onde todos poderiam aceder a dados e programas de diferentes origens de localização, muita rapidamente.

De uma forma geral, este conceito assemelha-se à "internet" de hoje.

Licklider nasceu em 1915. Frequentou a Washington State University em Saint Louis onde realizou três bacharelatos: em Física, Matemática e Psicologia. Efectuou o seu doutoramento em psicofisiologia do sistema auditivo. A partir de 1942 trabalhou no "Harvard Psychoacoustic Laboratory". Em 1950 transferiu-se para o MIT, onde entrou em contacto, pela primeira vez com a computação. Fez parte integrante de um projecto, durante o tempo da "Guerra Fria" designado "SAGE", onde desenvolveu defesas anti aéreas controladas por computador, para aumentar a capacidade de defesa contra a aviação soviética.

Enquanto gerente do projecto "DARPA" (iniciado em outubro de 1962), Licklider, convenceu os seus sucessores Ivan Sutherland, Bob Taylor e Lawrence G. Roberts da importância e eficácia dos computadores ligados por redes. Publicou em 1960, a sua obra de referência "*Man Computer Symbiosis*", com o intuito de desenvolver a:

(...) cooperative interaction between men and electronic computers. It will involve very close coupling between the human and the electronic members of the partnership. (Licklider, 1960)²

No início da década de “70”, os utilizadores da rede finalmente puderam começar a desenvolver as suas aplicações. Em outubro de 1972, na Conferência Internacional de Comunicação entre Computadores (ICCC), Kahn organizou uma demonstração em grande escala e com sucesso sobre a ARPANET. Apesar da primeira demonstração pública de rede para o público ser no ano de 72, foi três anos antes que ela iniciou funções:

(...) in 1969, work began on the ARPAnet, grandfather to the Internet. Designed as a computer version of the nuclear bomb shelter, ARPAnet protected the flow of information between military installations by creating a network of geographically separated computers that could exchange information via a newly developed protocol (rule for how computers interact) called NCP (Network Control Protocol).³

Ainda no decorrer do ano de “72” que o correio eletrónico, segundo a aplicação "hot", foi introduzido. Ray Tomlinson, escreveu o software básico de e-mail com as funções de "enviar" e "ler", motivado pela necessidade dos investigadores da ARPANET, para melhor coordenação e facilidade de manuseamento. Roberts melhorou a utilidade do e-mail com as funções de “ordenar”, “ler selectivamente”, “arquivar”, “encaminhar” e “responder” a mensagens.

Foi a partir deste momento que o correio eletrónico se tornou a maior aplicação de rede até aos anos “80”. Esta foi a rampa de lançamento para o que hoje conhecemos da web, onde as aplicações, softwares e ferramentas fazem parte da realidade atual.

No site *about.com Inventors* de Mary Ballis, encontra-se uma citação extraída no Relatório do Departamento dos EUA "The Emerging Digital Economy" que relata bem a evolução que a internet teve em relação aos restantes meios de comunicação existentes na época: *"The Internet's pace of adoption eclipses all other technologies that preceded it. Radio was in existence 38 years before 50 million people tuned in; TV took 13 years to reach*

² *Man Computer Symbiosis*. EUA: The Behavioral Sciences Division, Air Force Office of Scientific Research and Development Command, through Contract No. AF-49(638) - 355.
(Manuscrito recebido pelo PGHFE em 13 de janeiro de 1960 e revisto em 18 de janeiro do mesmo ano)

³ idem

that benchmark. Sixteen years after the first PC kit came out, 50 million people were using one. Once it was opened to the general public, the Internet crossed that line in four years."

A evolução que se tem vindo a verificar na área da informática e a cada vez maior utilização da World Wide Web originou uma nova comunidade: o W3C-World Wide Web Consortium. Inicialmente sob a orientação do laboratório para a Ciência da Computação do MIT, por Tim Berners-Lee (o inventor do WWW) e Al Vezza.

1.3. A Internet e a Web (World Wide Web)

Estes dois termos tão comumente utilizados na atualidade, embora relacionados, são distintos.

A Internet tem transformado o mundo da informática e das comunicações como poucas invenções até à data. A descoberta e criação do telégrafo, telefone, rádio, da televisão e do computador prepararam o terreno para o futuro. A Internet é, de uma forma generalizada o meio de, ao mesmo tempo, difundir a informação pelos cinco continentes em tempo real e também fazer com que todos os seus intervenientes possam comunicar utilizando o computador como ferramenta.

A ARPANET foi a primeira rede a ser implementada, em 1969. Mesmo depois de outras redes de computadores terem surgido, ela manteve-se durante praticamente toda a década de setenta do século passado como a mais importante. Apesar desse domínio, é notável que já no início dessa década tenha surgido a ideia daquilo que viria a ser a Internet. (Rosa, 2012, p.113)

A Internet é uma infraestrutura em rede que liga um conjunto de computadores, independentemente do seu espaço geográfico, formando uma rede em que todos podem estar em contacto, ou seja, a Internet é um sistema global de comunicações.

Por outro lado, a Web é simplesmente uma das formas pela qual a informação pode ser difundida com recurso à Internet. Esta utiliza protocolos para transmitir informações utilizando os browsers que são programas desenvolvidos capazes de processar diversas linguagens (como HTML, ASP, PHP).

Os mais comuns browsers são o Internet Explorer (surgiu em 1995 e com grande implementação de mercado até meados da década passada), o Safari (lançado em 2003 pela Apple), o Mozilla Firefox, criado em 2004 e o Google Chrome, disponibilizado pelo Google em 2008.

A Internet foi das maiores e melhores invenções para a divulgação e pesquisa de informação. Começando com as primeiras pesquisas em trocas de pacotes, o governo, a indústria e o meio académico têm sido parceiros na evolução e uso desta nova tecnologia.

Segundo Rosa (2012), foram investigadores da Agencia de Investigação Norte Americana agrupados e orientados por Licklider e posteriormente por Charles Taylor que no final da década de 60 do século passado, implementaram a primeira rede de computadores.

A história envolve quatro aspetos bem distintos: as trocas de pacotes e a ARPANET; infraestrutura operacional complexa e global; aumento da comunidade internauta e evolução da tecnologia e a comercialização a nível global.

A ARPANET foi até ao final da década de 70 a mais importante das redes existentes à data. Com o surgimento dessas novas redes, houve a necessidade de as ligar entre si. Para que tal acontecesse foi desenvolvido um protocolo standart TPC (transmission-control protocol), que posteriormente se passou a designar TCP/IP. O protocolo inicial foi proposto por Robert Kahn e Vinton Cerf em 1974.

A Internet baseou-se na ideia segundo a qual existiriam muitas redes independentes com design bastante arbitrário, começando com a ARPANET como a rede de comutação de pacotes pioneira, mas que em breve deveria incluir redes de satélites, redes de rádio baseadas em terra e outras redes. A Internet tal como hoje a conhecemos implementa uma ideia técnica chave: uma arquitectura aberta de redes. (Leiner et al, 1997).

Esta ideia de Leiner e associados espelha a atual noção de Internet:

(...) um grande número de redes independentes que se foram progressivamente conectando entre si através de protocolos comuns. (...) o TCP/IP. (Rosa, 2012, p.114)

A Internet hoje é uma *autoestrada de informação*, inicialmente chamado Infraestrutura Global ou Galáxica da Informação. A sua história é complexa e multidimensional, engloba tecnologia avançada para uso de particulares, de empresas, organizações e inúmeras comunidades.

O seu domínio não tem a ver só com questões de comunicação via computador mas com a sociedade em geral, uma vez que através dela podemos comercializar, pesquisar, comunicar, socializar, viajar, ensinar, formar, entre muitas outras ações realizadas online.

1.3.1. Os conceitos iniciais da Internet

A Internet foi baseada na ideia de partilha de informação no mínimo espaço temporal, onde existiriam diversas redes independentes de desenho arbitrário, tendo como origem a ARPANET. A Internet é hoje uma rede de arquitetura aberta.

A Internet desenvolveu-se com a ideia também de diminuição de custos com a duplicação de equipamentos, desta forma passou a existir o compartilhamento de recursos. O correio eletrónico fez com que um maior número de pessoas pudesse comunicar entre si, inicialmente num contexto mais limitado e posteriormente na sua utilização pela sociedade em geral.

Outro tipo de aplicações surgiu, como sendo a comunicação por voz, diferentes formas de compartilhamento de arquivos e discos e os primeiros programas. A Internet não foi concebida e estruturada para apenas uma aplicação mas é uma infraestrutura genérica na qual novas aplicações podem ser concebidas, como surgiu com a World Wide Web. Foi e é a essência do serviço provido pelos protocolos TCP e IP que tornam isso possível.

1.3.2. Vantagens e desvantagens

Tal como em outros meios de comunicação, informação e divertimento, a “Internet” pode provocar dependência. Com a evolução das novas tecnologias e grande investimento na indústria de softwares (lúdicos, educativos, utilitários...), melhoraram-se equipamentos, facilitaram-se acessos, ampliou-se a motivação o que tem vindo a implicar um cada vez maior número de internautas e uma utilização mais assídua.

Castells (2004) refere que a internet contribui para um sistema científico global, conduzindo a alterações na economia, na cultura e no quotidiano de cada um.

O que poderemos então usufruir com recurso à Internet?

- acesso a uma quantidade imensa de informação sobre qualquer tema;
- oportunidade de escolha sobre o que desejamos ver, ler ou saber;
- rapidez na procura de informação, em qualquer lugar, num determinado momento.
- maior número de “amizades virtuais” (podendo ocultar ou não as informações que acharmos convenientes por segurança);

...

A Internet não só nos facilita a possibilidade de pesquisa de informação como também o poder de interagir em tempo real com qualquer pessoa do globo.

Por estes e muitos outros motivos a “Internet” torna-nos pessoas mais atualizadas, mais cultas; apura-nos o sentido crítico, obriga-nos a pensar, e torna-nos indivíduos mais racionais, tanto que por vezes, pomos de parte os nossos sentimentos ao ponto de nos esquecer que somos humanos e não máquinas.

E é aqui que surgem as **desvantagens** da Internet.

Hoje em dia, investigar e estudar com recurso à Internet tornou-se banal, trabalhar em casa, relacionar-se, diverte-se, enfim, depende-se dela para quase tudo. Isto leva-nos a pensar que, com o passar do tempo, as pessoas tendem a tornar-se individualistas, estáticas, alheias do mundo real e antissociais.

Para além de tudo, a Internet tira-nos muito do nosso pouco tempo, o qual seria mais bem passado se fosse junto da família e amigos.

Este é, sem dúvida alguma, um dos grandes dilemas do nosso tempo, que pode implicar uma frieza ao nível dos sentimentos e emoções.

Segundo Levy (2000) acrescenta o problema do isolamento, da dependência e ainda da dominação (domínio e influencia das potencias económicas sobre a rede). Ainda que considerando a pertinência da influência destes fatores nefastos, a verdade é que não devem obstar a que consideremos dos inúmeros aspetos positivos que nos podem trazer.

Mas a informação disponível, nem toda é credível ou verdadeira o que nos pode remeter ao equívoco.

Uma outra grande desvantagem, possivelmente a mais perigosa, é o facto de não suspeitarmos que ao mesmo tempo que navegamos, estamos a ser observados por uma imensidão de pessoas e empresas que tem interesses em dados pessoais, tanto económicos como de carácter criminal que podem por em causa a nossa segurança (falta de privacidade).

O que se tem vindo a confirmar, ao longo das últimas décadas, é que são as crianças e jovens que estão mais vulneráveis. Imagens e informações tais como as que se referem a sexo, pornografia, violência, drogas e armas, são alguns dos temas que se podem encontrar facilmente em simples pesquisas nos motores de buscas.

Surgem então algumas questões que requerem reflexão:

- Será que a Internet pode ser classificada como credível?
- Quantos problemas sociais, guerras, conflitos, atentados, falsificações, imitações, violações de direitos de autor, não foram, são e serão orquestrados via Internet?

- Quantas pessoas já tiveram, têm e terão sequelas devido a *ela*, quantas ficaram deprimidas, dependentes ou foram insultadas, assediadas, desencaminhadas, discriminadas, mal informadas e maltratadas?

1.4. A Sociedade da Informação

Durante a década de 80, novos termos surgiram como foi o caso da **cibercultura**, proposto por Pierre Lévy (2000) e **ciberespaço** pelo escritor americano William Gibson. O ciberespaço é definido como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores.

Segundo Santaella (2002, p.45) numa perspetiva de cibercultura,

“(...) quaisquer meios de comunicações ou mídias são inseparáveis das suas formas de socialização e cultura que são capazes de criar, de modo que o advento de cada novo meio de comunicação traz consigo um ciclo cultural que lhe é próprio”).

O ciberespaço é muito mais que um meio de comunicação. Ele integra e redimensiona uma infinidade de *medias* e interfaces como é o caso de: jornais, revistas, rádio, cinema, televisão bem como uma pluralidade de interfaces que permitem comunicações síncronas e assíncronas a exemplo dos chats e fóruns de discussão, blogs dentre outros. Neste sentido o ciberespaço além de se estruturar como um ambiente virtual de aprendizagem e socialização universal que conecta redes do mundo inteiro.

Estes são algumas das designações também utilizadas quando nos queremos referir à Sociedade da Informação. Atualmente a tecnologia digital permite-nos minurar tempo e distância, aumenta-nos a comodidade e garante-nos informação em tempo real com um elevado grau de segurança.

O uso das TIC tem vindo a enraizar-se em todos os setores da sociedade, com principal incidência na educação ao abrigo da conceito de sociedade da informação que aparece relacionada com os fatores positivos que as tecnologias representam atualmente.

Segundo um dos autores referência, o sociólogo espanhol Castells (2007), alude que foi com o desenvolvimento das TIC que o volume e diversidade de informação, em questões de produção, processamento e transmissão se tornou o principal pilar da produtividade, envolvendo todo um conjunto das relações e estruturas sociais.

O cerne da sociedade da informação liga-se às questões que envolvem o acesso, armazenamento e tratamento da informação. A evolução tecnológica,

particularmente centrada no progresso dos meios informáticos, trouxe possibilidades verdadeiramente inimagináveis até há algumas décadas. (Escola, 2005, p.346)

A Sociedade de Informação caracteriza-se por ser uma *Sociedade em Rede* – um conjunto de nós interligados. Já Castells (2004), anteriormente, elencava que as redes não são mais do que uma forma secular da atividade exercida pelo homem que hoje adquiriram uma nova vida ao transformarem-se em redes de informação, muito à custa da internet.

Castells refere ainda que a sociedade em rede *é a estrutura dominante do planeta* na qual a tecnologia e a ciência formam as *forças produtivas essenciais*, mas que dependem da qualidade da educação ministrada e, onde a internet é a base do novo sistema tecnológico:

(...) a sociedade em rede só se pode desenvolver a partir de um novo sistema tecnológico, o das tecnologias de informação e comunicação de base microelectrónica e comunicação digitalizada. (Castells, 2005, p. 20)

1.5. As TIC e a Família

1.5.1. A família

Apesar da noção básica de *família* estar associada à noção de consanguinidade, ela ultrapassa em larga medida essa perspetiva. Segundo Flores (1994), há algo a considerar para além dos laços de sangue, o *lar*, como sendo a relação de coabitação que existe no mesmo espaço de um grupo de pessoas ligadas entre si.

Atualmente a família já não é aquela instituição do passado. Hoje as crianças passam menos tempo no ambiente familiar que outrora era rico em questões de educação. Cada vez mais cedo são entregues aos cuidados das escolas, o tempo de partilha familiar tem vindo a reduzir e o pouco existente é dividido com as novas tecnologias como a televisão, computador e/ou consolas de jogos.

Em relação à criança, o papel da família diz respeito, em primeiro lugar, à satisfação de necessidades básicas mas, não podemos esquecer que a família também assume funções diversas como é o caso do desenvolvimento e afirmação de identidade, socialização, equilíbrio na afetividade, segurança emocional e formação de valores. Esta tem uma função essencial na formação da personalidade da criança, da estabilidade, solidariedade e compreensão, pois o ambiente familiar refletir-se-á nos seus comportamentos e na sua

observação do mundo.

O respeito pelo espaço onde vivemos torna-se imperativo, pois a influência da família pode variar, conforme as experiências vividas no seu seio, esta deve ser vista como um sistema social restrito onde, num mesmo espaço, haja partilha e construção de planos conjuntos para o bem comum.

" (...) a família é uma rede complexa de relações e emoções que não são passíveis de ser pensadas com os instrumentos criados para o estudo dos indivíduos (...). A simples descrição de uma família não serve para transmitir a riqueza e a complexidade relacional desta estrutura". (Gameiro, 1992, p.187)

Quanto ao seu funcionamento, a família sofre, constantemente, influências externas, reage a pressões do meio e ao mesmo tempo tenta ter em conta as suas características internas, como é o caso das normas, hábitos e dos comportamentos.

A família é, na linha de pensamento de Andolfi (1981, p.20), *é um sistema aberto constituído por muitas unidades ligadas no conjunto por regras de comportamento e funções dinâmicas, em constante interação entre elas e em intercâmbio com o exterior.*

O espaço onde vivemos tem que ser protegido e conservado para não degradar a qualidade de vida e o bem estar.

Como refere Cardoso, et al (2007, p.418):

A família no início do século XXI encontra-se em processo de reconfiguração e democratização negocial entre pais e filhos. A família na sociedade contemporânea poderá, talvez, como sugere Manuel Castells, estar perante o desafio de integrar as características da sociedade em rede nas relações familiares: flexibilidade, autonomia, adaptabilidade.

Com a entrada no terceiro milénio, muitas foram as alterações estruturais de carácter social e profissional que se verificaram. No seio familiar surgiram questões pertinentes relativas à função da família em relação à presença e supervisão sobre os mais novos.

Poder-se-ia perguntar pelo papel, função ou responsabilidade da família quando mais se faz sentir a necessidade da sua presença e intervenção? O seu papel está a ser substituído pelos pares, ou seja, por crianças e jovens com os mesmos problemas, que se confrontam com as mesmas dúvidas, que se deixam guiar pela mesma curiosidade. De forma gradual a família está a deixar de ser a referência em que a criança estrutura a sua personalidade e conduta, com os perigos que esta transformação acarreta.

A família jamais poderá descorar a sua função primordial de transmissão de valores, conhecimentos e de responsabilidade legal e moral na educação e desenvolvimento. Desta forma conseguirá criar seres dotados dos meios intelectuais e morais para se orientarem com dignidade e retidão na sociedade.

Terá igualmente de continuar a ter um papel presente e ativo na orientação do trajeto dos seus educandos, com vista ao combate e minimização da maior parte dos riscos que podem surgir com o excesso de exposição às TIC. Desta forma minimizará, certamente, a possibilidade de comportamentos desviantes que tanto nos preocupam atualmente.

1.5.2. As TIC na Família

Segundo o INE, as TIC estão cada vez mais presentes no seio da família (2002, 2004, 2009 e 2012).

De todas as iniciativas que foram concebidas e postas em prática desde 1986, com vista a aumentar a literacia digital, sem dúvida alguma que, o programa de distribuição de computadores portáteis no 1º CEB (*e.escolinha*), iniciado no ano escolar de 2008/9, tem a particularidade de ampliar e incentivar largamente o uso das TIC, tanto no meio escolar como familiar. A iniciativa *e-escola* visou também o uso de computadores portáteis nos 2º e 3º Ciclos e no Ensino Secundário.

Este tipo de iniciativas renderam efeitos muito positivos em crianças, jovens e professores, com vista ao combate à infoexclusão, já que de alguma forma, promoveram a inovação, o uso da tecnologia e a sociedade do conhecimento. Com a possibilidade de acesso a estes recursos, nos contextos escola/casa, diversificaram-se as aprendizagens escolares e reduziu-se, em grande parte, as desigualdades de oportunidades na utilização das TIC.

O investimento com as tecnologias nas famílias, tem vindo a aumentar de ano para ano. A educação escolar surge como o motivo principal para as famílias, em geral, adquirirem computador e optarem pela ligação à Internet, como refere Rodrigues & Mata (2003). Salientam-se aquelas que possuem filhos dependentes em detrimento das restantes, segundo Almeida *et al.* (2008).

O uso no processo educativo dos computadores no seio familiar difunde-se a diversos grupos sociais, pois as TIC podem ter um impacto positivo na sua escolaridade (Fuch & Wossman, 2004). Estas apresentam-se como uma *mais valia* ao acesso do conhecimento, com um potencial efeito de compensação do meio social de origem. Por outro lado, podem potenciar a comunicação no processo de interação entre a escola e a família com os

consequentes efeitos escolares e sociais que daí poderão decorrer, desde logo para as crianças (Martinez-Gonzalez, Pérez-Herrero, & Rodríguez-Ruiz, 2005, Wiedemann, 2003).

1.6. Definição e função das TIC?

A tecnologia está em constante evolução desde os primórdios. O que hoje é atual no mercado, amanhã está desatualizado, tudo avança à velocidade da luz. Weingartner e Postman (1981, p.26) refletem essa mesma evolução quando referem:

Há três minutos chegaram o telégrafo, a fotografia e a locomotiva. Há dois minutos o telefone, a prensa rotativa, películas animadas, o automóvel, o aeroplano e a rádio. Há tão somente um minuto, o cinema sonoro. A televisão apareceu nos dez últimos segundos, os computadores, nos últimos cinco, e os satélites de comunicação no último. O raio laser – quiçá o mis poderoso meio de comunicação – surgiu há tão somente uma fracção de segundo.

Ainda na mesma linha de pensamento, a alguns segundos atrás surgiu a Internet, base atual das TIC, sendo este o grande desafio no universo da informação.

As tecnologias da informação e comunicação são um conjunto de serviços, redes, softwares e equipamentos que tem como principal objetivo a ajuda na qualidade de vida da sociedade em geral.

No APDSI (2011, p.123) o termo “tecnologias da informação e comunicação”, após o grande desenvolvimento atual da multimédia e das telecomunicações, designadamente quanto às redes de computadores e muito especialmente quanto à Internet, considera a seguinte definição:

Integração de métodos, processos de produção, hardware e software, com o objetivo de proporcionar a recolha, o processamento, a disseminação, a visualização e a utilização de informação, no interesse dos seus utilizadores.

Estas integram todas as tecnologias da comunicação tradicionais como a televisão e a rádio e as mais recentes, nomeadamente a Internet e os telemóveis de última geração.

As TIC são ferramentas, suportes e canais que processam, armazenam, sintetizam, recuperam e apresentam a informação de uma forma diversificada.

Tem evoluído ao longo do tempo e, neste momento, os computadores e a internet, estão na ordem do dia.

Toda a inovação, a elas inerente, veio derrubar barreiras geográficas, temporais e sociais. Verificou-se uma explosão, sem antecedentes, da maneira de comunicar desde dos anos noventa, graças as tecnologias da informação e comunicação. Muito ajudou a criação dos computadores e o aparecimento da internet.

A internet passou a ser um instrumento de toda a comunidade científica e tem vindo a modificar a forma de comunicar e interagir socialmente.

Estas tecnologias são responsáveis pelo processamento, armazenamento e apresentação de todo tipo e forma de informação englobando um conjunto de suportes, ferramentas e canais para o tratamento e acesso da mesma.

Para além de mais constituem uma nova forma de registar, armazenar e difundir todo tipo de conteúdos, referimo-nos por exemplo a computadores associados a projetores de vídeo, blogues, sites...

Quando falamos da educação, podemos ver as TIC como meios e não como fins para facilitar e enriquecer a aprendizagem, tanto na maioria das crianças e jovens como naquelas com mais dificuldades no processo educativo quanto às especificidades dos ritmos, métodos e formas.

1.6.1. Como se caracterizam as TIC ?

As tecnologias da informação e comunicação são parte integrante da sociedade tecnológica atual que nos rodeia e com a qual temos que conviver, pois tem a capacidade de melhorar as nossas competências físicas e mentais e a possibilidade de nos desenvolvermos socialmente.

No despertar do século XXI a relevância das Tecnologias da Informação e a Comunicação (TIC) é inquestionável. Cada dia, e incluso em cada momento, assistimos a novos desenvolvimentos das suas potencialidades em todos os campos do saber e da cultura. (Raposo Rivas, 2002:17)

As características mais distintas das novas tecnologias, segundo Cabero (1996), contemplam: imaterialidade, interatividade, instantaneidade, inovação, elevados parâmetros de qualidade de imagem e som, digitalização, influência sobre os processos em detrimento dos produtos, automatização, interconexão e diversidade.

Por darem acesso à possibilidade de novas formas de comunicação, podem ser definidas como criativas, inovadoras, dinâmicas. Surgiu a necessidade equacionar todas as questões relacionadas com a ética associadas às constantes transformações nas estruturas

económicas, culturais e sociais, já que o impacto causado em todas as dimensões do nosso dia a dia está a fazer com que não consigamos ponderar o não uso das mesmas.

Um fácil acesso a uma diversidade de informação de uma forma rápida e fiável com recurso a novos canais de comunicação imediata e interativos estão a marcar uma nova forma de viver em sociedade.

1.6.2. As TIC e as suas mais valias

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) são na actualidade um fenómeno cultural com profundas consequências para a identidade humana.
(Ponte, 2001, p.10)

As TIC vieram transformar totalmente a forma como olhamos para o mundo em tempo real, salientam-se positivamente nos setores da saúde, da educação, da economia e em tantos outros, no que diz respeito à quantidade de instrumentos e ferramentas com vista à investigação, prevenção, diagnóstico, tratamento, apresentação e divulgação:

- Na educação vieram permitir uma aprendizagem interativa, dinâmica, motivadora e a possibilidade de uma educação a distância.

- Ao nível laboral, cada vez mais existe a possibilidade de poder trabalhar longe do local físico da entidade patronal, bem como a criação de novas profissões relacionadas com a web, com o marketing, publicidade e a comunicação.

- Na saúde surgiram novas máquinas e softwares de diagnóstico e tratamento com maior precisão, menor invasão e mais eficácia, tanto no caso de equipamentos de uso no local da intervenção como à distância.

- Quanto à informação, vieram disponibilizar mais e melhores conteúdos, obtidos em qualquer coordenada num mais curto período de tempo.

De uma forma geral, surgiram para facilitar o mais comum dos mortais em diversas dimensões, a um custo menor, com maior comodidade, aumentando desta forma a sua qualidade de vida.

Segundo Boonem (2000), as TIC abrem novas perspectivas na aprendizagem, comunicação e formação de redes. De onde se pode destacar a capacidade de armazenamento de informação e a acessibilidade; em matéria de comunicação: os novos instrumentos ligam os indivíduos distribuídos por toda a parte: Internet, correio eletrónico, fóruns; novos instrumentos flexíveis em termos de tempo e/ou espaço, e largamente acessíveis (conferências eletrónicas, videoconferências, televisão interativa); novos métodos de

aprendizagem, no quadro de conjuntos multimédia e outros instrumentos e um novo potencial de estabelecimento de redes e relações.

Porém, torna-se indispensável estar a par da informação e acompanhar todo este progresso, ou podemos ser considerados iletrados, ultrapassados e inadaptados profissionalmente, caso não consigamos acompanhar, já que vivemos numa sociedade de informação, na era da comunicação.

Mas nem tudo são “rosas”, pois, perde-se a privacidade, aumenta-se a possibilidade de ocorrência de diversas fraudes, a sociabilização diminui, o isolamento social aumenta, reduz-se inúmeros postos de trabalho e surgem novas formas de violência como é o caso do cyberbullying.

As vantagens de vivermos numa sociedade de informação são inúmeras, na obstante, autores como Chesley (2005), Lanier (2010) e Turkle (2011) previnem para algumas efeitos negativos da tecnologia nas relações interpessoais. Comportamentos verificados diariamente em espaços públicos como cafés, restaurantes, meios de transporte, escolas e até mesmo no seio das próprias famílias, denotam indiferença com o outro e uma grande dose de individualismo, isto porque quando usamos equipamentos tecnológicos, desde o telefone, passando pelas consolas, televisão e internet temos tendência a nos alhear do meio físico envolvente e das pessoas que dele fazem parte.

1.7. As TIC e a Escola:

Uma breve resenha sobre o surgimento das TIC em Portugal - as iniciativas nacionais: os programas e os projetos.

Nas últimas duas décadas muito se fez em Portugal com o objetivo de difundir e enraizar as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

Referimo-nos a um conjunto de projetos, iniciativas e programas, aplicados pelos diferentes governos desde meados da década de 80. Recorrendo a uma pesquisa Vieira (2005) denominada “Educação e Sociedade da Informação: numa perspetiva crítica sobre as TIC num contexto escolar” salientamos algumas das principais iniciativas relativas à introdução das TIC em Portugal:

- A primeira grande iniciativa nacional de introdução das TIC nas escolas foi o Projeto Minerva – Meios Informáticos no Ensino: Racionalização, Valorização, Atualização –, que vigorou no período compreendido entre os anos de 1986 e 1994. (Despacho n.º 206/ME/85 de 31 de Outubro)

- Do Minerva emanaram duas iniciativas: os projetos IVA e FORJA. O Projeto IVA (Informática para a Vida Ativa), que vigorou durante os anos letivos de 1990/91 e 1991/92, foi concebido para os jovens do 12º ano que receberam formação ministrada de carácter técnico. Para isso foram criados laboratórios de informática. Foram envolvidas 28 escolas, 300 professores e 6000 alunos. O projeto FORJA (Fornecimento de Equipamentos, Suportes Lógicos e Ações de Formação de Professores) foi executado durante o ano de 1993. (O balanço final do Projeto Minerva permitiu constatar que houve uma grande mobilização dos professores e dos alunos envolvidos numa parceria única e com dimensão nacional.

- O Ministério da Educação, após um intervalo de dois anos iniciado com o término do Minerva, criou o Programa EDUTIC (Educação para as Tecnologias da Informação e Comunicação), em 1995. Este programa foi transformado posteriormente no Programa Nónio Século XXI. Este programa, iniciado em 1996, foi coordenado pelo Departamento de Análise, Prospecção e Planeamento, do Ministério da Educação, passando posteriormente para GIASE - Gabinete de Informação e Avaliação do Sistema Educativo. (Despacho N.º 232/ME/96, de 4 de Outubro de 1996)

- O Programa Ciência Viva, criado em 1996, tinha como função o apoio a ações dirigidas para a promoção da educação científica e tecnológica, junto dos jovens e na população escolar dos ensinos básico e secundário. (Despacho I N.º 6/MCT/96, de 01.07.96 e Programa Operacional Ciência, Tecnologia, Inovação 2000-2006, disponível em <http://www.qca.pt/po/download/pocti.pdf>.)

- Em 1997 foi lançado o “Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal” no âmbito da Iniciativa Nacional para a Sociedade da Informação¹², com um capítulo dedicado à “Escola Informada” que apontava o conjunto de medidas previstas para o desenvolvimento da sociedade da informação nas escolas. (Lançado em 1997 pela Missão para a Sociedade da Informação, o Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal, significou o ponto de partida mais determinante, tendo sido uma referência para o desenvolvimento de políticas nesta área.)

- No âmbito do *Programa Internet* na escola, em dois anos cerca de 1600 escolas dos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e Secundário, algumas do 1º Ciclo, bem como outras instituições, estavam ligadas à rede. No caso particular das escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico o apetrechamento e a ligação à Internet iniciaram-se em parceria com as autarquias. Em finais de 2001 estavam conectadas à Internet todas as 8 404 escolas públicas do 1º Ciclo do Ensino Básico e 1795 escolas do 2º 3º Ciclos e Ensino Secundário, o que colocava Portugal na linha da frente em termos de número de escolas ligadas à Internet no panorama europeu.

- Após a Cimeira Extraordinária de Lisboa, é lançada a Iniciativa Internet, em agosto de 2000. Procurou ser o primeiro plano de ação integrado para a Sociedade da Informação em Portugal e assumiu-se como um instrumento complementar do *eEurope 2002*. Neste âmbito é criado também em 2000 é criado o *POSI* - Programa Operacional para a Sociedade da Informação. Este pretendeu ser o principal instrumento financeiro do desenvolvimento da sociedade da informação em Portugal.

- Em 2002 foi assinado um protocolo entre o Ministério da Ciência e da Tecnologia (que incluía a FCCN para a coordenação e o apoio técnico e a uARTE para o apoio educativo) e as Escolas Superiores de Educação e Universidades, no qual as diferentes instituições do ensino superior ficavam com a tarefa de apoiar o uso e a dinamização da utilização educativa da Internet nas escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico. (*Programa Internet@EB1*, “Acompanhamento do Uso Educativo da Internet nas Escolas do 1º ciclo do Ensino Básico – execução do ano letivo de 2003/2004”, FCCN, disponível em <http://www.acompanhamento-eb1.rcts.pt>.)

- Em 2002, o XV Governo Constitucional criou a UMIC - Unidade de Missão para a Inovação e Conhecimento, uma estrutura de apoio ao desenvolvimento da política governamental para a sociedade da informação, inovação e governo eletrónico. Este governo criou a disciplina de TIC, recusando manifestamente a visão que defende a transversalidade da utilização das TIC, tornando-as um fim em si mesmo. Por isso, parece-nos que o atual enfoque sobre a Educação e as TIC é o retorno ao princípio da “alfabetização informática”

- A introdução do computador Magalhães no 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB) teve início no ano letivo 2008/09, no território português, ao abrigo do programa *e.escolinha*, no quadro do PTE (Plano Tecnológico da Educação), definido pelo XVII Governo Constitucional. Ao contrário de muitas outras políticas e iniciativas que têm sido

desenvolvidas nas últimas décadas, com o objetivo de promover as tecnologias de informação e comunicação (TIC) na educação, esta medida não se circunscreve ao espaço escolar. Uma das particularidades do programa de distribuição de computadores portáteis no 1º CEB é, precisamente, a de amplificar a sua intervenção, abarcando simultaneamente os contextos escolar e familiar, ao pretender promover o uso do computador e da Internet tanto na escola como em casa.

O que parece estar em causa é o uso precoce das TIC, assim como o alargamento da base social da sua utilização, não só na escola, mas também noutros contextos, nomeadamente na família, na medida em que, a promoção do acesso a estes recursos no contexto familiar poderá reforçar as aprendizagens escolares e reduzir as desigualdades de oportunidades no uso das TIC.

1.8. Clivagem entre gerações face às tecnologias

A pertinência dos conceitos de Prensky (2001) enquadra-se perfeitamente nesta investigação onde existe uma clivagem aparente entre o domínio das questões tecnológicas por parte dos mais novos em relação à insegurança e/ou falta de conhecimentos dos pais /encarregados de educação, já que estes últimos nasceram antes da era dos computadores, jogos de vídeo e da internet.

Ora, em muitos lares portugueses poderá assistir-se a uma discrepância de conhecimentos entre os pais e os filhos que demonstram ter maiores competências na utilização das novas tecnologias. Tudo isto poderá baralhar as relações tradicionais de poder em casa, fazendo com que a utilização das novas tecnologias por parte dos jovens gere focos de incerteza para os pais na aplicação de regras e de controlo sobre os filhos. (Cardoso et al, 2007, p.418)

Um dos principais desafios da sociedade da informação, diz respeito às desigualdades e relações de poder inerentes (Lyon, 1992).

Para as crianças e jovens que nascem e crescem num espaço envolvido pelas novas tecnologias – *nativos digitais* (Prensky, 2001), tudo é natural e automático, pois estas, fazem parte do seu quotidiano.

(...) spent their entire lives surrounded by and using computers, videogames, digital music players, video cams, cell phones, and all the other toys and tools of the digital age. (Prensky, 2001a, p. 1)

Numa situação oposta situam-se os adultos (Pais / Encarregados de Educação e Professores / Educadores), estes requerem um esforço, pois tem que aprender a lidar com elas – *imigrantes digitais* – para se conseguirem adaptar às novas exigências (sociais, profissionais e comunicacionais).

A principal ferramenta de intervenção tem a ver com a educação, formação e informação com vista à promoção de uma sociedade de informação.

A educação tornou-se, por conseguinte, uma das áreas chave de intervenção.

Para melhorar as lacunas existentes na literacia digital em Portugal, muito se tem feito desde 1986 e muito ainda há a fazer para minorar as desigualdades atuais defendendo atitudes e comportamentos relativas ao uso das ferramentas tecnológicas, só desta forma, segundo Viana (2009), se torna cada vez mais fácil e rápido o acesso à informação e à aquisição de conhecimentos, à comunicação e à produção de conteúdos.

A geração com mais conhecimentos de sempre - *Geração Net* -, para Kuklinski (2010), tem capacidades que a distingue e a posiciona num lugar de destaque na sociedade do conhecimento, mas isto não quer dizer que seja a geração mais preparada, já que a diminuta capacidade no que concerne a conhecimentos mais complexos, de alguma forma podem afetar a produtividade.

Muitos dos jovens à chegada às instituições educativas, pela quantidade de tempo despendido com as TIC, não refletem proporcionalmente o conhecimento que seria esperado em questões técnicas relacionadas com a informática no que diz respeito a programas e aplicações.

Scanlon num artigo publicado num jornal australiano “The natives aren’t quite so restless”, em 2009, apresenta também uma visão crítica à existência dos chamados “nativos digitais” e as implicações que acarretam ao ensino de tecnologias na universidade. Este autor, considera que os nativos digitais são a exceção e não a regra. Enquanto que a maioria dos alunos está familiarizado com o e-mail, o telemóvel e processador de texto, poucos têm um blogue e nem sequer parecem saber usar o Flickr. Muito poucos, sabem fazer os seus filmes digitais ou criar mash-ups e apenas uma minoria fez uma página Web ou usou outro software de design. (Moura, 2010, p.76)

A grande parte dos utilizadores das novas tecnologias, apenas se cingem a uma utilização básica e funcional, quer seja em computadores, telemóveis ou outro tipo de aparelhos tecnológicos.

Porém existe uma pequena percentagem que se sente particularmente à vontade nestas matérias técnicas, são curiosos e investigadores, procuram chegar ao cerne da questão, à essência dos processos de funcionamento dos softwares, interessam-se por programação e exploram ativamente um conjunto de funcionalidades disponibilizadas nos equipamentos. Estes, segundo Pachler et al (2010) intitulam-se *nativos expert*.

Nas últimas décadas tem-se verificado uma alteração quanto aos hábitos e a ocupação dos tempos livres na infância, as brincadeiras de outrora, em grupo, fora de casa e na maior parte das vezes, com uma quantidade limitada de brinquedos, foram substituídas pelas televisões HD, computadores com ligação à internet, consolas e telemóveis de última geração.

Possivelmente, essas alterações fizeram com que os *imigrantes digitais*, de que nos fala Prensky, muito por falta de uma diversidade de opções na época, fez com que a exploração e a curiosidade em saber como eram feitos e como funcionavam, os ajudasse a explorar mais intensivamente as atuais tecnologias, enquanto os *nativos digitais*, parecem estar mais dispostos a experimentar o que é novo e desconhecido, já que estão acostumados, em vez de explorar ao máximo o que possuem, a desejar o que de mais recente surge no mercado.

A possibilidade dos *nativos digitais* regredirem na forma e tratamento como lidam com as tecnologias é pouco provável, pois é bem mais fácil aprenderem a “cultura” existente em determinado momento do que se adaptarem a uma outra que a antecedeu. O mesmo se pode verificar em relação a uma linguagem, uma unidade monetária ou até mesmo a uma determinada moda.

Para Prensky (2001), o mais importante é a pedagogia e só posteriormente a tecnologia. E é nessa perspetiva que devemos seguir, tanto nas escolas como em ambiente familiar, sempre numa linguagem orientada aos *nativos digitais*.

2. A ÉTICA NA COMUNICAÇÃO E NA INFORMÁTICA

Nunca como hoje a reflexão ética se revelou uma exigência tão incontestável e necessária. A evolução tecnológica no sec XXI trouxe ao debate algumas das questões mais controversas. Quando observamos as múltiplas possibilidades abertas pelo aperfeiçoamento nos domínios técnico e científico, sentimo-nos instados a avaliar o que de novo nos convida a reflectir. (Escola, 2008, p,35)

Com as tecnologias da comunicação, cada dia mais acessíveis na sociedade, a informação chega-nos de uma forma abrupta e sem “filtragens”. Hoje em dia as pessoas não necessitam ir em busca da informação, ela entra-nos pela *porta*, quase sem pedir autorização. A comunicação deixou de ser “tradicional” em que era necessário o contacto e a relação social.

A capacidade de os média prolongarem no tempo e no espaço as formas simbólicas proporciona o estabelecimento de relações sociais sem necessidade de os indivíduos se encontrarem presentes uns perante os outros. Ao contrário das formas de interacção convencionais, a interacção desencadeada pelos media não exige a partilha de um mesmo contexto espaço-temporal pelos seus participantes tomando assim a forma de uma quase-interacção. (Esteves, 1998, p.29)

Cada dia que passa a informação é mais difundida, aos recetores chega-lhes apenas a “informação” sem que estes possam dar uma opinião pessoal sobre a mesma. Isto passa-se nos jornais, revistas, internet, rádio, entre muitos outros meios de comunicação... Segundo Gabriel Tarde trata-se de uma *“colectividade puramente espiritual, uma disposição de indivíduos fisicamente separados e entre os quais existe uma coesão apenas mental”*. (Esteves, 1998, p.188)

A relação entre os meios de comunicação e o público pode estar viciada pelo papel decisivo da informação.

A comunicação, na atualidade, tem a capacidade de nos manipular e sendo assim as questões éticas e morais passam a ter cada vez mais importância.

Deixou de ser possível controlar a totalidade dos recursos, com estas mais recentes tecnologias a debitem-nos informação em tempo real. São imagens, vídeos e sons captados com equipamentos tão elementares como, por exemplo, o que nos proporciona a nova geração de telemóveis.

Já que estamos a abordar questões éticas relacionadas com a comunicação, não queríamos deixar de referir uma das suas vertentes, a Ética Informática.

Três anos após terminar a 2ª Grande Guerra foi publicada uma obra intitulada “Cibernetics” pelo professor Norbert Wiener. Este foi, possivelmente, o primeiro a

preocupar-se com os efeitos colaterais que advinham da cibernética e as respetivas implicações sociais adjacentes.

Em 1950, Wiener ao publicar “*The human Use of Human Beings: Cybernetics and Society*” iniciou a abordagem ao tema: Ética Informática, mostrando bastante preocupação em questões éticas que os computadores e as tecnologias da informação iriam desencadear.

O efeito dos computadores e da informática na sociedade iria alterar e condicionar a evolução da mesma. Os primeiros a sentirem tais alterações foram os trabalhadores, se por um lado esta nova tecnologia viria facilitar o desenrolar das atividades laborais, por outro teria que se precaver o efeito que esta poderia causar. Foi então criada legislação específica para esta nova área. Isto porque também, peritos em informática, aproveitaram-se dos seus conhecimentos para praticar situações ilícitas, como foi o caso de assaltos.

Só em meados da década de 70 é que o professor Walter Maner introduziu o termo “*computer ethics*” para enquadrar todos os problemas éticos que surgiram com a evolução da tecnologia informática.

A designação “Ética Informática” só ficou oficialmente assumida na década de 80. Nesta altura surgiram crimes como a violação de privacidade que vieram desencadear discussão pública sobre as consequências éticas das tecnologias da informação, tanto nos Estados Unidos como na Europa.

Nestas últimas décadas, citando Escola (2008, p,40)

O poder humano, exponencialmente aumentado pelo prodigioso progresso tecnocientífico, impôs novos desafios éticos. O surpreendente desenvolvimento da tecnologia informática pode atingir o homem como pessoa, na sua condição ontológica de ser de relação e comunicação, na sua condição viática, na sua intimidade. A compreensão da criação da ética da informática atesta-o de modo evidente.

Com a evolução da tecnologia, novos problemas éticos surgiram, dos quais destaco: a falta de privacidade; a adulteração dos valores morais e sociais; a violação dos direitos de autor e muitos outros problemas relacionados, sendo todos eles, objeto de estudo da Ética nesta área.

O que continua em causa é a responsabilidade para com as gerações vindouras e a salvaguarda dos grandes valores que conformam a sociedade e asseguram a continuidade do humano do homem. (Escola, 2008, p.51)

Mas para assegurar essa continuidade, é necessário ter em atenção os perigos que podem ser causados pela falta de Ética. Um deles é o uso para fins indevidos da informação ao ponto de exercer pressões, intimidar, humilhar, invadir a privacidade e em certos casos

denegrir o bom nome dos cidadãos com recurso aos meios tecnológicos como arma para infringir violência.

2.1. A Violência

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a violência:

(...) como o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação. A definição dada pela OMS associa intencionalidade com a realização do ato, independentemente do resultado produzido. (...) A inclusão da palavra "poder", completando a frase "uso de força física", amplia a natureza de um ato violento e expande o conceito usual de violência para incluir os atos que resultam de uma relação de poder, incluindo ameaças e intimidação.

O "uso de poder" também leva a incluir a negligência ou atos de omissão, além dos atos violentos mais óbvios de execução propriamente dita. Assim, o conceito de "uso de força física ou poder" deve incluir negligência e todos os tipos de abuso físico, sexual e psicológico, bem como o suicídio e outros atos auto-infligidos. Esta definição cobre uma ampla gama de resultados, incluindo injúria psicológica, privação e desenvolvimento.⁴

A violência cada dia que passa vai-se manifestando de uma maneira mais ativa. Surge-nos por todos os canais de comunicação; televisão, publicidade, rádio, cinema, jogos e internet. Ações como exibicionismo, pressões psicológicas, negligências, agressões, insultos, são algumas das suas formas fazem parte do nosso dia-a-dia sem darmos por isso, o que nos assusta e nos faz refletir sobre a segurança de todos os que nos rodeiam, principalmente dos mais vulneráveis, crianças e jovens.

A instituição “família” como a conhecíamos deixou de existir, os mais novos cada vez mais estão mais tempo sozinhos, sem orientação e controlo.

⁴ Definição pesquisada em 15 de março de 2012 em <http://pt.scribd.com/doc/50386959/Conceito-de-violencia-pela-OMS>, artigo apresentado em 30/03/2006. Capítulo extraído com autorização do autor do Relatório Mundial sobre Violência e Saúde. OMS, Organização Mundial de Saúde. Genebra: OMS; 2002.

Até à década de “80” a família era constituída também por avós e por vezes tios, as escolas eram mais próximas das habitações, havia muito mais diálogo e por consequência mais aconselhamento o que implicava mais segurança.

Hoje em dia as famílias, em grande parte, estão desestruturadas, os mais velhos já não fazem parte delas, não existe tempo para conversar o que está a originar um maior número de horas junto aos monitores e às telas de televisão, quer seja a ver filmes, a navegar na internet, redes sociais, ou até mesmo jogos. Em nenhum dos casos seria algo de grave salvo o exagero na quantidade de utilização e a falta de supervisão existente no seio familiar.

Na introdução do livro “Televisão: um perigo para a democracia”, Giancarlo Bossetti (na entrevista publicada na “La lesione del Novecento em 1992”) refere duas afirmações que vão de encontro às preocupações sobre a violência que pode ser transmitida pelos meios de comunicação:

(...) educamos os nossos filhos para a violência através da televisão e outros órgãos de comunicação” e “infelizmente é necessário recorrer à censura” não reflectem minimamente a irritação de um misantropo, nem sequer uma atitude pessoal, aliás respeitável, mas antes o resultado de uma reflexão madura sobre o modo como são transmitidos o espírito cívico e a cultura. (Popper e Condry, 1999, p,35)

Falta-nos tempo para conseguir “ajudar a pensar” os mais novos, quando estes “devoram” televisão, jogos, música e muita outra informação que lhes chega através dos meios de comunicação.

No que diz respeito aos jogos, uma grande parte deles, quer seja na internet quer no mercado convencional, são extremamente violentos e imorais, mas muito bem concebidos para motivar e criar dependência, “inundando” o consciente e o subconsciente dos utilizadores, a tal ponto de se confundir o imaginário com o real. O mesmo se passa com os conteúdos programáticos dos canais televisivos, em que a violência prolifera sem ter em atenção a hora em que passa, apenas questões economicistas estão na base no mercado da comunicação.

Segundo John Condry, num estudo realizado nos Estados Unidos,

(...) uma criança passa, em média, quarenta e duas horas por semana a ver televisão ou a jogar jogos de vídeo. Se se acrescentarem as quarenta horas que passa na escola, incluindo o tempo necessário para os trajectos e os trabalhos de casa, restam-lhe apenas trinta e duas horas para os amigos e a família. (Popper e Condry, 1999, p.36)

Como anteriormente tive a oportunidade de referir, a família está a perder as suas características essenciais e cada vez temos menos tempo para lhe dedicar o que se tem vindo a espelhar nos comportamentos das atuais gerações.

É extremamente necessário ponderar sobre o que é realmente importante, a noção de família, a qualidade da educação e a formação moral, social e ética, para tentar precaver a destruição da nossa sociedade.

2.2. Violência vs Agressividade

Lo más probable es que nadie nazca violento, aunque los estudios de los etólogos demuestren que, activa ou passivamente, la agresividad está inserta en todas las especies, y cómo no, también en la humana. (Sanmartín, J., et al, 1998, p.69)

Ainda segundo o mesmo autor, a violência e a agressividade é algo muito diferente. Já que agressividade é um mecanismo adaptativo e a violência é um problema de poder e dos grupos de pressão e implica uma perda de uma série de privilégios sociais que vão para além da sobrevivência.

Sanmartín, J., et al, (1998, p.70), parafraseando George Orwell, em *Rebelión en la Granja*, referem que todos os homens são iguais mas uns são mais iguais que outros. A existência dos problemas sociais atuais não é só uma manifestação de grupos de interesse que estão por trás dos mesmos, alimentando-os, favorecendo a sua existência, inclusivamente possibilitando a criação de mecanismos que lutem contra as nocivas consequências de muitos deles.

Há quem considere que o ser humano adquiriu a agressividade no decorrer da sua evolução. *No son pocos os guerreiros.*

A agressividade na nossa espécie, como em qualquer outra família animal, faz parte da eficácia biológica e da sobrevivência. Os Humanos são agressivos por natureza

Já a violência é uma característica muito humana porque, de certa forma, está ligada ao processo evolutivo desde a origem da espécie sobre a face da terra e não é tanto um processo evolutivo natural mas sim uma evolução artificial dependente do meio em que se encontra.

(...) el ser humano es fruto, sobre todo, de la tecnoevolución más que de la bioevolución.” (...)“ La violencia es, así, el resultado de la interacción entre una agresividad natural y la cultura más alguno de sus productos. La violencia,

así entendida, es pues una nota específicamente humana que suele traducirse en acciones intencionales (o amenazas de acción) que tienden a causar daño físico a otros seres vivos. (Sanmartín, J., et al, 1998, p.15)

Ainda segundo o mesmo autor⁵ citando Donnerstein, *a violência um é produto da acção da cultura sobre a natura, do ambiente sobre a biologia.*

Então quais os fatores ambientais que têm importância no surgimento da violência?

- *influências subculturais*

Reflete-se as condições socioeconómicas principalmente os locais de residência, ou seja, bairros e zonas problemáticas.

- *a família*

É no seio familiar que podem surgir as primeiras referências de violência. Não se trata apenas da violência conjugal mas também a que é infringida contra os menores. Parece que existe uma relação intergeracional. Se os pais foram vítimas ou assistiram a violência doméstica, os seus descendentes são potenciais agressores.

De uma forma geral, o crescente espaço destinado à violência nos meios de comunicação, principalmente nos espaços noticiosos sensibiliza-nos. Só se vêem tragédias, guerras, catástrofes e agressões.

A violência, como é óbvio, não é uma invenção dos *media*, nem eles são diretamente responsáveis pelo aumento da violência e criminalidade.

(...) a violência, na media, seja ela estilizada ou não, seja ficção ou parte dos telejornais da actualidade serve, de uma certa maneira, a um descarregar-se, distender-se, dar livre curso aos sentimentos através do espectáculo. As cenas de violência são um sintoma da “nervosidade” da sociedade. (Michaud, 1996, p.136)

O excesso de violência nos *media* pode gerar pessimismo, fatalismo e uma tristeza generalizada. Mas na realidade, acabamos todos paralisados com o impacto de uma violência, sejamos nós telespectadores, leitores, ouvintes, e internautas.

Mas mesmo em épocas de crise, como é o caso da atualidade, é necessário não aumentar desnecessariamente o “pavor” instaurado. Um jornalismo de qualidade deve ter muito cuidado com o excesso no uso dos adjetivos. Se não, a crise poderá ser bem mais grave

⁵ Sanmartín, J., et al, (1998, p,17-29)

do que realmente o é. Isto porque, à gravidade da situação, incontestável e evidente, acrescenta-se uma elevada dose de espetáculo.

Na realidade, sabemos que o que gera mais emoções não são as simples notícias informativas mas sim os aspetos mais obscuros da realidade em que vivemos.

2.2.1. A violência na Internet

A internet, hoje em dia, proporciona-nos uma aprendizagem gratuita e de fácil acesso, bem como a possibilidade de efetuar comunicações sem fronteiras, até há bem pouco tempo, inimagináveis.

Proporciona-nos uma quantidade de temas infindável, de diferentes fontes fomentando o desenvolvimento e aperfeiçoamento dos resultados. Aqui debatemo-nos com a principal diferença entre este meio de comunicação e a televisão. Visto esta última apresentar, segundo Urra (1998b), uma *“verdad única sin capacidad de crítica ni debate”*.

Mas nem tudo é indiscutível, na realidade, combinado com a imensa informação, surgem-nos muitos temas duvidosos e até mesmo perigosos e destruidores, tanto a nível material, como moralmente. *Nuestros adolescentes pueden aprender a matar, cómo conseguir armas o incluso ser inducidos al suicidio, simplemente entrando en una de las páginas WEB que ciertas sectas poseen.*⁶

Ainda segundo o autor citado anteriormente, a internet invadiu-nos, está cada vez mais arrebatadora *“abrindo uma janela para o mundo enquanto fecha a porta para a rua.”*

Vivemos numa sociedade cada vez mais virtual mas no lumiar do controlo e da proteção em relação aos mais novos. Só na última década é que nos munimos de capacidade e conhecimentos técnicos para saber orientar os mais novos sobre dos ataques oriundos da *autoestrada da informação*, quer sejam eles vírus quer conteúdos altamente nocivos.

Os mais novos ainda carecem de defesas contra a violência de qualquer espécie, que podem resultar *“tóxicos”* para todo o desenvolvimento psicológico e por vezes físico, explorando a inocência e simplicidade dos mais desprotegidos.

“Una actividad popular on-line son los grupos de debate, en uno de ellos en 1996, Trond Waage, Defensor del Menor en Noruega encontró “niños y niñas

⁶ Artigo **“Influencia de los medios de comunicación en los niños y jóvenes”** de Javier Urra, Doutorado em Psicologia com a especialidade de Clínica Forense. Patrono de UNICEF. Professor Universitário. Escritor e o Primeiro Defensor do Menor em Espanha, pesquisa realizada em fevereiro de 2012

*de ocho a doce años, siendo repetidamente violados por adultos de ambos sexos. El estrés emocional provocado por la visión de estas imágenes de abuso a menores fue devastador, pensar que nuestros propios hijos simplemente navegando en la red pueden presenciar dicho material, resulta aterrador”.*⁷

Para prevenir situações como estas deveremos, estar muito atentos e utilizar tudo o que está ao nosso alcance para minimizar malefícios de que estão a ser vítimas as nossas crianças e jovens.

A atual tecnologia possibilita publicar facilmente, o que quer que seja, na net. Quando escrevemos num blog, publicamos um comentário num site, enviamos um vídeo para o YouTube ou colocamos uma foto no Facebook, estamos a correr o risco de partilhar informação nossa para amigos mas também para desconhecidos, temos que estar bem cientes disso.

Temos que nos capacitar de que somos da geração em que os computadores e a internet mais evoluíram, por este motivo deveremos estar constantemente atualizados quer técnica quer materialmente, só desta forma conseguimos prevenir e diagnosticar uma das “doenças” mais badaladas dos nossos tempos. Referimo-nos ao Cyberbullying, pois existem poucas crianças e jovens que, nos dias que correm, não possuem telemóveis de última geração e computadores com ligação à rede. Sobre esta temática dedicar-nos-emos posteriormente.

2.2.2. Violência na Televisão

A violência presente nos meios televisivos causa efeitos nefastos nos espectadores, especialmente quando se trata de crianças e adolescentes.

Desde Bandura, em psicología se acepta que una forma de aprender un comportamiento es no sólo observarlo directamente en modelos de la vida real, sino en imágenes y palabras. Una de las fuentes principales de la violencia es, así, el denominado modelado simbólico que proporcionan los medios de comunicación.. (Sanmartin, 1998, p.20)

⁷ iden

No que diz respeito à televisão, existem muitos filmes, séries, banda desenhada ou até mesmo espaços noticiosos em que os “atores” não ligam aos meios para atingir os fins, para isso recorrem regularmente à violência, visto estar mais que provado que gera audiências.

A violência pode apresentar-se sob a forma de programas de humor, passando pela agressividade/violência do desporto, telejornais, telenovelas, programas de entretenimento e até mesmo em programação infantil (ex: “*Dragon Ball*”, “*Pokémon*”, “*Power Rangers*”. e “*Sky Surfers*”). Este tipo de desenhos animados que são pautados pela violência e alguns deles, incluem conteúdos que estão “paredes-meias” com a pornografia e a dependência. Saliento que já foram proibidos em diversos países.

Segundo a opinião de Strasburger e Donnerstein (1999) existem diversos fatores para analisar se o conteúdo violento é mais ou menos perigoso:

- natureza do agressor
- natureza da vítima
- justificação da violência
- presença de armas
- extensão e caráter gráfico da violência;
- grau do realismo da violência;
- violência como recompensa;
- consequências da violência;
- humor na violência.

Ainda segundo o mesmo autor, o que é visualizado pode variar mediante o personagem e tornar-se ainda mais violento se:

- se o personagem for atrativo;
- tiver uma justificação para atuar;
- atuar de uma forma realista;
- for recompensado pelos seus atos;
- usar armas convencionais;
- a ação não tiver consequências observáveis, tais como dor ou lesões, e se estiver imbuída em sentido de humor.

Ao refletirmos sob o ponto de vista contrário, o risco de aprendizagem de violência poderia ser bem menor se o personagem fosse pouco atrativo, se fosse movido por ódio, se

infringisse atos violentos com consequências para as vítimas e, por fim, se fosse exemplarmente castigado pelos seus atos.

Mais grave ainda é a existência de casos de imitação dos rituais violentos transmitidos na televisão, o que se reflete frequentemente nas brincadeiras de crianças e jovens.

(...) defino la violencia en los medios de comunicación como una «representación visual y gráfica de un acto de agresión física de un ser humano contra outro». Esta definición no incluye la violencia no visualizada; se refiere unicamente a actos agresivos de tipo físico, representados visualmente, de una persona contra otra.» (...) Además, aunque en la definición hablamos de seres humanos, es evidente que muchos dibujos animados tienen caracteres tales que deben considerarse como si fueran humanos. (Sanmartin et al, 1998, p.97)

Segundo o mesmo autor, na psicologia, este tipo de violência é provavelmente a mais prejudicial, não pelo tipo e grau mas sim pela forma como nos pode ensinar a sermos violentos. Muitos filmes e séries televisivas deste género tem passado pelo ecrã, os exemplos são inúmeros, podemos falar em filmes como *O Padrinho*, *Mad Max*, *Pulp Fiction*, *O Exterminador*, mas sem dúvida o pior de todos é sem dúvida *Assassinos Natos*.

Este último retrata um casal de psicopatas, que em tempos foram vítimas de abusos e resolveram optar por uma carreira de serial Killers. As cenas desenrolam-se no decorrer de uma viagem pela Route 66 (EUA), onde os atores principais assassinam quase uma centena de vítimas indefesas por instinto natural, provocando um banho de sangue pelo seu caminho.

Filmes e séries deste tipo ensinam a “matar” sem remorsos. Enquanto este andou somente pelas salas de cinema, só o via quem desejava, quando passou para os ecrãs de televisão generalizou-se a uma população que não estava preparada para o assimilar, e foi visto por milhares de espectadores, independentemente das suas idades.

Se refletirmos sobre o papel que a televisão tem sobre as populações, verificamos que é necessário haver regras que limitem a exposição dos espectadores a conteúdos desnecessariamente violentos.

Sabemos que este meio de comunicação de massas, apesar de ser um entretenimento de sala de estar: já foi intitulada de quase tudo, desde “ama” de crianças até “ocupadora/esbanjadora” de tempo, e tem sido regularmente culpada de arruinar as camadas mais jovens da população, mas na realidade não passa de uma boa companhia e antídoto para a solidão.

John Condry no livro “Televisão: um perigo para a democracia”⁸ refere que:

A televisão vive no presente, não respeita o passado e revela pouco interesse pelo futuro. Ao encorajar as crianças a viverem isoladas do passado e do futuro, a televisão tem uma influência desastrosa.

O tema de violência nos meios de comunicação não se limita à ficção e ao divertimento. Os piores efeitos para a sociedade também não se esgotam nos filmes mais ou menos sanguinários. A informação noticiosa também contém forte carga de conteúdo violento e chega até nós, nas horas de maior audiência, ou seja, de refeição da grande parte das famílias portuguesas. Só que, nesse caso, a desculpa é a “objetividade da informação”.

Padres y maestros entienden que la catarata de violencia que emiten los medios de comunicación y más específicamente, la ingente cascada de imágenes violentas que se visionan en la TV influyen muy negativamente en las conductas y posicionamientos de los jóvenes. Además se considera que otros contenidos televisivos restan autoridad a padres y tutores. Este criterio, no es muy compartido por los jóvenes.

En esta sociedad de dejación, la TV “basura” transmite a los niños actitudes basura.

En muchas ocasiones, lo que atrapa la atención no es el contenido, sino la acción... (Urta, s/d)

2.2.3. A Violência na Rádio e na Música

Não só as notícias passadas na Rádio retratam situações de violência mas também a música que, de uma forma geral, ocupa a maior parte das estações de rádio. Se pensarmos nos Beatles, Rolling Stones, Doors ou Elvis há umas décadas e mais recentemente, em géneros ou estilos como Rap e Heavy Metal, verificamos que a música tem sido um assunto delicado entre pais e filhos. Tanto é que nos momentos mais importantes na sociedade desde o século XX, foram as músicas que marcaram a diferença. Mesmo em períodos de ditaduras, em que as letras eram passadas “a pente fino” pelas censuras, subentendiam-se temas e questões sob diversas metáforas que nos apresentavam temas “tabu” como sexo, drogas, revoluções...

Na atualidade, as letras são mais liberais, mais violentas e com cariz mais sexual do que nunca, e algumas delas incitam mesmo à violência, como é o exemplo de:

⁸ Popper & Condry (1999, p.47)

- Christina Aguilera (artista pop) no refrão da música *Dirty*: ... até minhas roupas saírem...eu preciso disso, uh, para me libertar.

- Ludacris (rapper): *oh, não! Eu apanhei-o com um golpe no peito ... oh, não!... um buraco no teu colete.*

Sexo, drogas, álcool e violência, são temas que integram com regularidade a música desde longa data e as crianças ouvem-nas sem quaisquer restrições.

Em muitos outros artistas de rock, pop, hip-hop, somos bombardeados por letras que apresentam armas como troféus, as mulheres como objetos sexuais, e a vida como passageira e fácil. Não querendo aprofundar mais esta questão, é de referir apenas que, existem grupos de música que usam nas suas letras temas demoníacos que incitam à violência, à tortura e até à morte.

A rádio tem vindo a exercer, ao longo dos anos, funções diversificadas como adormecer crianças, promover a dançar, contar histórias, comemorar casamentos e outros eventos sociais, influenciar a venda de produtos, divertir, aumentar a adrenalina em desportos e cenários de guerra... Por este motivo e muitos outros, a música tem influência na criação de atmosferas que influenciam o humor, os sentimentos e os níveis de adrenalina.

Mas uma coisa é certa, na maior parte das vezes é simplesmente vista como distração, entretenimento e algo inofensivo.

2.2.4. A Violência na Publicidade

O termo *publicidade* tem origem do latim *publicus*, ou seja *público* e significa tornar público um produto, um facto ou uma ideia⁹. Para isso, procura difundir e aumentar o sentido da mensagem, ultrapassando a simples dimensão informativa. O seu objetivo principal é convencer o consumidor baseando-se nos aspetos positivos, negligenciando tudo o que é negativo, o que a torna, em alguns casos, *publicidade enganosa*.

A forma de difusão de publicidade que mais se destaca é, sem dúvida, a que recorre às TIC. Todavia podemos encontrá-la, para além da televisão, rádio e internet, também destacada em periódicos, cartazes e outdoors.

A publicidade é algo que utiliza tudo que se encontra ao seu alcance para atrair o olhar e a atenção dos destinatários.

⁹ Informação extraída da infopédia.

Nos Estados Unidos, em março de 2011, a professora Nora Rifon foi convidada como editora de uma edição especial do Journal of Advertising. Esta centrou-se no tema da violência na publicidade, referindo que a tendência atual de, cada vez mais, haver anúncios violentos é “perturbadora”

“A punch. A kick. A hit in the head with a can of soda. It’s not a Three Stooges film but rather the latest trend in advertising, a trend a Michigan State University professor calls “disturbing.”¹⁰

Utilizando as palavras de Sanmartín, et al (1998), este tipo de violência pode ser visto:

(...) como única forma de conseguir un fin. A veces, más cruel todavía, el fin no es sino la diversión; otras, más perverso todavía, el fin no es sino conseguir el bien dentro de una sociedad llena de seres malos; otras, más ensañamiento todavía, la violencia no es sino una forma de atrapar a determinado espectador, a veces un niño, potencial comprador de los productos publicitarios en los intermedios del mismo programa.

Nunca devemos subestimar o impacto que os anúncios violentos podem ter sobre as crianças.

(...) the researchers found that children watching a violent ad had more aggressive thoughts than those who did not watch the violent ad,” she said. “That’s one study of one exposure. Multiply the number of violent ads children may see every day over a lifetime and the net result could be inestimable.¹¹

Precisamos de formar/informar as mais novas gerações para uma visão isenta, uma opinião crítica e refletida, para que possam analisar a riqueza de recursos oferecidos por este meio de comunicação, identificando ao mesmo tempo, as suas engenhosas “emboscadas”.

A influência da Publicidade na sociedade, independentemente do objecto da mensagem ser comercial ou social, é um facto comprovado pelo vasto e heterogéneo corpo teórico que se tem vindo a desenvolver um pouco por todo o mundo. Desde a reflexão produzida por autores provenientes da economia, gestão ou marketing, que se preocupam em demonstrar e otimizar a sua aplicação estratégica, às análises fundamentadas na sociologia, psicologia, retórica, semiótica, estética ou mesmo na ética. (Gonçalves, 2003, p.1).

¹⁰ Artigo publicado por Tom Oswald em 18/03/2011, intitulado: *Violência em publicidade tornando-se uma tendência "preocupante"*.

¹¹ idem

2.3. Dessensibilização

Sabemos à partida que o tempo de convívio em ambiente familiar e a supervisão parental cada vez é menor, pelo que se impõe algumas questões: será que o aumento das atitudes de pró-violência é influenciado pela visualização de conteúdos impróprios nos meios de comunicação? Será que a empatia também poderá ser influenciada nesse processo? Será que nos tornamos dessensibilizados quanto maior forem as suas atitudes pró-violentas e menor for a sua capacidade empática?

Mais do que estabelecer uma relação de causalidade entre a visualização de conteúdos violentos e as ações violentas, questão envolta em alguma polémica, importa promover uma consciência crítica junto de educadores, professores e pais em relação ao consumo de imagens carregadas de violência e à necessidade de construção de uma sociedade democrática.

Vídeos e imagens de uma carga excessiva de violência, multiplicam-se pelos meios de comunicação em geral, mas os que mais nos preocupam, pelo grupo etário em investigação, são os que constam em blocos noticiosos, filmes, internet (pesquisas em sites, blogues e no youtube), desenhos animados e jogos de vídeo.

... jogos violentos pode contribuir para uma dessensibilização emocional, em termos de uma atenuação do desagrado perante a violência real em indivíduos expostos habitualmente a jogos desta natureza. (...) o efeito imediato do uso de jogos violentos no sentimento do controlo, durante a visualização de violência real, constitui um outro processo afetivo revelador de dessensibilização. (Arriaga, et al., 2007, p.143)

Temos consciência que o incremento de imagens violentas decorre tantas vezes de uma simples estratégia comercial, que persegue como única finalidade o lucro. Importa refletir sobre o excesso de conteúdos violentos que pulverizam as múltiplas “telas”, meditar sobre a influência que esses comportamentos, em alguns casos, exerceram sobre as crianças e jovens. Não obstante, também é do conhecimento geral que a dependência das crianças e jovens da internet, dos jogos de vídeo e da televisão poderá influenciar direta ou indiretamente e contribuir para a dessensibilização, bem como a carga humorística implícita à mensagem transmitida.

O humor pode levar a dessensibilização do público para a “seriedade da violência” “Nem todos os espectadores são afetados da mesma forma pela violência”.

Existem diferenças nos efeitos das representações de violência entre crianças e adultos, visto que “a capacidade de entender a diferença entre realidade e fantasia surge gradualmente ao longo do desenvolvimento infantil”. (Wilson et al, 2000, p. 77).

Com a quantidade de informação que, de uma forma ou de outra, nos entra pelas janelas mediáticas que nos fazem chegar o mundo, tanto através da televisão em blocos noticiosos, filmes, séries televisivas, desenhos animados, publicidade e música, como através de pesquisas na internet em sites, youtube, blog's, chat's, entre muitas outras plataformas, deparamo-nos com o possível efeito da dessensibilização, pois a capacidade de compreender o estado emocional do outro poderá sofrer influências negativas com a exposição a conteúdos violentos, provocando um efeito de dessensibilização. Mas, por outro lado, poderá também aumentar a ideia que a violência é algo comum e normal na nossa sociedade.

Carvalho (2011) verificou que com a redução da empatia, as pessoas tornam-se menos sensíveis as dores dos outros e com o aumento das atitudes pró-violentas as pessoas tornam-se mais favoráveis a que comportamentos agressivos e violentos sejam normativos e eficazes para a resolução de problemas.

Pela experiência resultante da prática letiva deparamo-nos regularmente com alguns comportamentos violentos, muitas das vezes imitativos de séries e desenhos animados. Apoiando-os na ideia de Wilson et al, (2000, p. 77), as crianças acabam, com frequência por *interpretar as mensagens que lhes chegam pela televisão de maneira diferente dos adultos*, o que aumenta as hipóteses destas associarem a *violência da fantasia e dos desenhos animados* como algo real.

O que se tem vindo a verificar, em relação às brincadeiras, tanto nas escolas como em casa, crianças e jovens se deixem conduzir pela linha de pensamento das personagens das séries e desenhos animados, em que a violência é ministrada para a aquisição de bons resultados ou até para impor respeito, o que poderá levar a uma reflexão de atitudes e comportamentos agressivos e/ou violentos perante os outros.

2.4. Cyberbullying e as suas origens

Não podemos falar de cyberbullying sem antes abordarmos o bullying.

A palavra bullying que é de origem inglesa e engloba uma vasta gama de comportamentos agressivos mal-intencionados, incluindo violência física, insultos, ameaças, e boatos espalhados por via oral ou por outros quaisquer meios de comunicação.

O psicólogo norueguês e principal investigador desta temática, Dan Olweus propõe uma definição para o bullying, segundo ele, uma pessoa é intimidada quando está exposta, repetidamente e ao longo do tempo, a ações negativas por parte de uma ou mais outras pessoas, e ele ou ela tem dificuldade em se defender a si mesmo.

Tudo se iniciou com as investigações do Professor Dan Olweus, na Universidade de Bergen na Noruega entre 1978 e 1993 e com uma Campanha Anti-Bullying nas escolas da Noruega, durante o ano de 1993.

No início da década de 70, Dan Olweus iniciou investigações na escola sobre o problema dos agressores e respetivas vítimas. Nesta altura não houve grande interesse por parte da sociedade sobre esta temática. Na década seguinte, o suicídio de três jovens desplotou o interesse das instituições educativas. Esta triste situação aparentava ter sido instigada por comportamentos de bullying.

Dan Olweus inicialmente realizou uma pesquisa com aproximadamente 84.000 estudantes, mais de 300 professores e cerca de um milhão de encarregados de educação de vários níveis de ensino.

O procedimento adotado para o estudo foi por questionário, este continha 25 questões de escolha múltipla onde se verificava: a frequência; tipos de agressores; tipos de agressões e locais de maior risco de incidência. Este instrumento inquirição destinava-se a apurar as situações de agressão ou vitimização segundo a ótica da criança.

Esta investigação deu origem a uma mega campanha nacional apoiada pelo Governo da Noruega, fazendo com que os casos de bullying diminuíssem para metade.

Após esta fase inicial de investigações e pela gravidade da temática em causa, outros países enveredaram por estudos semelhantes tendo como referência Olweus, entre eles surgiu o Reino Unido, Suécia, Finlândia, Estados Unidos, Canadá, Holanda, Portugal, Japão, Espanha, Irlanda e Austrália.

O bullying desde longa data, está presente no nosso quotidiano, apesar de não lhe darmos a atenção merecida, umas vezes por falta de informação, outras por ausência de bom senso.

Sendo assim, para um melhor esclarecimento, o bullying pode ser considerado o uso repetido por um ou mais alunos de uma expressão escrita, verbal, um ato físico, gesto, ou qualquer combinação dos mesmos, dirigido a uma vítima podendo causar-lhe dano físico, emocional ou danos materiais, colocando-a numa situação de insegurança e por vezes de terror, criando um ambiente hostil para a vítima, violando os direitos desta, ou interrompendo o seu processo de educação ou a normal atividade escolar.

Apesar de *bullying* ser um termo recente, as ações relacionadas com este termo tem vindo a verificar-se ao longo dos tempos. Anteriormente usavam-se outras estratégias para causarem os mesmos efeitos, nomeadamente, frases escritas em muros e paredes, praxes em que os mais novos e indefesos eram constantemente violentados. Por outras palavras, os rumores e o medo pairavam no seio das escolas e já decorriam nos recreios e nos locais mais recônditos e de vigilância reduzida.

Cleo Fante (2005, p.28), investigadora brasileira, refere que:

Bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do "comportamento bullying."

Segundo a Convenção dos Direitos da Criança (2005),

...o problema do bullying aparece expresso como uma das prioridades para todos os Estados, onde se apresentam pistas para o eliminar e onde se destaca, também, grupos-alvo mais vulneráveis.

A professora Susana Carvalhosa, investigadora desde os anos 90 na área da violência (bullying/cyberbullying), indica que a percentagem das vítimas que sofre de violência física ou psicológica a nível nacional, nas escolas, apresentada no estudo da Deco Proteste de 2006 (37% dos alunos e 18% dos docentes):

(...) é preocupante e não podemos deixar de intervir, pois as consequências deste tipo de situações, a curto e a longo prazo, são muitíssimo graves. E não só para os envolvidos directamente mas também para todos os que os rodeiam, desde pais e amigos, familiares a vizinhos!" (Carvalhosa, 2010, p.1)

Com o desenvolvimento e utilização generalizada das novas tecnologias surgiu uma nova vertente do *bullying* denominada de *cyberbullying*. Este recorre ao uso de tecnologia ou de qualquer comunicação eletrónica, que inclui, mas não deve ser limitado a, qualquer transferência de sinais, mensagens, imagens, sons, ou informações de qualquer natureza transmitida no todo ou em parte por rádio, telemóvel, foto digital, incluindo, mas não limitado a, correio eletrónico, a comunicação na Internet e mensagens instantâneas (chat's).

Cyberbullying deve também incluir a criação de um site ou blog em que o seu autor assume uma outra identidade que não a dele, incluir a distribuição por meios eletrónicos de uma comunicação para mais de uma pessoa ou a publicação de material em suporte eletrónico que pode ser acedido por uma ou mais pessoas, se a distribuição ou publicação expressa possua conteúdo que denigra, envergonhe, amedronte, humilhe ou diminua em qualquer uma das suas dimensões, uma terceira pessoa.

No site www.cyberbullying.ca podemos encontrar uma definição de cyberbullying por Belsey (2005) como sendo o uso de tecnologias de informação e comunicação como o e-mail, telefone celular, pager e mensagens de texto, mensagens instantâneas, sites pessoais difamatórios para apoiar deliberada e repetidamente o comportamento hostil por um indivíduo ou grupo, que se destina a prejudicar os outros.

Podemos então esclarecer que o cyberbullying é um tipo de agressão infringida com recurso, essencialmente, à internet e aos telemóveis, contra terceiros. Nos dias que correm os ataques são cada vez mais diretos, utilizando conteúdos multimédia tais como, imagens captadas por telemóveis ou câmaras de computador entre muitos outros meios, tendo a internet com um papel facilitador e como referência.

We define cyberbullying as "willful and repeated harm inflicted through the use of computers, cell phones, and other electronic devices." we developed this definition because it is simple, concise, and reasonably comprehensive and it captures the most important elements. These elements include the following:

- **Willful:** *the behavior has to be deliberate, not accidental.*
- **Repeated:** *bullying reflects a pattern of behavior, not just one isolated incident.*
- **Harm:** *The target must perceive that harm was inflicted.*
- **Computers, cell phones, and other electronic devices:** *This, of course, is what differentiates Cyberbullying from traditional Bullying. (Hinduja e Patchin, 2009, p.5)*

As ações de Bullying podem-se ser de cinco tipos:

- Ações Físicas: bater, ferir, empurrar, agredir.
- Ações Verbais: gozar, insultar.

- Ações Sexuais: abusar, insinuar, violar.
- Ações Psicológicas: intimidar, ameaçar, perseguir, ignorar, aterrorizar.
- Ações Materiais: roubar, vandalizar ou destruir objetos materiais e/ou pessoais.

Estas podem materializar-se isoladamente como por exemplo em ações verbais, no caso de denegrir a imagem de um determinado aluno recorrendo ao insulto, como em conjunto se a estas associarmos ações psicológicas como intimidar e aterrorizar.

Quando falamos em cyberbullying, associamos uma ou várias ações referidas anteriormente, por mais que uma vez com recurso a meios tecnológicos.

Na maior parte dos casos, os agentes que exercem atos de violência com recurso às tecnologias recorrem a *e-mails*, mensagens, imagens e pequenos vídeos captados por telemóveis, ou a salas de conversação, para exercer cyberbullying sobre os seus alvos.

Existem muitas crianças, jovens e adultos que passam horas *a fio* a falar com desconhecidos onde podem ser ameaçados, denegridos e expostos. Redes sociais como Facebook, MySpace, Twitter, hi5, neste momento, entraram na nossa vida, já são milhões de utilizadores em todo mundo. É algo que não escolhe raças, religiões, estratos sociais e idades.

Em relação aos *e-mails*, estes podem ser enviados de contas anónimas e disfarçadas com nomes desconhecidos o que faz com que raramente se conheça o agressor. Desse correio eletrónico podem ser enviadas mensagens de ameaças, assim como fotos e vídeos de atos de bullying e posteriormente difundir esses e-mails entre colegas.

Já no que diz respeito aos telemóveis, os agressores fazem chamadas anónimas em horários inoportunos, podem ir desde chamadas silenciosas como ameaças que incluem insultos, gritos ou intimidações. Com as novas gerações de telemóveis podem ser enviadas também imagens, pequenos vídeos.

Quanto às *redes sociais*, atualmente, são a forma mais utilizada para fazer novas amizades, estabelecer contactos e onde se encontram mais informações sobre todos os utilizadores. *hi5*, *Myspace* ou *Facebook* são locais em que possíveis vítimas e agressores, publicam, comentam e fornecem informações.

A violência ministrada com recurso às novas tecnologias tem aumentado de ano para ano. Algumas notícias que têm vindo a ser abordadas nos últimos meses através dos meios de comunicação social (rádio, televisão, jornais e internet) merecem que estejamos alerta, pois não se trata apenas de atos exercidos entre colegas em idade escolar mas também por adultos:

...terá pedido e endereço de e-mail e convencido o menor a masturbar-se com a webcam ligada, através de redes sociais. (...) A este seguiram-se mais três menores, que (...) terá aliciado através do Facebook e de mensagens por telemóvel, cujo número conseguia com a inscrição nas fichas de aluno.¹²

...usava a Internet e um endereço de e-mail (camuflado) para se fazer passar por menor e fazer amizade com as suas vítimas, rapazes, raparigas e adolescentes. Após ganhar a sua confiança, pedia-lhes para se deixarem fotografar ou filmar nuas, chantageando-as depois e obrigando-as a praticar atos repugnantes de zoofilia.¹³

...o suspeito (...) iniciou em outubro de 2013 os contactos com a menor, então com 13 anos de idade, através de conversas de cariz sexual, utilizando o telemóvel e as redes sociais, para logo depois a molestar sexualmente, ao longo de três meses.¹⁴

Se o nosso objetivo é a segurança, teremos que estar sempre atentos às nossas movimentações, à disponibilização de dados pessoais sejam eles locais de residência, fotos geograficamente localizáveis ou simplesmente comentários de onde se possam extrair informações que nos podem por em risco.

2.4.1. Como identificar e atuar perante o Cyberbullying

O registo de casos de Bullying é muito elevado. Os técnicos que se relacionam de perto com as crianças e os jovens, nomeadamente os professores têm que estar mais atentos a esta realidade e devem perceber o impacto devastador que o bullying pode gerar, comprometendo o salutar desenvolvimento da criança como pessoa segura e autoconfiante.

A autoestima é a primeira a sofrer danos que por vezes, em situações muito graves, se tornam irremediáveis. Os pais e os familiares de uma maneira geral, também devem estar muito atentos a esta realidade, principalmente quando se sabe que a criança tem uma característica qualquer que a torna vítima fácil, nomeadamente, se sofre de obesidade ou se tem uma qualquer dificuldade de expressão, é, por exemplo, gago, tem tiques, é demasiado calado ou demasiado falador, etc., isto é, se de alguma forma a criança foge aos padrões normativos.

¹² http://www.noticiasaoiminuto.com/pais/152749/professor-acusado-de-52-crimes-sexuais-contra-alunos#.Ux3l_RvivIU

¹³ http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=3720877

¹⁴ http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=3565028&seccao=EUA e Am% E9ricas

Sabe-se que muitos dos comportamentos de risco dos adolescentes: absentismo escolar, uso de álcool e drogas, atos de suicídio e comportamentos delinquentes estão relacionados, direta ou indiretamente, com o facto de serem ou terem sido sujeitos a violência e/ou Bullying.

O Bullying implica maus-tratos continuados e repetidos e não deve ser confundido com a agressividade normal na infância e na adolescência e, obviamente, implícita nas diferentes brincadeiras.

A melhor forma para prevenir o cyberbullying consiste em usar as tecnologias de informação e comunicação de forma ética, responsável e segura; educar os mais novos sobre os riscos de colocarem fotografias, vídeos e outros dados pessoais *online* que possam ser usados por outros para ações de cyberbullying; Preste atenção aos que os seus filhos ou educandos lhe dizem sobre potenciais casos de cyberbullying e não se limite a subestimar, criar falsos sentimentos de segurança ou até ignorar as situações que lhe são reportadas; não reaja intempestivamente para proteger a criança/jovem. Nunca ajude uma vítima castigando-a. Se a criança/jovem é vítima de cyberbullying, não lhe retire o direito de acesso ao computador ou à Internet, ajude-a e esteja presente; se se deparar com um caso de bullying, tente encontrar em conjunto com a criança/jovem, uma solução; esteja atento à utilização do computador pelos mais novos. Escolhendo cuidadosamente o local e o posicionamento do computador, evitando compartimentos isolados como quartos e espaços que limite a sua monitorização, escolha espaços como salas onde haja presença constante de adultos. Existe também a possibilidade de utilização de programas de controlo parental como por exemplo o que a Google oferece. Este possibilita-lhe controlar o conteúdo que os mais novos podem partilhar *online* quer sejam fotografias, blogues pessoais e/ou informações de perfil, ao mesmo tempo que pode seleccionar com quem partilhar este conteúdo, com muitas ou poucas pessoas, conforme achar mais conveniente. Deverá informar-se também sobre os outros locais os mais novos possam aceder à internet.

É importante também perceber se o seu educando é vítima de ações de violência desta índole, para tal existem algumas perguntas que tem que ter em atenção:

- É muitas vezes alvo de brincadeiras de mau gosto?
- Qual é a alcunha que ele tem, lá na escola?
- Há alguma característica na sua personalidade ou fisionomia que o coloca na situação de ser um “alvo fácil”?
- Recusa-se a ir à escola e anda triste?
- Parece não ter amigos ou não se sentir à vontade com eles?

- Mostra-se muito sensível às suas brincadeiras e reage ou chorando ou de forma agressiva.

Para melhor prevenir ações de bullying¹⁵ ou cyberbullying convém estar ciente se o seu educando possui alguma característica que o coloque numa situação de alvo, nomeadamente no seu aspeto físico ou de personalidade. Nas suas visitas ao espaço escolar observe se os colegas o colocam de parte nas brincadeiras e jogos e se tiver dúvidas converse com professores e auxiliares de educação.

Em muitas situações as crianças podem necessitar de apoio, pois estas poderão não ter condições físicas e de personalidade para enfrentar um possível agressor.

Por outro lado, se o seu educando possuir características mais agressivas, esteja atento, porque este poderá ser um possível agressor, ou seja, autor de bullying e desconhecer o sofrimento que provoca nas outras crianças.

2.4.2 Legislação em Portugal (Bullying/Cyberbullying)

2.4.2.1. Enquadramento do bullying

As situações de bullying têm surgido na nossa sociedade com bastante regularidade, o que constitui por si só motivo suficiente de preocupação, embora em algumas ocasiões a utilização do conceito nem sempre seja correta ou adequada para definir situações de comportamentos entre crianças e jovens. Dan Olweus (1993, p.9) define bullying da seguinte forma:

A student is being bullied or victimized when he or she is exposed repeatedly and over time, to negative actions on the part of one or more students.

Este autor, referência incontornável na investigação desta temática, considera que o Bullying ocorre quando um estudante se torna um alvo de comportamentos agressivos por parte de outros, de forma repetida e prolongada no tempo. Estes comportamentos poderão ser de índole verbal (insultos, agressão verbal, humilhação, alcunhas...), físicos (agressões que atentam contra a integridade física) ou ainda pela discriminação/afastamento intencional

¹⁵ Informação extraída de Tânia Paias e Ana Almeida, Psicólogas Clínicas em: <http://www.psicronos.pt/artigos/bullyingscolar.html>

de alguém de um grupo. Cleo Fante (2005, p.27) acrescenta que Bullying é ... *um desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão.*

Com o atual desenvolvimento das TIC e sua presença cada vez mais frequente no quotidiano das pessoas, de modo muito particular no domínio da comunicação interpessoal, permitiram que este fenómeno encontrasse nos dispositivos tecnológicos novas possibilidades e horizontes de utilização. Surgiram novas formas de Bullying, estas passaram a ser, sem dúvida, rituais de crueldade social. Refiro-me ao Cyberbullying, uma das formas de Bullying, consistindo esta, no recurso às tecnologias que temos à nossa disposição e disseminada por todos os níveis etários, embora de forma esmagadora nas crianças e jovens que habitam nas sociedades tecnologicamente mais avançadas (sms, clips, vídeos, fotografias digitais, emails ou redes sociais) envolvendo mais diretamente, os telemóveis de última geração e a internet como meios de divulgação e obtenção de informação, para a divulgação de mensagens textuais, visuais ou audiovisuais onde as vítimas são expostas a situações embaraçosas, sofrem insultos e humilhações, situações que têm como principal intenção denegrir, atormentar, importunar e/ou ameaçar.

Seja qual for o contexto, o Bullying diz respeito a uma diversidade de comportamentos que atingem de uma forma cruel o bem estar físico e psicológico de crianças e jovens. São ações levadas a cabo de uma forma intencional, persistente e quase sempre em contextos onde se constata que há um manifesto desequilíbrio de forças entre o agressor e a vítima. A autoestima e o rendimento escolar são algumas das consequências deste comportamento e não influenciam unicamente as vítimas, mas também as testemunhas e os próprios agressores, pois estes últimos, algumas vezes, abandonam as escolas e deixam-se enleiar nas *teias* da criminalidade.

A violência é inerente ao fenómeno de Bullying, por este motivo envolve sempre agressor(es) e vítima(s), sendo os primeiros, neste caso, designados como “Bully’s”. Os comportamentos desviantes, aqueles considerados violentos, acarretam quebra de regras sociais, morais e jurídicas, o que implicará consequências legais, tais como *crime de ofensas à integridade física simples ou graves* (punido com pena de prisão até 3 anos, ou com pena de multa - *art.º 143.º do Código Penal*) mas se os ferimentos forem graves, ou provocarem perigo para a vida, a pena de prisão poderá ser de 2 a 10 anos.

Contudo, para que exista procedimento criminal deverá existir queixa do ofendido (no caso de ser menor de 16 anos deverão ser os seus pais a apresentar queixa).

No caso de existir um roubo de dinheiro e, se para tal, for usada força física para o retirar, tratar-se-á de um *crime de roubo* e o/os agressor(es) poderão incorrer numa pena de prisão de 1 a 8 anos.

Já quanto aos autores de *Injúrias* (apelidar com nomes impróprios terceiros), o(s) agressor(es) pode(m) incorrer numa pena de prisão até 3 anos, ou numa pena de multa até 120 dias, conforme o art.º 181.º do Código Penal.

No que diz respeito ao *crime de ameaças*, este pode ser punido com pena de prisão até 1 ano, ou com pena de multa até 120 dias. (Estas seriam as punições a atribuir pela *lei geral* a alunos cujas idades são iguais ou superiores a 16 anos)

Então surge-nos uma questão pertinente:

- *E se o agressor tiver uma idade entre os 12 e os 16 anos?*
- *Está de algum modo protegido da punição? não sofrerá qualquer tipo de admoestação?*

Para contornar esta questão da idade surge a *Lei Tutelar Educativa*, conhecida como *Lei n.º 166/99, de 14 de setembro*, onde são indicados os procedimentos a aplicar aos menores entre os 12 e os 16 anos, que cometam crimes punidos com pena de prisão. Por se tratar de menores de 16 anos, o Código Penal refere que são penalmente inimputáveis (não são aplicadas penas de prisão), contudo podem ser aplicadas “medidas tutelares educativas” pela referida Lei Tutelar, nomeadamente: admoestação; reparação ao ofendido; realização de prestações económicas ou de tarefas a favor da comunidade; imposição de regras de conduta; imposição de obrigações; frequência de programas formativos; acompanhamento educativo; internamento em centro educativo, em regime aberto, semiaberto ou fechado.

Desta forma, esta legislação vem contrariar a ideia de que os menores de 16 anos não são punidos pelos seus crimes. O objetivo principal desta *Lei* é consciencializar sobre a importância das regras e das normas na vida social, sendo a medida mais gravosa o internamento num centro educativo, ou seja, um equipamento semelhante a uma “prisão” de menores, sobre a alçada do Ministério da Justiça.

Poderemos constatar desta forma que os agressores / “bullies”, em Portugal, estão sujeitos a qualquer uma das sanções, anteriormente descritas, desde que as entidades judiciais, tenham conhecimento e haja queixa da vítima ou do seu representante legal.

2.4.2.2. Enquadramento do Cyberbullying

Cyberbullying is being cruel to others by sending or posting harmful material or engaging in other forms of social aggression using the Internet or other digital technologies. (Willard, 2005)

Com a utilização das TIC e da proliferação da utilização da internet, redes sociais e principalmente da nova geração de telemóveis, surge uma nova forma de Bullying: o Cyberbullying. Segundo Campos (2009), o Cyberbullying é:

...um fenómeno complexo, composto por características próprias e excepcionais, e que estabelece uma estreita relação com o tempo que se despende com as TIC, com a segurança no ciberespaço, com o bullying. O anonimato conferido pelos meios tecnológicos coloca o cyberbullying num patamar quase inatingível. A perseguição anónima molesta crianças/jovens, destrói os seus relacionamentos e a sua convivência social. Creio que as crianças/jovens, de um modo geral, despendem muito tempo com os meios tecnológicos e, em particular com as redes sociais, tendo probabilidades mais elevadas de serem vitimizados.

Para minimizar os danos causados e persuadir a criminalidade nesta área, surgiu nova legislação e reajustamento na existente.

A legislação em Portugal define no *Art.º 199.º do Código Penal* que, quem gravar palavras proferidas por outra pessoa e não destinadas ao público, utilizar ou permitir que se utilizem gravações, mesmo que licitamente produzidas, sem consentimento, será punido com pena de prisão até 1 ano ou com pena de multa até 240 dias. De igual forma, poderá incorrer na mesma moldura penal quem, contra vontade, fotografar ou filmar outra pessoa, mesmo em eventos em que tenha participado; ou utilizar ou permitir que se utilizem fotografias ou filmes já referidos anteriormente, mesmo que licitamente obtidos, é correspondentemente aplicável o disposto nos art.º 197.º e 198.º.

Nestes artigos enquadram-se a maior parte, senão a totalidade, de situações da recolha de fotografias/vídeos colocados no *youtube ou em qualquer outro local na rede, que tenha como intuito prejudicar e/ou denegrir socialmente a imagem de uma pessoa.*

Nos últimos anos, vários casos se tornaram públicos de gravações vídeo filmadas no interior de escolas, nomeadamente em balneários, corredores, recreios e mesmo no interior de salas de aula.

O caso que se tornou mais mediático decorreu, em plena sala de aula (<http://youtube/fW4JS7BWTZY>), na escola Carolina Michaëlis na cidade do Porto em março de 2008. Implicou uma professora e vários alunos da turma. Estiveram envolvidos no processo e foram investigados; a aluna de 15 anos que agrediu a professora, um de 16 anos que impediu o auxílio à docente, e o que gravou, recorrendo ao telemóvel, a discussão e diversas agressões físicas. Todos os que estiveram envolvidos foram submetidos a um procedimento disciplinar conduzido pelo conselho executivo da Escola Carolina Michaëlis e pela DREN (Direção Regional de Educação do Norte).

A aluna envolvida, 4 meses depois (21 de Julho), apresentou um pedido oficial de desculpas à docente numa audiência preliminar e teve que cumprir 30 horas de trabalho comunitário, isto porque a professora aceitou que a menor não fosse a julgamento, bem como o pedido de desculpas, caso contrário responderia por um crime de coação e um outro de agressão física.

O aluno que terá impedido outros colegas de socorrer a docente, foi obrigado a cumprir 40 horas de trabalho comunitário. Já o aluno menor que filmou o incidente, ficou obrigado a prestar 20 horas de serviço similar.

Vários casos são conhecidos de filmagens no interior da sala de aulas, de agressões nos espaços escolares, de divulgação de fotos e vídeos sem a devida autorização. Estes crimes são passíveis de punição com pena de prisão.

Embora não exista legislação específica sobre cyberbullying em Portugal, o Governo ratificou em 2009 a Convenção sobre o Cibercrime.

A par da legislação anteriormente apresentada, surgiu então a *Lei do Cibercrime* (109/2009 de 15 de setembro) que no seu *artigo 1.º* estabelece as disposições penais materiais e processuais, bem como as disposições respeitantes à cooperação internacional em questões penais na área de “cibercrime” e no que diz respeito à recolha de prova em suporte eletrónico, transpondo para a ordem jurídica interna a Decisão Quadro nº 2005/222/JAI, do Conselho de 24 de fevereiro, referente a ataques contra sistemas de informação/informáticos, adaptando o direito interno à Convenção sobre Cibercrime do Conselho da Europa.

Para melhor se entender o que é um “sistema informático”, o *artigo 2.º* da mesma Lei, define-o como sendo qualquer dispositivo ou conjunto de dispositivos, interligados ou associados.

Matérias como *falsidade informática, dano relativo a programas ou outros dados informáticos, sabotagem informática, acesso ilegítimo e interceção ilegítima*, fazem parte dos restantes artigos, nos quais se encontra patente as respetivas molduras penais associadas, compreendidas entre um a dez anos de pena de prisão.

Chan Kin Hong¹⁶, alerta-nos que, por brincadeira ou desconhecimento da legislação:

A maior parte dos adolescentes que praticam o cyberbullying não sabe que está a violar as leis penais, alguns deles até o praticam por mera brincadeira sem nenhum motivo especial, acham que se trata de uma coisa entre amigos e só depois de causarem graves consequência se com a intervenção da polícia é que se apercebem que praticaram um crime. Podemos dizer que é uma brincadeira de mau gosto que acaba por se tornar num acto criminoso.

Sensibilizar e educar as gerações mais novas para a utilização ética dos *media*, principalmente no que diz respeito à internet em geral, às redes sociais em particular, ao uso telemóveis, tanto em casa como na sociedade, ao cuidado a ter com a utilização e divulgação da informação, o respeito pela privacidade do outro, torna-se uma tarefa prioritária, pois as crianças e jovens, em muitos casos, revelam desconhecimento de que tais práticas poderão incorrer em crime.

¹⁶ Chefe da Divisão de Investigação de Crimes Informáticos de Macau

II Parte – Enquadramento Empírico

1. DESENHO DE INVESTIGAÇÃO

1.1. Proposta de Investigação

Depois de apresentar esta problemática baseada nas atitudes perante as TIC na escola e no seio familiar, o cyberbullying e algumas das consequências daí inerentes, torna-se fácil entender o objeto de estudo desta investigação, ou seja, perceber a relação que existe entre as crianças e jovens e as novas tecnologias, nomeadamente, as que dizem respeito à internet, aos telemóveis de última geração e à televisão.

A investigação foi direcionada para uma faixa etária até aos 12 anos, sabendo à partida que o bullying e o cyberbullying tem o seu apogeu entre os 13 e os 15 anos, pois pensamos ser em idades mais precoces que a falta de supervisão poderá marcar uma possível má formação de personalidade e hábitos diários.

Se conseguirmos modificar alguns hábitos e comportamentos, possivelmente reduziremos situações futuras de ocorrências de uso indevido das TIC.

Embora já existam alguns estudos relacionados com o cyberbullying em Portugal (Campos, 2009; Pereira et al, 2009; Meque, 2011; Dias de Castro, 2012), muito poucos são aqueles que se dedicaram a crianças do 1º e 2º ciclos de escolaridade e, nenhum no distrito de Vila Real.

Pretendemos desta forma inquirir alunos do 3º ao 6º anos de escolaridade (excluindo à partida os dois primeiros anos do 1º Ciclo por dificuldades de compreensão e preenchimento do questionário), em quatro aspetos essenciais: resultados estatísticos, hábitos com as TIC, conhecimento sobre a temática de bullying/cyberbullying e respetivas ocorrências, num agrupamento de escolas do interior de Portugal.

1.2. Questões de Investigação

- **Questão 1 (Q1)** “As crianças e jovens estarão informadas sobre o que é o Bullying e o Cyberbullying?”

- **Questão 2 (Q2)** “A constituição das famílias atualmente será do tipo tradicional (pai, mãe e irmão/s)?”

- **Questão 3 (Q3)** “Será que as crianças e jovens entre os 7 e os 11 anos são vítimas de Bullying ou Cyberbullying?”

- **Questão 4 (Q4)** “Computadores com ligação à internet e telemóveis farão parte da tecnologia pessoal das crianças e jovens atualmente?”

- **Questão 5 (Q5)** “Será que as crianças e jovens passam demasiado tempo em contacto com as novas tecnologias?”

- **Questão 6 (Q6)** “Encontrar-se-ão as novas tecnologias (televisão e computador com ligação à internet) nos compartimentos ou locais mais apropriados das suas habitações?”

- **Questão 7 (Q7)** “A escola será o local onde as crianças e jovens mais acedem à Internet?”

- **Questão 8 (Q8)** “A vigilância e aconselhamento por pais e encarregados de educação existirá atualmente?”

- **Questão 9 (Q9)** “O horário de deitar durante o período de aulas e nos fins de semana será o mais correto e desejável?”

1.3. Metodologia

Realizámos um estudo exploratório, tendo selecionado como principal instrumento de recolha de informação um inquérito por questionário, dirigido a crianças, do 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico, do Agrupamento de Escolas Diogo Cão, um dos dois agrupamentos da capital de distrito, Vila Real.

A opção pelo inquérito por questionário, prende-se com o facto de se tratar de uma ferramenta versátil, contemplando a possibilidade de um tratamento quantitativo e qualitativos e, também, por assegurar a confidencialidade e anonimato, garantia tão importantes em estudos desta índole, visando a compreensão de fenómenos tão sensíveis.

Para Garcia Muñoz (2003), referindo-se ao questionário, refere que a (...) *su característica singular radica en que para registrar la información solicitada a los mismos sujetos, ésta tiene lugar de una forma menos profunda e impersonal*, o que se tornou numa mais valia, tendo em conta a temática da investigação.

1.3.1. Questionário

O questionário foi planeado e concebido especialmente para o efeito e validado por especialistas na Área de Tecnologia Educativa e Psicologia da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Contempla, na sua estrutura 49 questões abertas, fechadas e mistas, estando dividido em cinco grupos, designadamente: Grupo I – Dados pessoais, familiares e relação com os meios de comunicação; II – Comportamentos; III – Discriminação entre pares; IV – Hábitos diários versus meios de comunicação e V – Hábitos e preferências nos tempos livres. Neste capítulo destacámos as questões centradas na parte referente a atitudes, comportamentos e hábitos diários com os meios de comunicação.

A aplicação do mesmo, decorreu em duas escolas do Agrupamento Diogo Cão de Vila Real, geograficamente afastadas (urbano versus rural), durante o mês de Dezembro de 2012.

1.3.2. Amostra

1.3.2.1. Caraterização do Meio

A cidade de Vila Real está situada a cerca de 450 metros de altitude, sobre a margem direita do rio Corgo, um dos afluentes do Douro. Localiza-se num planalto rodeado de altas montanhas, em que destacam as serras do Marão e do Alvão.

Dista aproximadamente 85 quilómetros, em linha reta, do Oceano Atlântico, que lhe fica a Oeste, 15 quilómetros do rio Douro, que lhe corre a Sul, e, para Norte, cerca de 65 quilómetros da fronteira com a Galiza, Espanha.

Vila Real é sede de concelho e capital de distrito.

O Concelho de Vila Real, mantém características rurais bem marcadas em que dois tipos de paisagem dominam: a zona mais montanhosa das Serras do Marão e da Alvão, separadas pela terra verdejante e fértil do Vale da Campeã, e, para o Sul, com a proximidade do Douro, as vinhas em socalcos. Por toda a parte existem linhas de água que irrigam a área do Concelho, com destaque para o Rio Corgo, que atravessa a Cidade num pequeno mas profundo vale de invulgar beleza.

O Concelho é constituído por vinte freguesias (em 2013) e a sua população ronda pouco mais de cinquenta mil habitantes, para uma área de cerca de 370 km².

1.3.2.2 Caraterização do Agrupamento

O Agrupamento Vertical de Escolas de Diogo Cão foi criado em 26 de Junho de 2003 e resulta da junção da EB 2,3 Diogo Cão, com o Agrupamento Horizontal “Do Alvão às Portas da Bila”. Em Julho de 2007, fundiu-se com o Agrupamento Horizontal D. Dinis.

É constituído por uma escola do 2º e 3º ciclos, vinte e cinco escolas do 1º ciclo e vinte e três jardins-de-infância.

A Escola Básica do 2º e 3º ciclo Diogo Cão é a sede do Agrupamento e situa-se em Vila Real, na freguesia de N. Sr.^a da Conceição.

O Agrupamento de Escolas Diogo Cão é constituído por um total de 49 edifícios escolares e acolhe 2779 alunos.

1.3.2.3. Caraterização da Amostra

A população (totalidade alunos) do agrupamento era, à data (2012/2013), de 1087 alunos do 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico, nomeadamente, 3º, 4º, 5º e 6º anos de escolaridade. Excluímos à população inicial, o correspondente aos 1º e 2º anos de escolaridade, pois não irão fazer parte integrante da nossa amostra.

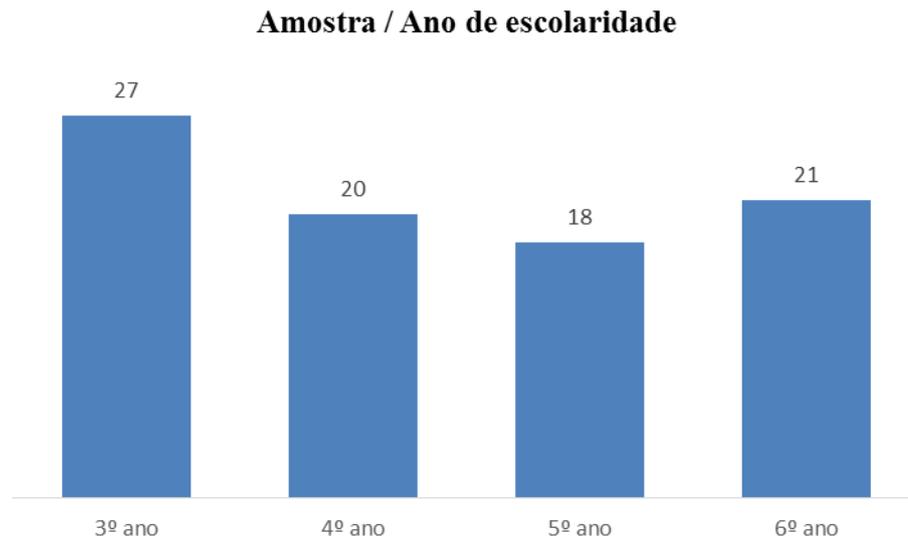


Gráfico nº1 – Distribuição dos alunos da amostra por ano de escolaridade

Estamos perante uma amostra de conveniência constituída por 27 alunos do 3º e 20 do 4º anos da EB1 de São Vicente Paula, 18 do 5º e 21 do 6º ano da EB 2,3 do Diogo Cão (Sede de Agrupamento de Escolas), perfazendo uma totalidade de 86 inquiridos, os quais encontram-se, aproximadamente, distribuídos quanto ao género, tendo em conta o ano de escolaridade, da seguinte forma:

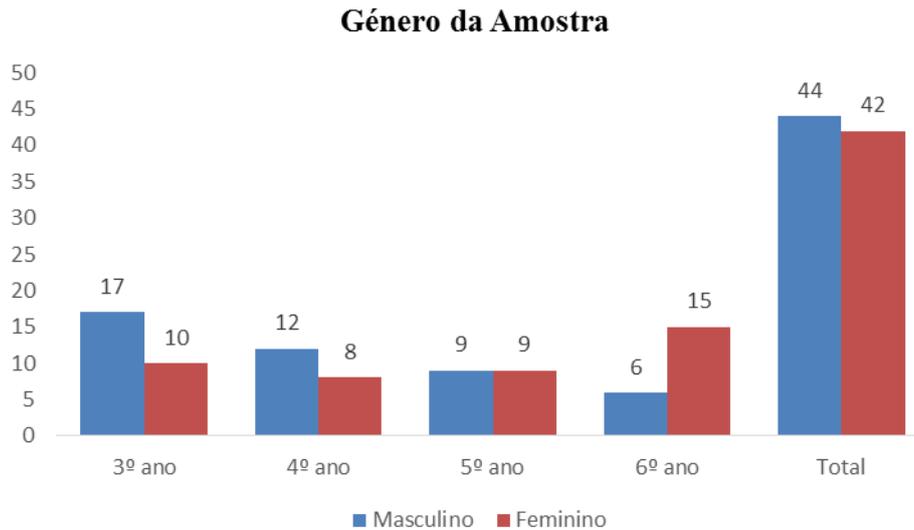


Gráfico 2: Distribuição dos alunos por ano de escolaridade/género

Após recolha dos questionários, procedeu-se ao tratamento e análise dos dados, no decorrer do primeiro trimestre de 2013, sendo os mesmos tratados com recurso ao *software* de análise estatística SPSS 17.

Todo o processo de autorização e distribuição dos questionários seguiu os procedimentos legais estabelecidos para investigações semelhantes.

1.3.3. Procedimento da Investigação

Após concebidos os questionários, foram verificados num grupo de 10 crianças entre os 7 e os 11 anos. Surgiram algumas dúvidas no preenchimento dos mesmos por parte da amostra de verificação o que nos levou a fazer adequações na estrutura e na forma de algumas questões para que não surgissem incongruências e ambiguidades na sua interpretação.

Ao mesmo tempo que se procedia às alterações, foi enviado um ofício para o agrupamento de escolas a solicitar autorização para aplicação do questionário, bem como, a indicação da amostra que pretendíamos inquirir. Foi solicitado uma reunião com a direção do Agrupamento para apresentar o instrumento de recolha de dados, saber as turmas onde os iríamos aplicar e qual a data mais indicada.

A aplicação do questionário na Sede de Agrupamento, no que diz respeito ao 5º ano de escolaridade coincidiu com a disciplina de Língua Portuguesa e na de 6º ano com EVT. Nas turmas do 3º e 4º anos foram aplicados na Escola Básica de São Vicente Paula.

Todos os questionários foram aplicados em momentos diferentes, para que desta forma o investigador pudesse estar presente.

Previamente, foram entregues aos diretores de turma e professores titulares as respetivas autorizações para serem distribuídas aos encarregados de educação dos alunos envolvidos na investigação.

O procedimento foi uniformizado nas quatro turmas e seguiu os seguintes passos: distribuição, leitura questão a questão, explicação e respetivo preenchimento.

O tempo para o preenchimento do questionário estipulado em 30 minutos verificou-se ser o mais adequado nas turmas do 4º, 5º e 6º anos. Quanto ao 3ºano de escolaridade, verificamos que, apesar de ser suficiente para a maioria dos alunos, o tempo mais adequado seria 45 minutos. Constatamos que alguns alunos, pela tenra idade, tiveram dificuldades na compressão de determinadas questões, nomeadamente a I-3, I-11, IV-7 e V-1.

2. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Grupo I – Dados pessoais, familiares e a relação com os meios de comunicação

Após a análise dos dados observamos que a maior parte da amostra (51,2%), está enquadrada no conceito de família convencional, ou seja, pai, mãe e filhos. Logo de seguida surgem as famílias com apenas um filho (19,8%).

Constatamos também que o número de famílias monoparentais começa a apresentar-se preocupante, já superior a 15% (N-86).

Nos restantes 14% - *Com outras pessoas* -, salienta-se maioritariamente, os que vivem com outros familiares (avós e tios). Esta situação tem a ver com o fluxo crescente de emigração, segundo o que pudemos constatar nos dados analisados.

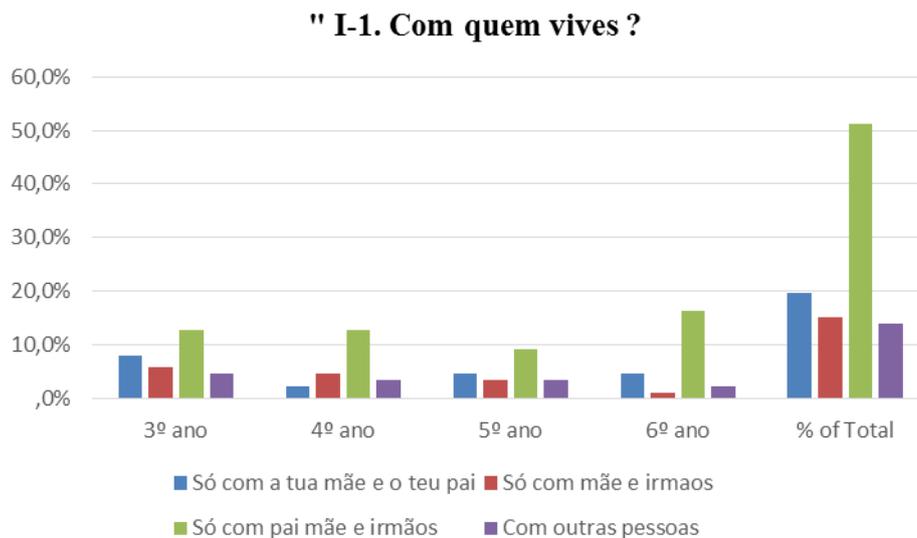
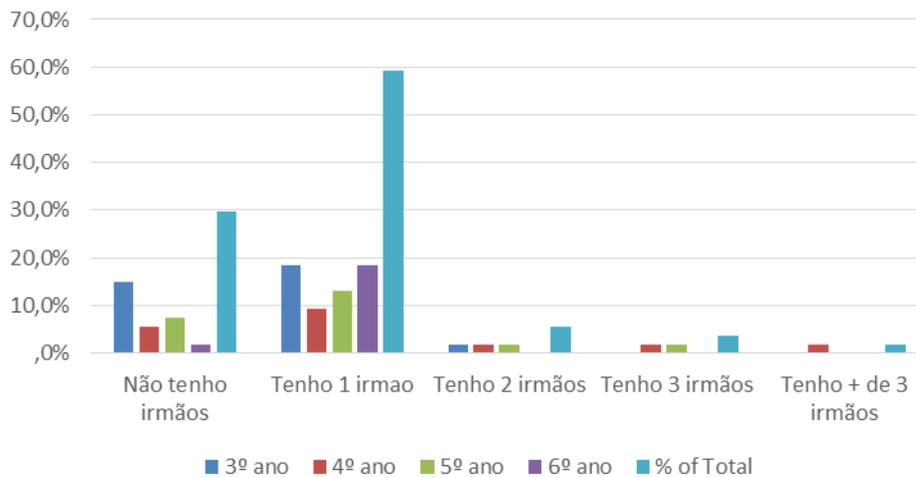


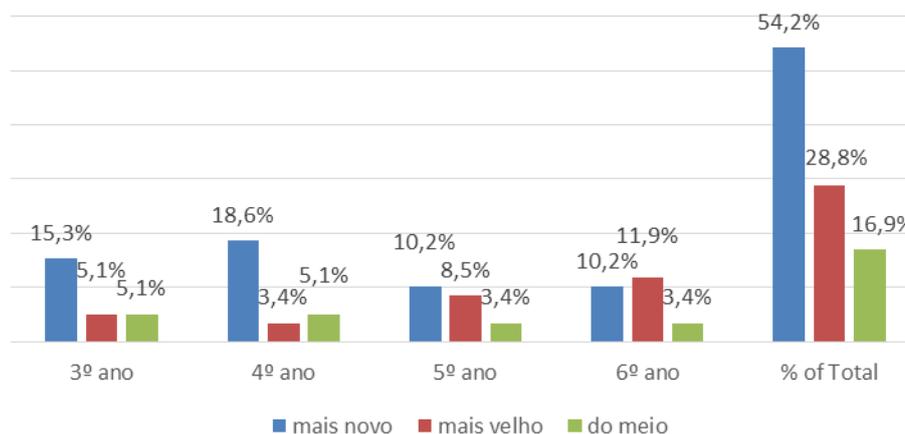
Gráfico nº3

Devido a atual estado económico de Portugal, bem como à atividade profissional de ambos os cônjuges, constatamos que o número de crianças tem vindo a decrescer de ano para ano.

Este facto refletiu-se neste estudo, pois quando questionados sobre *quantos irmãos tens ?*, 29,6% dos inquiridos disseram que eram filhos únicos e 59,3% que apenas tinham um irmão.

" I-2. Quantos irmãos tens ?**Gráfico n.º4**

Com o intuito de conhecer melhor a família, auscultamos os inquiridos sobre a relação etária entre os irmãos. Verificámos que em 54,2% dos casos, são os mais novos. Isto faz com que tenham à sua disponibilidade mais equipamentos de TIC, e por sua vez, maior possibilidade de usufruírem deles.

" I-3. Se tens irmão(s), em relação a ele(a) ou eles(as), tu és ?**Gráfico n.º5**

Tão importante é a família como o espaço destinado à mesma. Perguntámos à amostra se o quarto era compartilhado com irmãos ou outras pessoas, isto com o objetivo de conhecer se as crianças e jovens tinham um espaço só para elas, com pouca supervisão.

Chegámos à conclusão que 65% não compartilha o quarto, apenas metade da amostra coabita no mesmo compartimento com irmão(s). Isto poderá refletir-se na quantidade de tempo disponibilizada com os meios de comunicação, sejam eles telemóvel, televisão ou computador, com ou sem ligação à internet.

" I-4. Em relação à casa onde vives: "

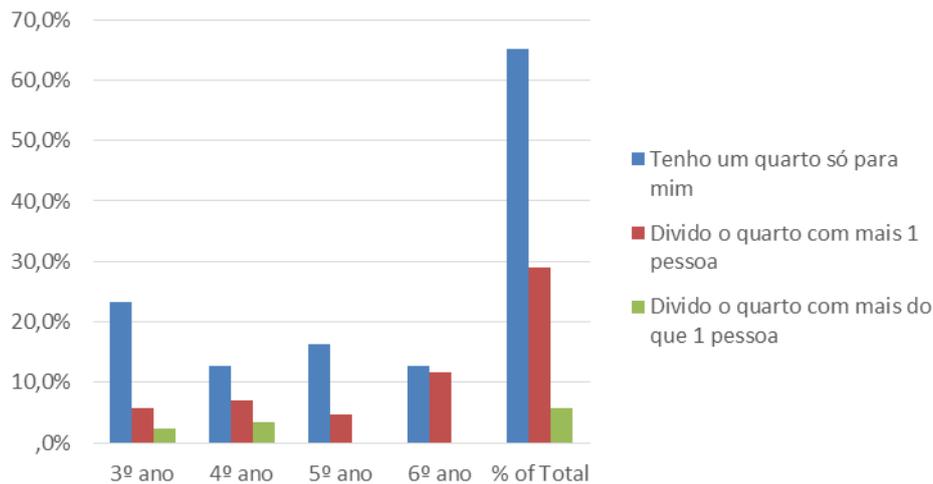


Gráfico n.º 6

Nas questões seguintes inquirimos a amostra sobre as TIC disponíveis no seio familiar.

" I-5. Em relação aos meios de comunicação: - Tenho telemóvel pessoal ?"

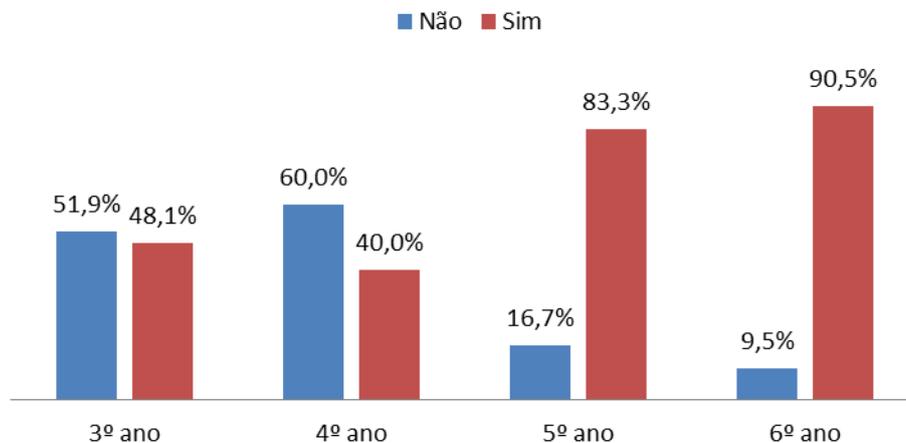


Gráfico n.º 7

Verificámos que existe uma tendência crescente entre o 3º e o 6º anos de escolaridade, ou seja, entre os 7 e os 11 anos, com uma única e ligeira exceção no 4º ano. A faixa mais jovem da população, segundo a Sociedade da Informação, apresenta uma percentagem de 48,1% de posse de equipamento móvel, em quanto nos mais velhos ter telemóvel apresenta-se como prática corrente (90,5%).

Com os dados obtidos, pudemos constatar que relativamente ao uso das tecnologias móveis, 64% da população inquirida possui, pelo menos, um equipamento.

**" I-5. Em relação aos meios de comunicação:
- Tenho computador com ligação à Internet ? "**

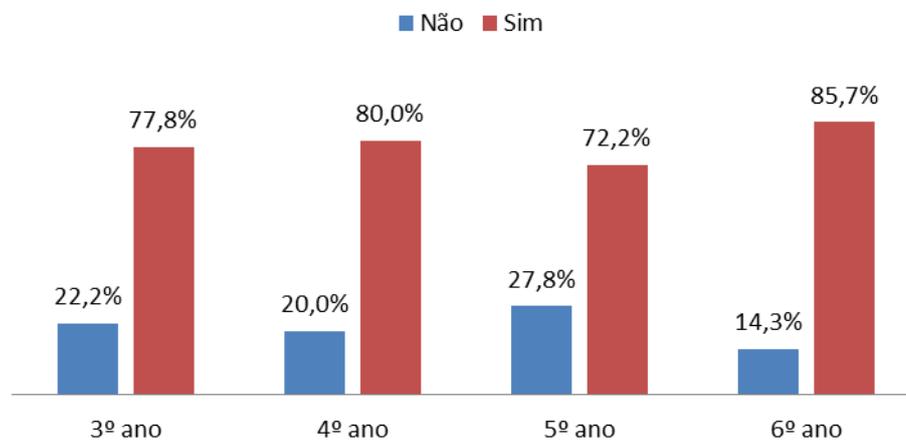


Gráfico nº8

Quando questionados se possuem *computador com ligação à Internet*, na sua habitação, cerca de 80% respondeu afirmativamente.

Em Portugal, de 2002 para 2009, a percentagem de computadores com ligação à Internet, do total de computadores no ensino básico e secundário, aumentou de 51,1% para 90,9% (PORDATA, 2010).

Gravoso é saber que 31,3% usufrui deste equipamento no próprio lugar onde dorme. Segundo Cardoso et al (2007, p.416), *o quarto deixou de ser aquele espaço privado onde se dorme, se estuda ou confinado a práticas mais íntimas. É onde se realiza cada vez mais todo um conjunto de práticas ligadas aos media e onde os sistemas de media visíveis no espaço público têm penetrado nesse conclave privado.*

" I-6. Caso tenhas computador com ligação à Internet, em tua casa, em que compartimento ou divisão se encontra ? " (no quarto)

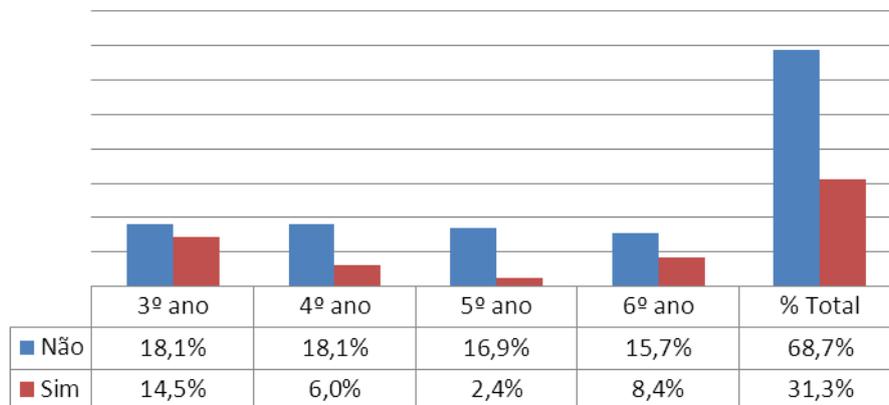


Gráfico n.º9

Para Ponte (2012), *Portugal leads in children's ownership of personal laptops and is placed third in children accessing the internet in their bedrooms (after Denmark and Sweden).*

Dos outros espaços assinalados onde se encontram os computadores com Internet, destacamos a sala com 45,8%, este, sim, um lugar adequado com vigilância para o efeito.

" I-6. Caso tenhas computador com ligação à Internet, em tua casa, em que compartimento ou divisão se encontra ? " (na sala)

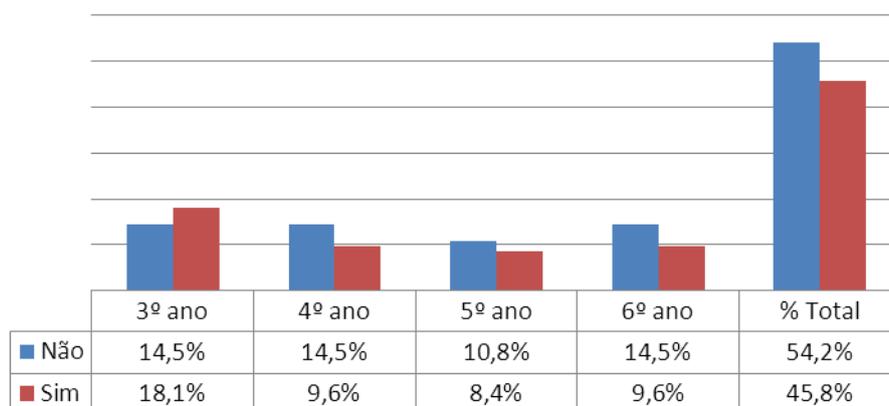


Gráfico n.º10

Ainda foram referidas outras zonas da habitação com menor incidência como a escritório e a cozinha com 27,7%.

Quando relacionamos três variáveis *ano escolar/computador com Internet/quarto*, deparamo-nos com uma oscilação entre o 3º e o 6º anos quanto aos “sim” e uma constância em relação aos “não”.

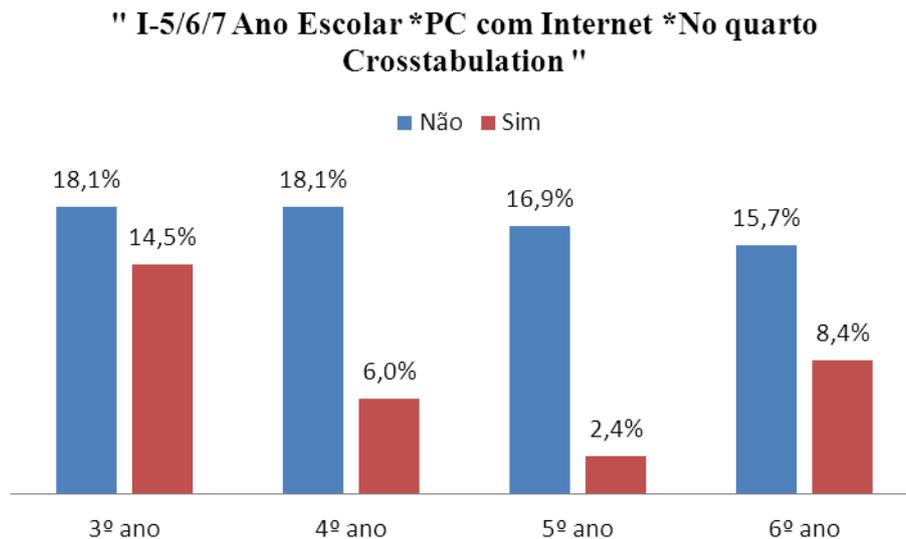


Gráfico nº11

As crianças, desde muito cedo, estão a ser elucidadas sobre os perigos da falta de supervisão parental, possivelmente através dos meios de comunicação de massas como a televisão. Diariamente surgem nos espaços noticiosos relatos de crimes relacionados com o uso indevido da internet na sua componente mais mediática, as redes sociais.

A partir do 6º ano de escolaridade, por intermédio dos jogos em rede e da comunicação entre pares em rede, surge a necessidade por parte dos jovens de estar mais tempo junto dos equipamento em causa.

Em relação à supervisão da família, deparamo-nos com uma situação preocupante. Conforme as crianças vão crescendo, o acompanhamento vai diminuindo.

" I-5/6/7 Ano Escolar * No quarto * Quando navegas, quem tens a teu lado? * Pais ou Enc. de Educação Crosstabulation "

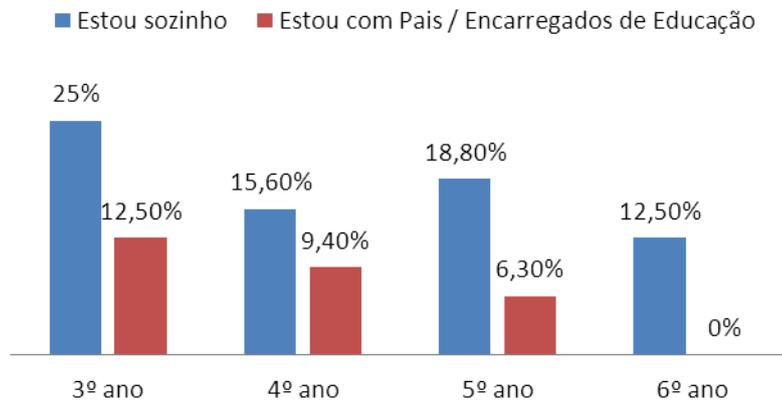


Gráfico n.º12

Ao mesmo tempo, as famílias são substituídas pelos pares, crianças e jovens com os mesmos problemas, dúvidas, e curiosidades.

Em relação à televisão, a totalidade mencionou que tinha acesso a um pacote genérico digital (gratuito) que contempla a RTP1, RTP2, SIC e TVI, o que salienta realçar é a percentagem dos lares que tem contrato com empresas de televisão por cabo.

**" I-5. Em relação aos meios de comunicação:
- TV com box (por cabo ou satélite) "**

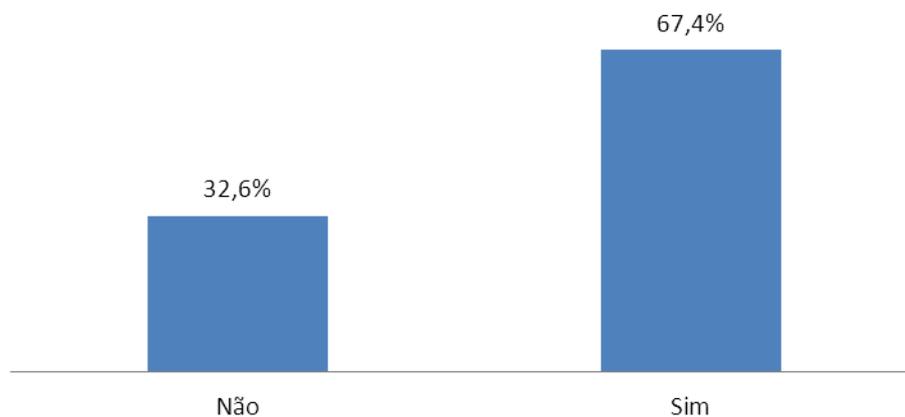


Gráfico n.º13

Mais de dois terços da população inquirida usufrui de um pacote de canais por cabo que contempla dezenas de canais, nacionais e internacionais, desde de carácter noticioso, séries, desporto, filmes, música e, até em diversos casos, de cariz sexual, o que se poderá tornar contraproducente nesta faixa etária que ainda não possui as necessárias ferramentas morais e éticas para se defender nas maleitas de uma informação desmensurada constante nos *media*.

Com idades tão precoces, a programação de preferência pauta-se por *desenhos animados* e *programas infantis*. Mesmo estes pautam-se, em alguns casos, por doses de violência e agressividade elevados.

" I-8. Quanto à televisão, o que mais gostas de ver ? "

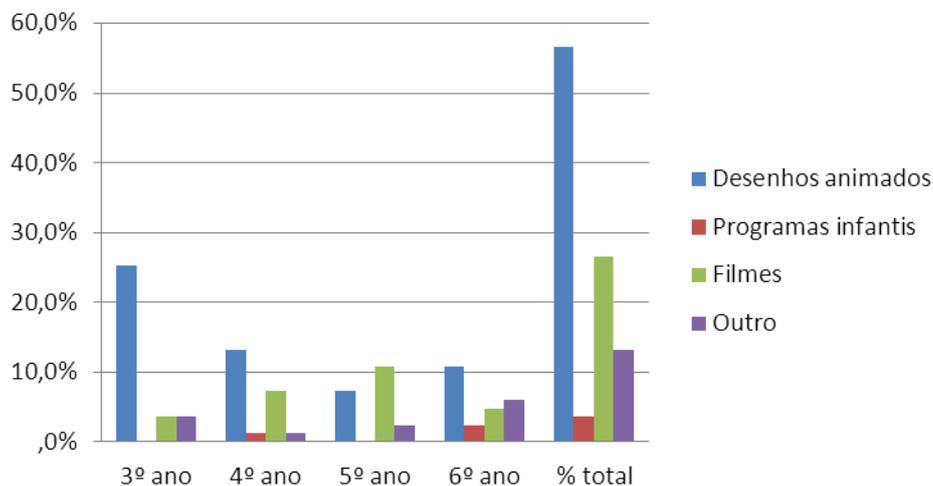
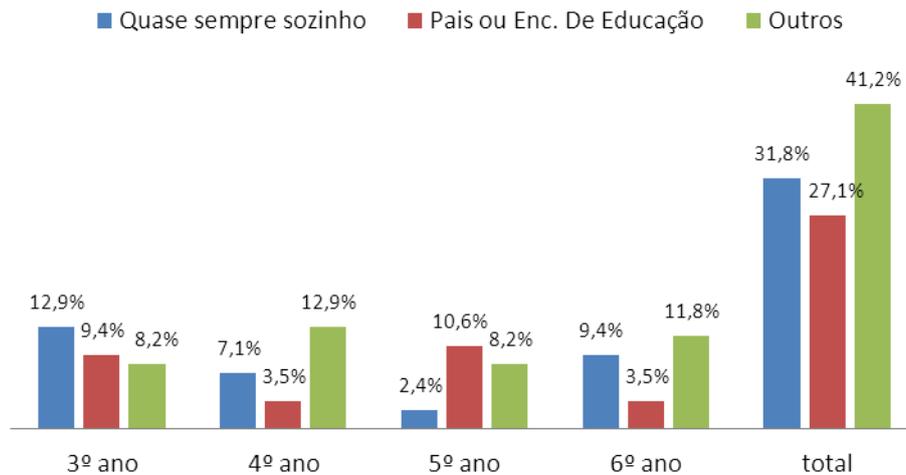


Gráfico nº14

Quando analisadas as respostas a esta pergunta, registamos, a partir do 4º ano um aumento na opção *outro*. As respostas incidiram em talkshows como *Casa dos Segredos* e *Big Brother*, Série juvenil *Morangos com Açúcar*, séries de investigação como *CSI* e, telenovelas.

Em qualquer um dos casos, a existência de temas como violência policial, sexo e falta de ética em variadíssimas dimensões encontra-se patente.

Tal como na abordagem à diminuta supervisão no respeitante à Internet, quando falamos de televisão verificámos que o mesmo se verifica.

" I-9. Quando vês TV, quem tens a teu lado? "**Gráfico n.º15**

Nos 3º e 4º anos deparamo-nos com uma insuficiente presença dos pais/ encarregados de educação, pois as crianças passam mais tempo sozinhas do que acompanhadas por estes. De uma forma global podemos classificar os dados referentes a esta questão como preocupantes. Em mais de 30% do tempo despendido na visualização dos conteúdos televisivos por parte da amostra, constata-se que não possuem ninguém a seu lado para uma explicação, ou mesmo limitação, de alguns temas não destinados a esta faixa etária.

O papel de controlo e monitorização dos adultos tem vindo a ser substituído pelos irmãos mais velhos e pelos pares, estes representam 41,2% do total.

Se, à falta de supervisão adicionarmos os horários menos corretos de deitar, criamos condições ideais para, estes e muitos outros alunos, puderem navegar, comunicar e visualizar, ao seu belo prazer, os mais diversificados conteúdos sem um aconselhamento de proximidade.

" I -11. No que diz respeito a horário, diz-nos qual é a hora a que te costumás deitar "

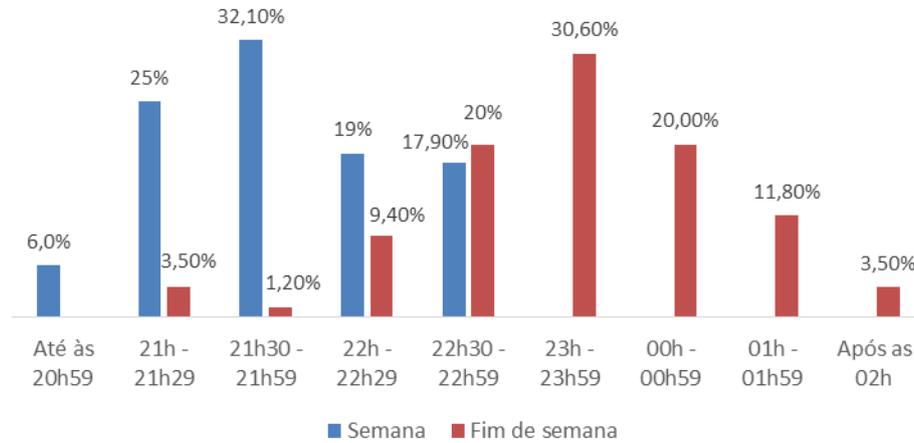


Gráfico nº16

Se os horários de deitar não forem os mais corretos, constata-se que os alunos nos dias subsequentes se apresentam com sono, desmotivados, com níveis de sensibilidade e irritação elevados e sem a concentração necessária para o normal e correto papel académico que lhes compete.

De domingo a 5ª feira podemos ver que 36,9% deita-se após as 22h, o que em alguns casos, poderá implicar menos de 8h de sono. Tal facto, nestas idades não é aconselhável. Esta situação acumulada com um excessivo número de horas em contato com as telas, sejam elas quais forem (consola, computador ou televisão), poderá implicar nas crianças noites mal dormidas pela quantidade de radiações assimiladas, para além das questões de dependência e dessensibilização.

Quanto aos horários de fim de semana (noite de 6ª e de sábado), estes apresentam-se demasiado permissivos por parte dos pais e/ou encarregados de educação. É de referir que estamos perante uma amostra cujas idades estão compreendidas entre os 7 e os 11 anos, dever-se-ia ponderar a autorização aos 35,3% dos inquiridos que se deitam após a meia noite.

Grupo II – Comportamentos

Existem comportamentos incorretos nas escolas e fora delas, de características violentas entre pares de onde se salientam os abusos de poder intencionais e continuados para prejudicar os outros.

Segundo o autor referência nesta temática de **bullying**, trata-se de um fenómeno que tipicamente é definido como um conjunto de ações negativas deliberadas e sistemáticas que repetidamente atingem um indivíduo, o qual tem uma menor capacidade para se defender do agressor (Olweus, 1993).

Para poder aferir com alguma exatidão possíveis situações de Bullying, aproximamos e tivemos em consideração a escala de resposta (5) e respetiva interpretação utilizada por Olweus nas suas investigações, ou seja, que estamos perante bullying se os inquiridos responderem “*duas ou mais vezes num mês*” ou “*uma vez ou mais por semana*”.

Sendo este questionário distribuído no início do mês de dezembro e os alunos contarem apenas 14 semanas de aulas, e sendo a amostra em causa com alunos entre os 7 e os 11 anos, em que a “*noção de tempo*” lhes gera algumas dúvidas, optámos por utilizar a seguinte escala: - *Nunca aconteceu*; - *Só aconteceu uma única vez*; - *Não muito (2 ou 3 vezes neste período)*; - *Algumas vezes (mais do que 5 neste período)* e - *Bastante (quase todos os dias)*.

Neste Grupo II, pretendemos identificar alunos possíveis vítimas deste tipo de agressões. Para tal foram elaboradas treze questões: as três primeiras para identificar possíveis vítimas; a questão 4.,8. e 9. para saber com quem conversam sobre estes assuntos; a 5., 10. e 11. para tentar identificar agressores e as questões 6.,7.,10. e 11. sobre informações e definições da temática.

" II-1/2. Algum dos teus colegas já foi mau contigo ? "
(por duas ou mais vezes)

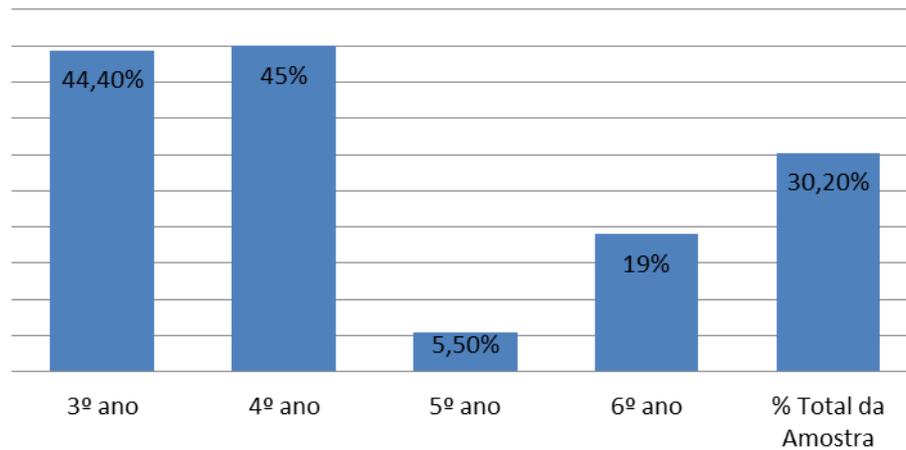


Gráfico nº17

Para melhor interpretarmos os dados deste gráfico, devemos ter em conta que as percentagens refletem, apenas e isoladamente, as respostas de cada ano de escolaridade. Com isto podemos inferir que o 3º e 4º anos apresentam resultados bastante elevados, quase metade dos alunos já foram, por duas ou mais vezes, vítimas de violência na escola por parte dos colegas. O 5º ano apresenta uma percentagem bastante baixa (5,5%), pois perante informações que constam nos questionários, o *Programa Escola Segura* da PSP e GNR sensibilizou-os sobre o assunto (Bullying). Tal facto ir-se-á verificar ao longo desta investigação.

A percentagem de 19% de vítimas apresentadas no 6º ano aproximam-se dos resultados de outras investigações já realizadas em Portugal como é o caso de Campos (2009) num estudo em alunos do 5º ao 12 ano, referindo que 17,4% dos indivíduos são vítimas de bullying; para Carvalhosa (2007), 23,5% dos alunos portugueses entre os 10 e os 18 anos estão envolvidos em comportamentos de bullying. Pereira et al (2009) também refere que foram vítimas 24,2% numa amostra de 88,1% de alunos entre os 8 aos 12 anos, realizado no concelho limítrofe de Bragança. Mais recentemente, Meque (2011) numa amostra de 2º Ciclo portuguesa, constatou que 36.5% já sofrera de bullying.

A nível internacional, num estudo realizado em 40 países, incluindo Portugal, onde participaram 202.056 adolescentes, 26% referiram estar envolvidas em bullying. (Craig, et al., 2009). Num outro, que envolveu 28 países, com uma amostra de 123.227 estudantes com 11, 13 e 15 anos de idade, por Due, et al. (2005), apresenta 33,6% de vítimas.

Retomando a nossa investigação, quanto ao tipo de vitimização, verificámos que *bater* (22,4%) e *empurrar* (17,4%) registaram percentagens mais elevadas, logo seguido por “envergonhar” (15,3%) e que as questões relacionadas o cyberbullying, praticamente não se registaram (2,4%).

" II-3. Se isso já aconteceu, diz-nos o que te fizeram: "

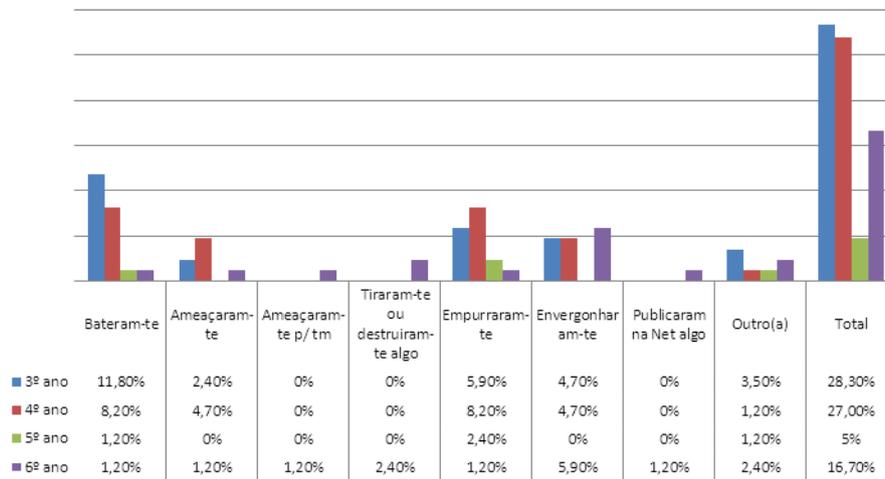


Gráfico nº18

Os anos de escolaridade onde mais situações ocorreram foi no 3º e 4º anos o que justifica de alguma forma o tipo de agressões verificadas. O confronto físico em crianças do 1º Ciclo é notório.

Quanto ao tipo de agressão sofrida, constatou-se que 40,1% sofreram agressões físicas (*Bater e Empurrar*), 15,3% foram envergonhados, 8,3% ameaçados, 2,4% viram ser-lhes destruído material próprio, 1,2% sofreu ameaças por telemóvel, 1,2% publicaram na internet algo depreciativo e 8,3% dos inquiridos relataram outro tipo de ações sofridas.

Em relação ao Cyberbullying, nomeadamente ações com recurso à Internet e telemóveis, apenas se registou uma ocorrência de cada, sendo uma de insultos por *sms* e a outra referente a publicações de fotografias e comentários em redes sociais. Estes resultados são igualmente semelhantes aos obtidos por Pereira, Silva e Nunes (2009)

...quanto ao recurso à internet e telemóvel para difundir mensagens ou imagens com o objectivo de denegrir a imagem do outro, foram casos pontuais ainda que este tipo de agressão seja um novo recurso utilizado pelos agressores e poderá ser utilizada como “arma de longo alcance”

pela gravidade do impacto, não está muito divulgada, tendo atingido a menor percentagem (1%).

" II-4.Quando tens algum problema, com quem falas?"

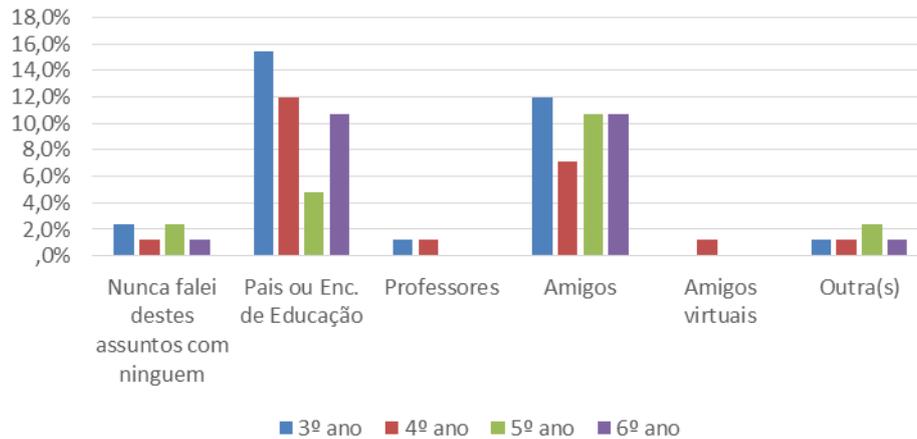


Gráfico n.º19

Quando ocorrem situações desta índole, a tendência da nossa amostra recorre aos *Pais / Encarregados de Educação*, logo seguido de muito próximo dos amigos. É uma nota muito positiva no que se refere à confiança que os pais transmitem para o diálogo. Já no que diz respeito aos “*Amigos*” é necessário ter a devida atenção.

Têm-se vindo a verificar que a escola poderá ter um papel de extrema importância na sensibilização e informação sobre questões referentes à violência entre pares. Com o presente estudo, constatamos que ainda muito há a fazer, já que pouco mais de metade dos inquiridos referiu que ainda ninguém o informou sobre bullying ou cyberbullying.

" II-6. Na tua escola já alguém te informou sobre Bullying ou Cyberbullying? "

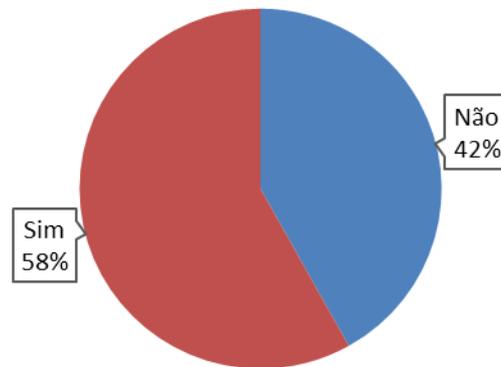


Gráfico n.º20

No gráfico que se segue pode-se visualizar, por ano de escolaridade, a falta de informação patente nos diferentes anos. A partir do 5º ano constata-se que existe um maior conhecimento, apesar de muito residual.

" II-6. Na tua escola já alguém te informou sobre Bullying ou Cyberbullying? "

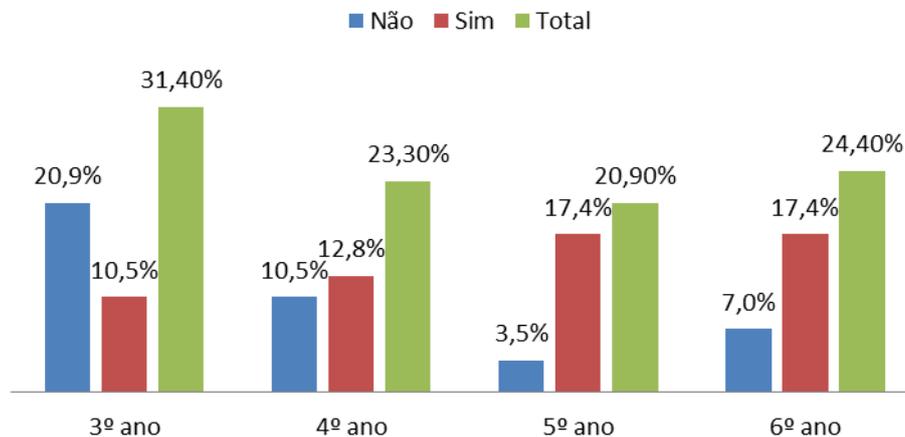


Gráfico n.º21

Quando questionados sobre que é o emissor da informação no espaço escolar, em relação aos que responderam afirmativamente, deparamo-nos com um cenário de principal incidência no corpo docente, pois 47,8% identificou o professor como a fonte de informação.

"II-7. Se respondeste "sim", quem é que te informou sobre Bullying ou Cyberbullying?"

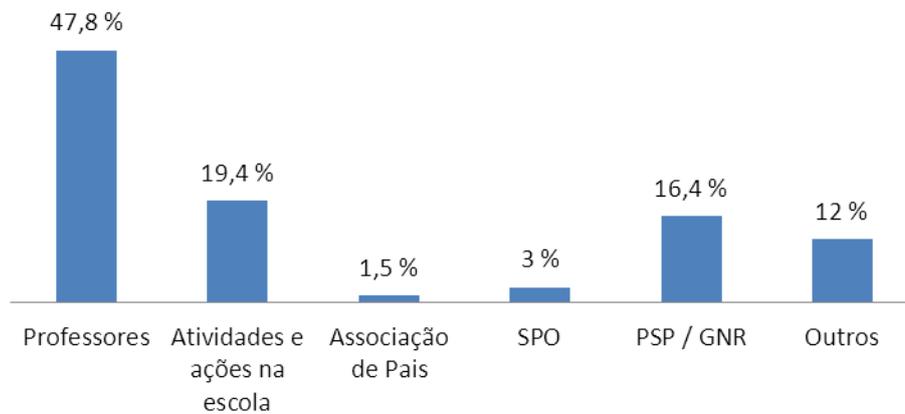


Gráfico n.º22

As atividades e ações promovidas pela/na escola e o *Programa da Escola Segura* apresentam 19,4% e 16,4%, respetivamente.

A par da escola, a família tem um papel preponderante em questões de educação. Esta tem como principal função, preservar o bem estar físico, psicológico e moral dos seus constituintes, principalmente se se tratar de crianças e jovens. O que não se veio a verificar nos resultados obtidos.

" II-8. E em tua casa ou no local onde vives, já alguma vez conversaram contigo sobre Bullying ou Cyberbullying? "

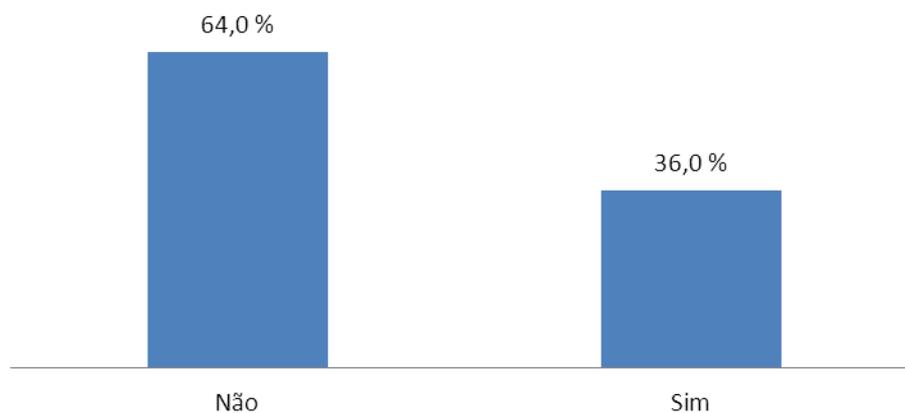


Gráfico n.º23

Apenas cerca de um terço dos inquiridos (36%) referiu que já abordou esta temática no seio familiar.

O número de situações ocorridas de bullying, tem aumentado nos últimos anos. Os espaços noticiosos dos diversos canais de televisão e jornais tem alarmado a população com notícias alarmantes.

“Leandro, 12 anos, é a primeira vítima mortal conhecida de bullying em Portugal. “Atirou-se ao rio Tua. Colegas garantem que não é caso único de violência na escola.” (JN 2010-03-04)

“Uma aluna de 10 anos terá sido violentamente agredida no recreio, por um colega da mesma idade, na EB2,3 Marco, no concelho de Marco de Canaveses. Pela descrição da encarregada de educação da vítima, a filha está a ser alvo de bullying (violência psicológica e/ou física) sem que a escola atue com a prontidão desejada.” (JN 2012-05-30)

“Natural de Adáuife (Braga), Néilson tinha quinze anos e era humilhado por colegas de escola. Na sexta-feira passada, forçaram-no a ficar em cuecas no pátio. Foi a gota de água. Sábado à noite, Néilson suicidou-se com a velha receita, corda, nó, laço. Infelizmente, Néilson é só o último episódio de uma vaga de violência escolar.” (Expresso 2014-01-16)

Tanto a escola como a família deverá estar atenta, informada e alertada para sensibilizar e, atuar de uma forma preventiva para minimizar ocorrências desta índole.

" II-11. ...em que locais é mais normal ocorrer este tipo de situações? "

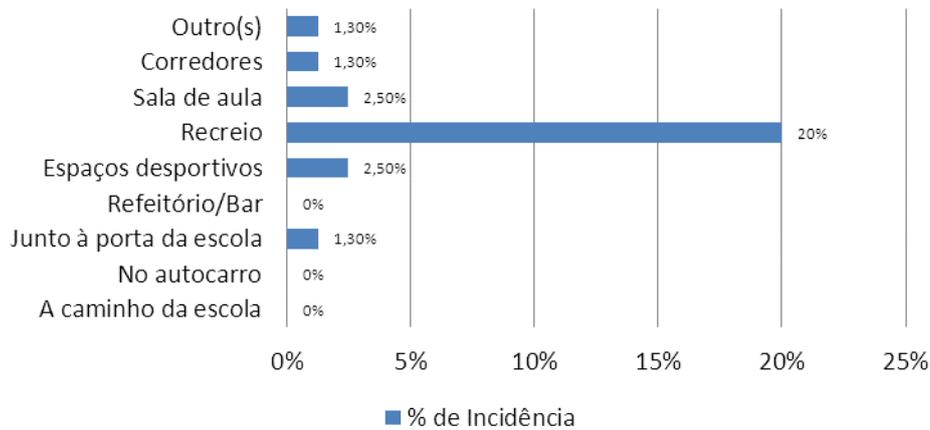
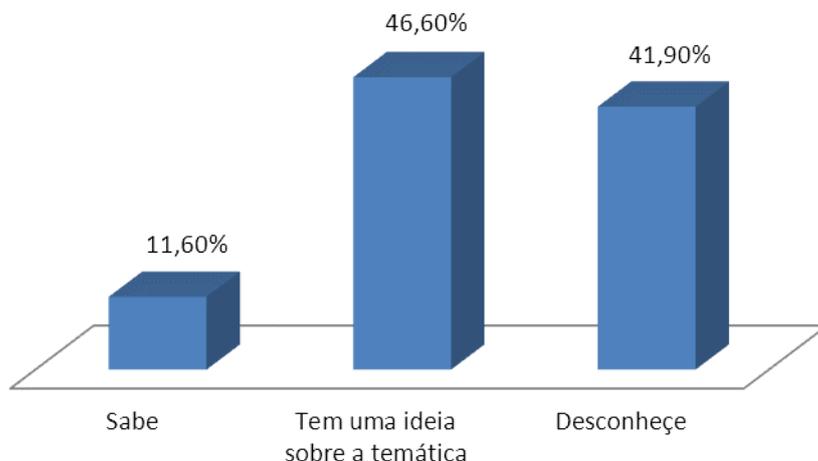


Gráfico n°24

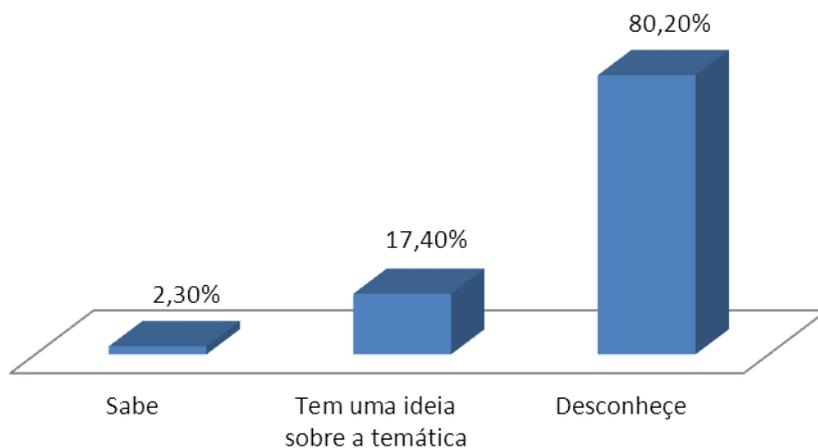
E em que locais este tipo de ocorrências é mais comum? Baseando-nos em diversos estudos que tem vindo a ser publicados na comunidade científica, verificamos que o recreio salienta-se dos restantes espaços escolares.

De acordo com Pereira (2008), *os recreios são alvo de atenção por partes dos investigadores, pois apesar de para a maioria das crianças ser no recreio que passam os melhores momentos do dia, é nos recreios que ocorrem mais práticas de agressão e vitimação.*

O volume de informação disponível verificou-se que não chega aos alunos. Após analisarmos as questões abertas II-12 e II-13, nomeadamente: *O que é para ti o Bullying?* e *O que é para ti o cyberbullying?*, deparamo-nos com um nível de conhecimento muito reduzido por parte da amostra.

II-12. O que é para ti o Bullying ?*Gráfico n.º25*

A quantidade de alunos que desconhece a noção de bullying preocupa-nos, já que a percentagem não deixa qualquer dúvida (41,9%).

II-13. O que é para ti o Cyberbullying ?*Gráfico n.º26*

Em relação ao cyberbullying, o cenário ainda se reflete mais negro. Apenas 2,3% o *sabe* definir, 17,4% *tem uma ideia* e, a elevada percentagem que *desconhece* (80,20%), merece da nossa parte uma reflexão exaustiva.

Grupo III – Discriminação entre pares

Este grupo apresenta sete questões, das quais, a 1., 2., 5., e 6., referem-se a possíveis alunos vitimizados e as questões 3. e 4. a possíveis agressores.

Neste espaço inquirimos os alunos em relação a situações de discriminação entre pares, tais como, raça, etnia, religião e quanto ao aspeto físico e psicológico. A questão 7. foi pensada com o objetivo de identificar os possíveis agressores (bullys).

" III-1. Alguma vez já te aconteceu isto, fiques fora dum jogo ou brincadeira ? "

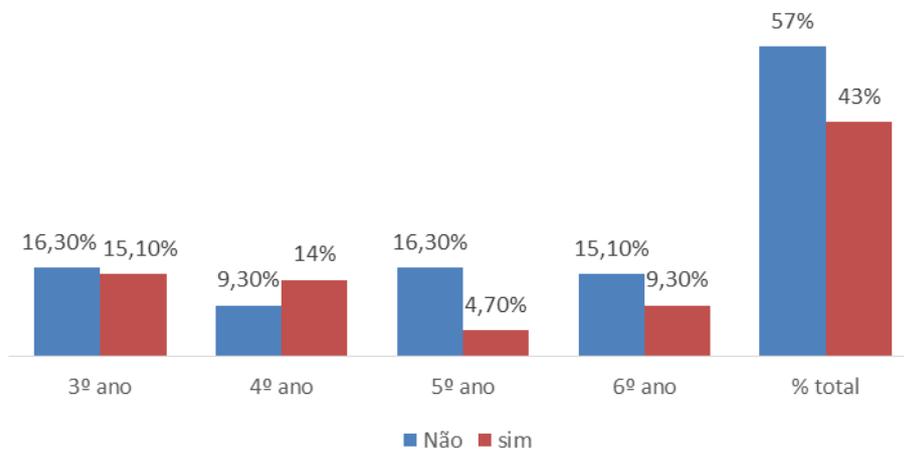


Gráfico nº27

Dos 43% apresentados neste gráfico como discriminados, 29,1% referiram que aconteceu 2 ou mais vezes, os restantes 14% relataram que apenas ocorreu uma vez ou nenhuma.

" III-5. E tu? Alguma vez implicaste com os teus colegas? "

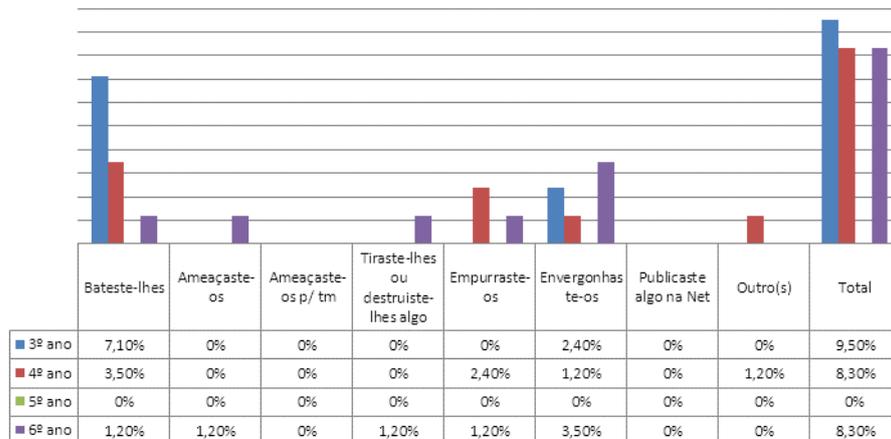


Gráfico n.º28

O que se verificou com as respostas foram situações em que envolveram algum tipo de violência física como *bater e empurrar*. Nesta questão salienta-se a percentagem referente ao ato de *envergonhar* que sucedeu em 7,1% dos casos, maioritariamente no 6º ano de escolaridade.

Quando nos referimos aos motivos que fizeram com que ficassem de parte de um jogo ou brincadeira, notamos que temas como a aparência física e a timidez, destacam-se.

" III-5/6. Já alguma vez sentiste que os teus colegas te puseram de parte? Se "sim", diz-nos qual ou quais foram os motivos? " (N-26 / Missing N-60)

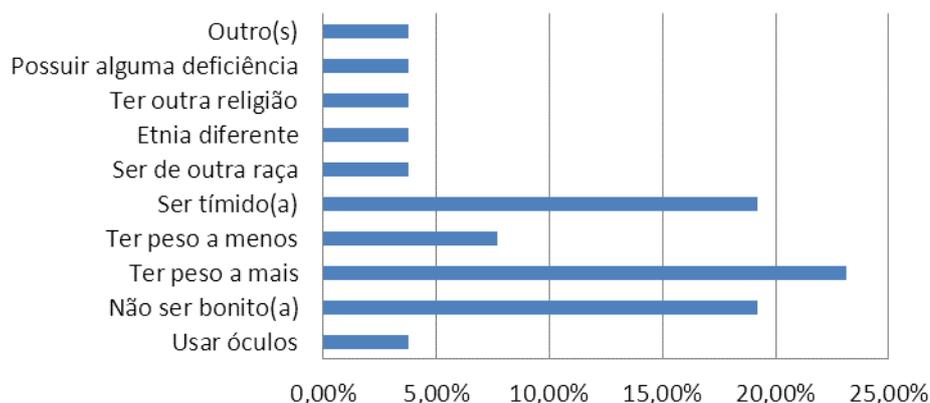


Gráfico n.º29

Por ter peso a mais, 23% foi discriminado, 19% por *ser tímido(a)*, 19% por *não ser bonito*, 8% por *ter peso a menos* e os restantes motivos apresentam uma percentagem pouco significativa.

Em relação à questão para identificação de possíveis agressores, é de referir que são conhecidos, sendo da mesma turma e, conseqüentemente, da mesma escola e são mais velhos.

" III-7. Se alguma vez algum colega te fez mal ou te fez sentir mal, dá-nos informações sobre ele: "

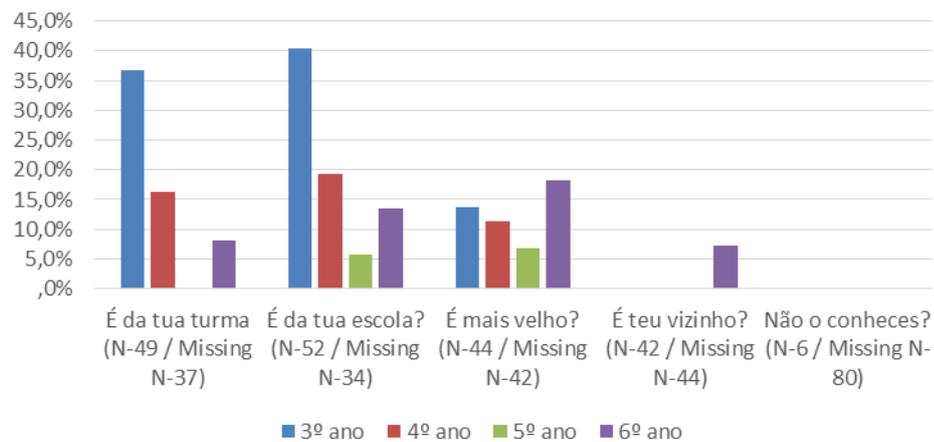


Gráfico n°30

Em relação aos alunos do 6º ano, destacam-se os agressores que foram identificados como *mais velhos*, conhecidos e, pertencendo ou não, à mesma turma e escola. Estes referiram-se ainda a três deles, como sendo vizinhos.

Grupo IV – Hábitos diários vs meios de comunicação

As questões contempladas neste grupo, destinam-se a conhecer melhor quais os meios de comunicação que os alunos possuem, para que os utilizam e qual o período de tempo que lhes disponibilizam. Para esse efeito concebemos 11 questões, das quais, 4 são fechadas, 6 mistas e uma aberta.

Segundo a Sociedade da Informação e do Conhecimento no seu Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias de 2012 (visto que relatório de 2013 ainda não foi disponibilizado), respeitante ao grupo etário entre os 10

e os 15 anos, um público parcialmente coincidente com a nossa amostra, indica que a utilização das TIC encontra-se largamente difundida entre os mais novos: 98% utilizam computador, 95% acedem à Internet e 93% usam telemóvel.

Segundo os nossos dados detetamos a presença de telemóveis em 70,9% dos inquiridos, um pouco abaixo dos 93% do relatório anteriormente apresentado.

" IV-1. Tens telemóvel pessoal ? "
(N-86)

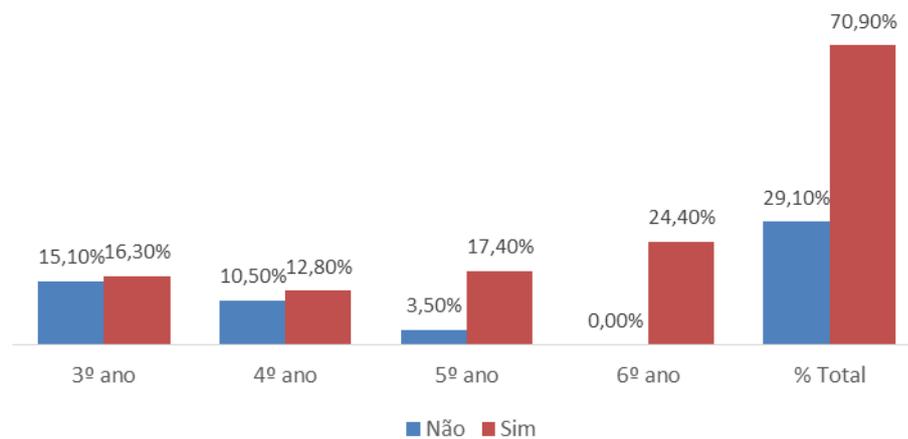


Gráfico nº31

Dos inquiridos que referiram possuir telemóvel, questionamos, quais tinham equipamentos com possibilidade de tirar fotos e filmar pequenos vídeos.

" IV-2. O teu telemóvel dá para tirar fotografias e fazer pequenos vídeo ? "
(N-64 / Missing N-22)

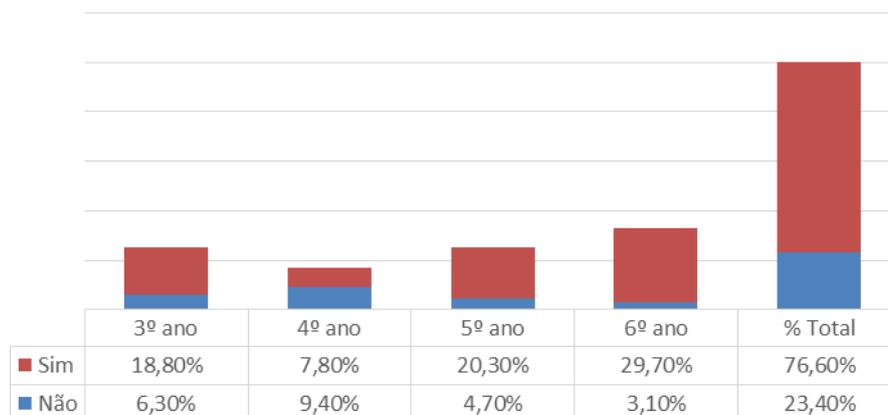


Gráfico nº32

Salientamos que estes equipamentos vão aumentando com a idade, com a exceção dos alunos de 8 anos a frequentar o 4º ano de escolaridade. Uma percentagem de 76,6% dos alunos encontram-se em situação de serem possíveis agressores, pois tem ao seu dispor uma ferramenta/arma capaz de registar imagem, som e vídeo.

Durante o ano de 2012 e, mediante dados do mesmo relatório, 69% e 63% de utilizadores de computador e de Internet, respetivamente, utilizavam estas tecnologias com uma regularidade diária ou quase diária.

Os resultados que apuramos nesta investigação coincidem com o relatório anteriormente referenciado, o qual refere que a residência continua a ser o principal local de utilização de computador e Internet.

No nosso caso, a *casa /local onde vives* apresenta uma percentagem de 80,7%, a qual se destaca largamente de todos os outros locais, nomeadamente, *Escola*, *Casa de amigos*, *Café/bar com wireless*, *Biblioteca* e *Outros*.

IV-6. No caso de usares Internet, em que mais locais o fazes? " (N-83 Missing N-3)

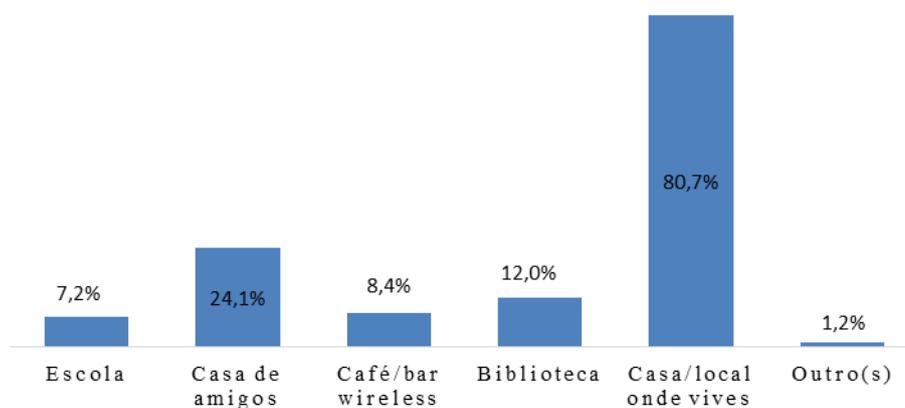


Gráfico n.º33

Já no que diz respeito às atividades onde as crianças e jovens despendem mais tempo, não coincide com os dados da Sociedade da Informação e do Conhecimento. Esta refere que a principal atividade realizada na Internet por jovens dos 10 aos 15 anos é a procura de informação para trabalhos escolares. Os nossos resultados indicam que os jogos se destacam com 42,9% em detrimento da comunicação entre pares que apresenta 23,4%.

" IV-8. No caso de "navegares" na Internet, em que "atividades" passas mais tempo ? "

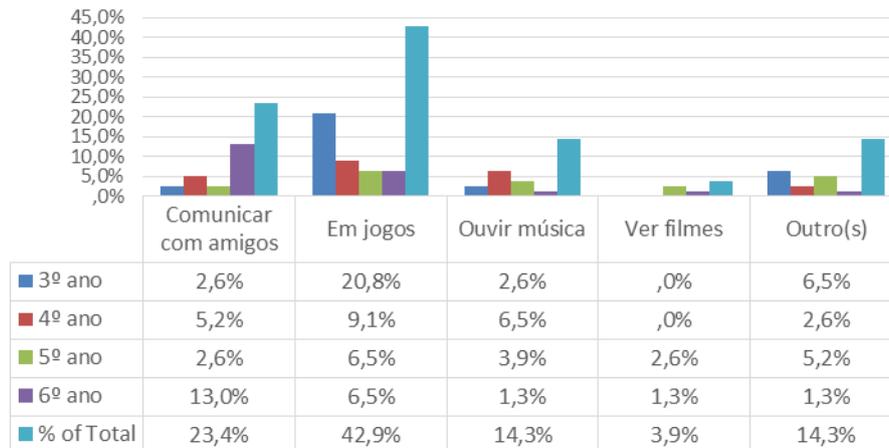


Gráfico n°34

Em suma, os resultados a que chegámos nesta investigação académica assemelham-se ao estudo da Sociedade da Informação e do Conhecimento apenas no que concerne às percentagens do uso do computador e do acesso à internet.

O tempo despendido diariamente com na internet em 53,6% dos inquiridos é entre 31 minutos e 90 minutos, demasiado para a faixa etária em estudo, principalmente para os 20% das crianças que frequentam o 3º ano de escolaridade, com apenas 7 anos de idade.

" IV-7. Quantas horas por dia passas na Internet? "

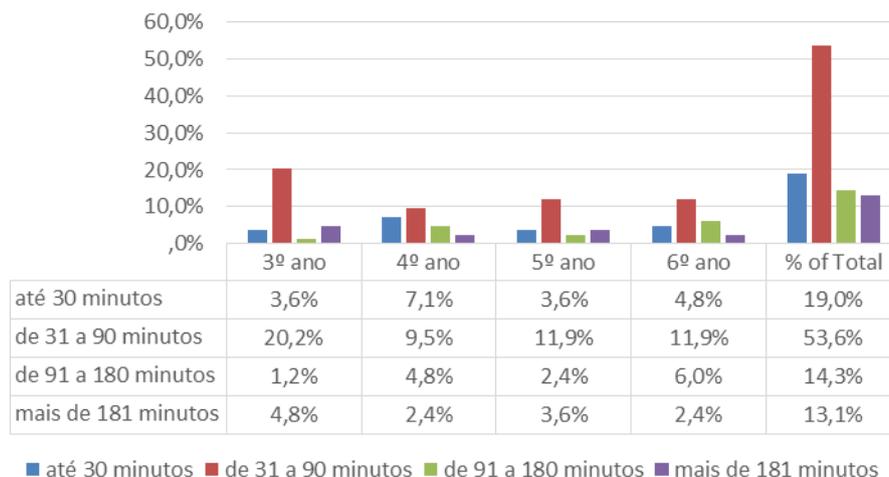


Gráfico n°35

Quando inquiridos sobre a existência de contas de email, observamos que 45%, já possui, pelo menos uma.

**" IV-9. Qual ou quais contas de email que possui ? "
(...tens alguma ?)**

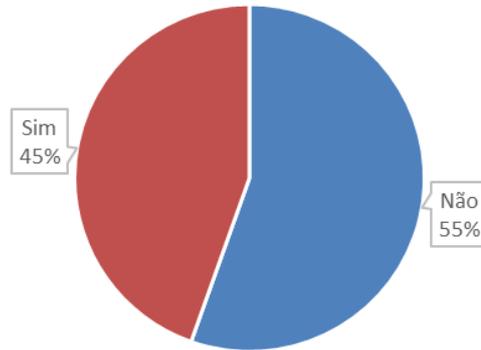


Gráfico n°36

Os serviços de email mais utilizados são Hotmail e a Gmail que representam: 30,1% e 28,9, respetivamente, seguido da Sapo com uma percentagem significativamente menor (8,4%).

Importa não perder de vista que a utilização do computador com a finalidade de comunicar tem como suporte, preferencialmente, as redes sociais, espaço bastante vulnerável à eclosão dos fenómenos do Cyberbullying.

" IV-9. Qual ou quais contas de email que possui ? "

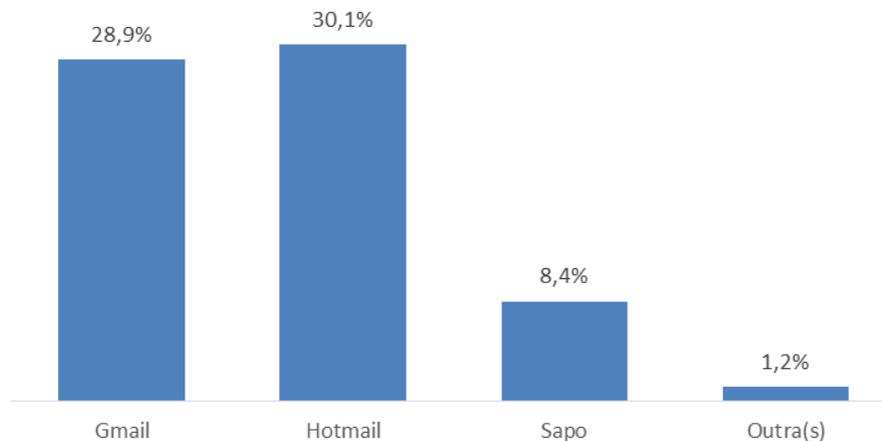


Gráfico n°37

Só possuindo uma conta de email é que se pode reunir os requisitos básicos iniciais para fazer parte de uma rede social. Foi com este intuito que resolvemos introduzir a questão 9. neste questionário.

As redes sociais, hoje em dia, fazem parte integrante da nossa vida. São uma forma bastante comum de estabelecer contacto entre pares e também com estranhos que de outra forma já mais se poderiam conhecer.

Segundo os dados, observamos que 54% já possui/utiliza redes sociais. Pensamos após observação das respostas dadas que, não seria possível existir tão elevada percentagem de alunos com redes sociais, pois apenas 45% referira que era detentor de contas de email.

Após uma análise mais pormenorizada constatou-se que diversos alunos do 3º ano de escolaridade, assumia como próprio, o facebook de um dos progenitores.

" IV-10. Qual ou quais redes sociais onde possuis conta? " (...possuis alguma ?)

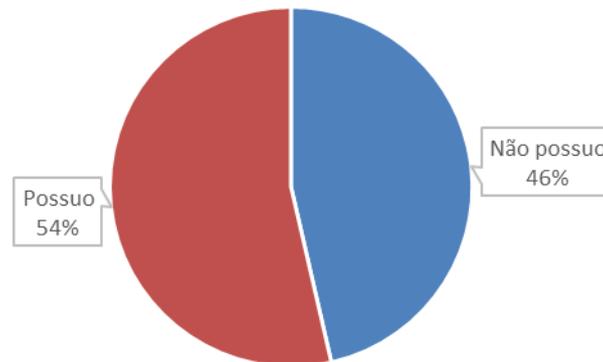


Gráfico n°38

As redes sociais, como qualquer outro serviço fornecido através da Internet, expõem-nos perigos diversos.

Segundo o site www.internetsegura.pt, questões como: Os dados pessoais na página de perfil; Apropriação de identidade; Falsas identidades; Imagens, opiniões e outros; Cyberbullying; Ausência de controlo efetivo de idade e (quase) ausência de moderação, fazem-nos refletir sobre o assunto.

Embora as redes sociais virtuais definam uma idade mínima permitida para se ter uma página pessoal, nada obsta que uma criança menor se possa inscrever na mesma.

A ausência de métodos de um controlo convincente poderá fazer com que se possa ficar exposto a conteúdos indesejados ou mesmo, ser contactado por pessoas que, sabendo ou não a sua idade real, o possam prejudicar de uma forma grave.

" IV-10. Qual ou quais as redes sociais onde possui conta ? "

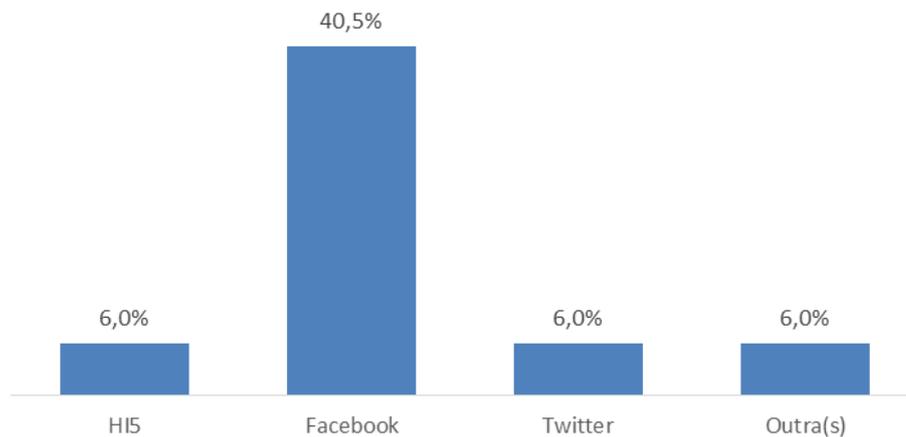


Gráfico nº39

Neste estudo, o *Facebook* foi a rede que mais foi referida, com 45% das respostas, *Twitter*, *HI5* e *Outras* apresentaram resultados com percentagens diminutas.

Resolvemos analisar, por anos de escolaridade, a tendência de utilização do *Facebook*. Mas como referimos anteriormente, há alunos do 3º e 4º anos que, apesar de apresentarem respostas no sentido de possuírem páginas pessoais, alguns apenas usufruem de contas criadas por outras pessoas, nomeadamente, as de um dos seus Encarregados de Educação.

" IV-10. Qual ou quais as redes sociais onde possuis conta ? " (Facebook)

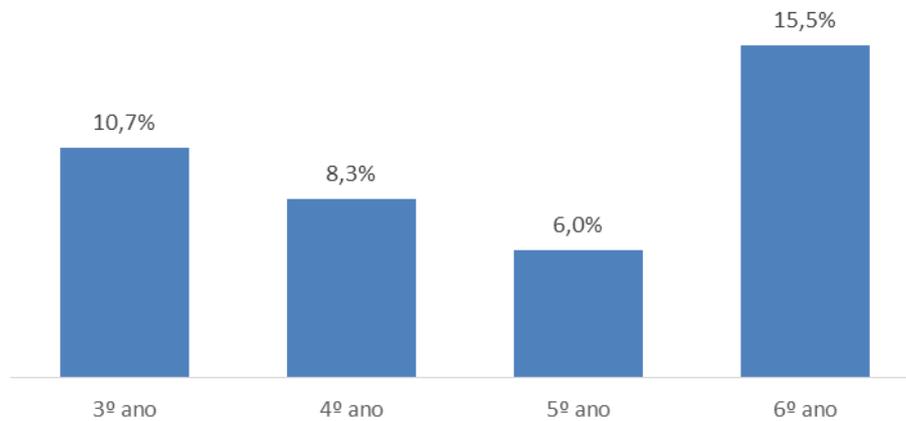


Gráfico nº40

Sendo assim, podemos referir que existe uma tendência crescente, apontando à partida para as respostas apresentadas por alunos do 5º e 6º anos.

Estes dados, quando cruzados com os das atividades que mais gostam de realizar quando navegam na Internet, vem demonstrar-nos que com o passar dos anos de escolaridade, ou seja, quanto mais velhos os alunos são, mas usam a rede para a comunicação entre pares.

**" IV-11. De todas as coisas que fazes quando "navegas" na Internet, qual é aquela que mais gostas?"
(N-75 Missing N-11)**

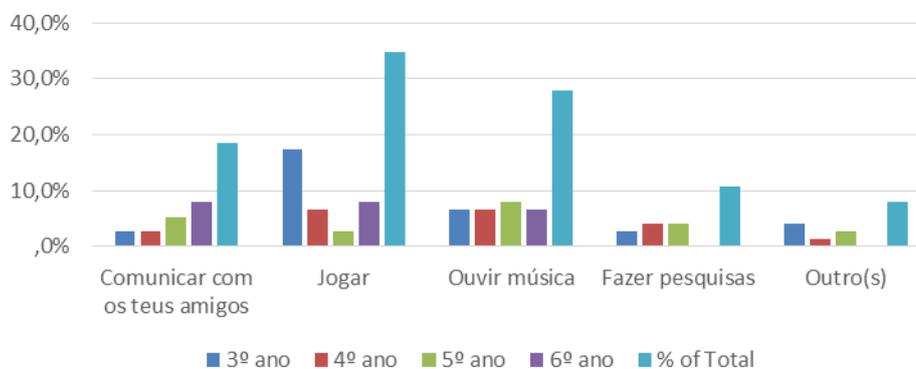


Gráfico nº41

Atividades como *jogar e ouvir música*, a par de *comunicar com os teus amigos* refletem o maior número de respostas. *Fazer pesquisas* para trabalhos académicos, apresenta-se num lugar de menor preferência. Esta percentagem tão baixa torna-se tanto mais preocupante quanto foi o esforço e investimento governamental com o plano tecnológico da educação, que visava a modernização tecnológica das escolas, e com o projeto *Magalhães* que pretendia disponibilizar um computador por aluno, criando desta feita, condições indispensáveis para a integração do computador na prática de ensino.

Salienta-se que 87,2% da amostra respondeu a esta questão.

Grupo V – Hábitos e preferências nos tempos livres

O que costumam fazer quando chegas a casa (V-1.), quais as últimas coisa que fazes antes de te deitar (V-2.) ou quais são os jogos, séries, músicas e filmes que mais gostas, são algumas das sete questões apresentadas. Este Grupo pauta-se por questões abertas.

" V-1. O que costumam fazer primeiro quando chegas a casa ? " (por atividade)

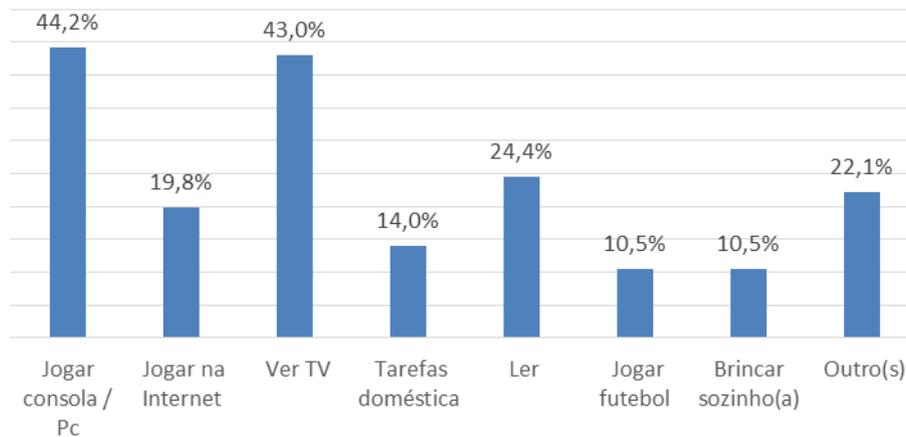


Gráfico nº42

Das quatro tarefas mais referidas, três delas implicam monitores, *consolas, computadores e televisão*. Qualquer uma delas raramente implica a presença de outras pessoas e a sociabilização, são atividades individualistas e, até certo ponto, provocam dependência e danos no sistema nervoso.

A única que difere destas é a leitura que se encontra em terceiro lugar de preferência.

" V-2. Quais são as últimas coisas que fazes antes de te deitar ? "

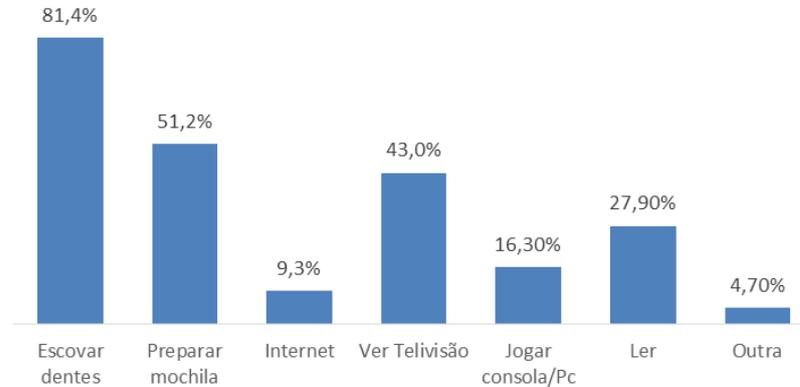


Gráfico nº43

Bem como no gráfico anterior, as que nos preocupam como investigadores, são as que implicam uma permanência prolongada em contacto com as telas: *Internet; Ver Televisão e Jogar na consola e/ou no computador*. Salienta-se que estamos a falar das três últimas atividades antes de deitar e que se refletem em 68,6% da realidade da maior parte dos lares.

À questão: *quando tens tempo livre, costumás jogar no computador ou na consola?*, a resposta foi unânime.

V-3. Quando tens tempo livre, costumás jogar no computador ou na consola ?

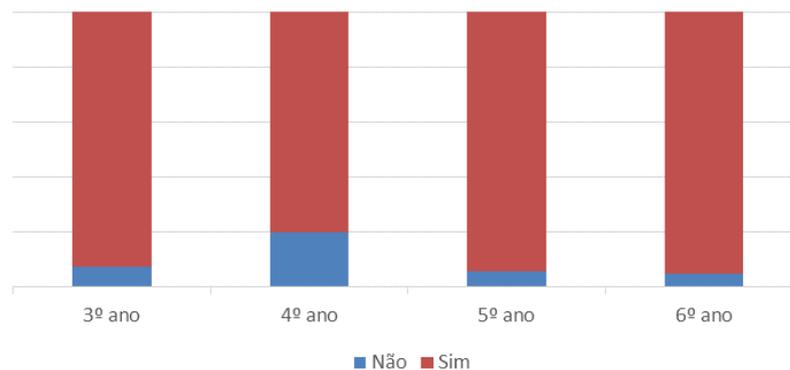


Gráfico nº44

Mais de 90% dos alunos dos quatro anos de escolaridade, quando têm tempos livres, dedicam-se ao jogo, tanto em computadores, como em consolas para o efeito.

SÍNTESE FINAL E RECOMENDAÇÕES

As nove questões que foram apontadas inicialmente nesta investigação foram de encontro às nossas expectativas e forneceram-nos dados relevantes da realidade existente em crianças e jovens dos 7 aos 11 anos, tanto no seio familiar como no agrupamento em estudo.

Para uma investigação posterior, seria pertinente analisar a relação existente entre o excesso de visualização e contacto com as TIC e a existência de atitudes violentas relacionadas com o bullying e o cyberbullying, pois a reduzida amostra impossibilitou a comprovação de tal relação.

Questão 1 (Q1) “As crianças e jovens estarão informadas sobre o que é o Bullying e o Cyberbullying?”

R: Ainda estão muito pouco informadas. Apenas 36% dos inquiridos (em casa) e 58,1% (no espaço escolar) estão informados sobre a temática.

Após a análise das respostas abertas verificou-se que a quantidade de alunos que desconhece a noção de Bullying preocupa-nos, já que a percentagem não deixa qualquer dúvida (41,9%). Já no que diz respeito ao Cyberbullying, a falta de conhecimento merece desde já uma reflexão exaustiva, pois 80,2% não sabe defini-lo.

Questão 2 (Q2) “A constituição das famílias, atualmente, será do tipo tradicional (pai, mãe e irmão/s)?”

R: Sim, a maior parte da amostra (71%) está enquadrada no conceito de família convencional, ou seja, pai, mãe e filho/s, apesar de o número de famílias monoparentais já apresentar uma percentagem superior a 15% (N-86).

Questão 3 (Q3) “Será que as crianças e jovens entre os 7 e os 11 anos são vítimas de Bullying ou Cyberbullying?”

R: Sim, em 30,20% da amostra constatou-se que ocorreram situações de Bullying/Cyberbullying.

Quanto ao tipo de agressão sofrida, verificou-se que 40,1% foi agredido fisicamente - *Bater e Empurrar*, 15,3% foi envergonhado, 8,3% ameaçado, 2,4% viu ser-lhe destruído material próprio, 2,4% sofreu ameaças por telemóvel / publicaram na internet algo depreciativo e 8,3% dos inquiridos relatou outro tipo de ações sofridas.

Questão 4 (Q4) “Computadores com ligação à internet e telemóveis farão parte da tecnologia pessoal das crianças e jovens atualmente?”

R: Sim, já que, quando questionados se possuem *computador com ligação à Internet*, na sua habitação, 85,7% respondeu afirmativamente.

Em relação aos telemóveis, 70,9% possuiu equipamentos, dos quais apenas 23,4% não estão equipados com câmara.

Questão 5 (Q5) “Será que as crianças e jovens passam demasiado tempo em contacto com as novas tecnologias?”

R: Sim. O tempo despendido diariamente por 53,6% dos inquiridos com a internet situa-se entre 31 e 90 minutos, demasiado para a faixa etária em estudo. Acrescentando a utilização desmensurada do telemóvel e o tempo passado a ver televisão, constatamos que as novas tecnologias fazem parte integrante da amostra em estudo.

Questão 6 (Q6) “Encontrar-se-ão as novas tecnologias (televisão e computador com ligação à internet) nos compartimentos mais apropriados no seio habitação?”

R: Não, pois em relação ao computador é preocupante saber que 31,3% tem-no no quarto, bem como, mais de metade, quanto à televisão.

Questão 7 (Q7) “A escola será o local onde as crianças e jovens mais acedem à Internet?”

R: Não, a *casa local onde vives* apresenta a maior percentagem (80,7%), destacando-se largamente de todos os outros locais, nomeadamente, *Escola, Casa de amigos, Café/bar com wireless, Biblioteca e Outros*.

Questão 8 (Q8) “ A vigilância e aconselhamento por pais e encarregados de educação existirá atualmente?”

R: Cada vez menos. Em mais de um terço do tempo despendido na visualização dos conteúdos televisivos, constata-se que não existe ninguém para uma explicação, ou mesmo limitação, de alguns temas não destinados a esta faixa etária.

O papel de controlo e monitorização dos adultos tem vindo a ser substituído pelos irmãos mais velhos e pelos pares, estes representam 41,2% do total.

Questão 9 (Q9) “ O horário de deitar durante o período de aulas e nos fins de semana será o mais correto e desejável?”

R: Sem dúvida que o horário não será o mais conveniente. De domingo a 5ª feira podemos verificar que 36,9% se deita após as 22h, o que em alguns casos poderá implicar menos de 8h de sono. Esta situação acumulada com um excessivo número de horas em contacto com as telas (consola, computador ou televisão), poderá implicar nas crianças pouco descanso, noites mal dormidas, excesso de radiações assimiladas, para além das questões de dependência e dessensibilização.

Quanto aos horários de fim de semana (noite de 6ª e de sábado), estes apresentam-se demasiado permissivos por parte dos pais e/ou encarregados de educação, visto que, 35,3% dos inquiridos deitam-se após a meia noite.

Como pudemos comprovar, a quantidade de tempo disponibilizada por parte de crianças e jovens atualmente, a diminuta supervisão existente e a demasiada facilidade de acesso às novas tecnologias da informação e comunicação está a fazer com que aumente de dia para dia, no mundo que gira em redor dos computadores e da internet, a quantidade de conteúdos perigosos, burlas, falsas identidades e vírus. Já em relação à televisão destaca-se a publicidade duvidosa as notícias escandalosas, filmes e séries com carga violenta e carácter sexual onde a maior desvantagem é mesmo a impossibilidade de emitirmos a nossa opinião. Estamos sujeitos a receber somente aquilo que é emitido nos poucos canais livres que temos disponíveis.

A tecnologia abriu um novo e diversificado leque de possibilidades na área do conhecimento e da comunicação. Com a internet e as novas tecnologias, temos o mundo na palma das mãos à distância de um *click*, as hipóteses de aprendizagem e socialização são ilimitadas, bem como as possibilidades de causar danos graves a terceiros.

É evidente que o cyberbullying é um desses exemplos de maltratar outros com recurso às tecnologias da comunicação. Por esta razão, os jovens precisam ter incutido neles um sentido de responsabilidade o que levar a uma utilização responsável do poder que a tecnologia que eles têm disponível de uma forma tão acessível.

Sendo esta tecnologia de rápida mutação e expansão, fornece aos jovens de hoje uma exímia ferramenta, e por consequência, uma grande responsabilidade de a usar correta e conscientemente.

O fenómeno do Cyberbullying está diretamente ligado à extraordinária disseminação das Tecnologias da Informação e Comunicação e uma das melhores formas para o prevenir consiste em sensibilizar crianças, jovens, encarregados de educação, professores e comunidade educativa em geral para um uso das tecnologias de forma ética, responsável e segura.

A este propósito Amado, Matos, Pessoa, Jäger (2009), referem que:

Os efeitos das novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC) sobre o comportamento das crianças e dos jovens têm sido um importante campo de estudo nos últimos anos. Presta-se especial atenção às afinidades possíveis entre o facto de as crianças e os jovens estarem expostos a determinados tipos de comunicação (televisiva, via Internet e jogos electrónicos) e os comportamentos anti-sociais que manifestam. Os desenvolvimentos tecnológicos recentes disponibilizam a esta população, contudo, o uso criativo e autónomo de uma panóplia de novos meios de comunicação e de interacção que, para além das inúmeras vantagens e benefícios a todos os níveis, podem acarretar imensos riscos e perigos se o seu emprego não obedecer a certas regras e não for informado por princípios e valores.

Temos a obrigação como educadores que somos, de elucidar os mais novos sobre os riscos de colocarem fotografias, vídeos e outros dados pessoais *on-line* que possam ser usados por outros por *má fé* e, com o intuito malicioso de os prejudicar. O alerta é feito por Hinduja, & Patchin (2010):

As online social networking has become an immersive and pervasive phenomenon, traditional considerations and expectations of personal privacy have been drastically altered. This paradigmatic change has led to adolescents possibly making themselves vulnerable to embarrassment, censure, damage to one's name or reputation, or even victimization by others because of unwise postings or revelations online.

Na mesma linha, destacando o alargamento das possibilidades de utilização maliciosa/danosa dos meios tecnológicos disponíveis, Amado, J. et al, (2009) escreve:

As suas consequências são também amplificadas (Willard, 2005), uma vez que as agressões podem difundir-se facilmente e com enorme rapidez, e manter-se, como já dissemos, infinitamente presentes no espaço virtual. De facto, um e-mail pode ser sucessivamente encaminhado para milhares de internautas, e uma imagem, uma vez colocada, por exemplo no You Tube, além de copiada e multiplicada, pode aí permanecer indefinidamente, dando assim lugar a consequências repetidas e de longo termo.

O aumento do acompanhamento e controlo parental, familiar e institucional poderá marcar a diferença na consciencialização das gerações mais novas para o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação, sobretudo para aprenderem a lidar correta e conscientemente com os perigos resultantes do acesso e possíveis pelo recurso dos mais novos a estes dispositivos, sem as devidas precauções.

Segundo Tito Morais, em Janeiro de 2014, no seu blog¹⁷, 42% dos jovens portugueses entre os 9 e os 16 anos não tiveram qualquer aconselhamento sobre segurança na internet e ao mesmo tempo 65% dos pais gostaria de receber informação e orientação por parte das escolas.

Salienta-se que a quase ausência de controlo parental constitui uma das constatações mais preocupantes verificados nos resultados desta investigação, sobretudo se se atender ao excesso de exposição às TIC, nomeadamente, televisão, internet e telemóveis que também pudemos verificar.

Schools could assist in parent education to this end and encourage parents to talk to young people about the technology. This way young people are made aware that adults do know something about the technology and they can seek help from adults when they need to. (Campbell, 2005)

Não só é preocupante a inexistência de hábitos, que garantam horários para o descanso noturno na maior parte da amostra, mas também, a quantidade de equipamentos eletrónicos existente nos quartos das crianças, o que produzirá certamente danos a vários níveis tanto pela radiação transmitida, como pela aparente dependência existente.

¹⁷ <http://miudossegurosnanet.blogs.sapo.pt>

Seria desejável que fossem desenvolvidos programas de intervenção dirigidos às crianças e pré adolescentes em relação à correta e adequada utilização das TIC, começando pela residência de cada um e, posteriormente, alargando a toda a comunidade educativa. As linhas orientadoras para este programa deste género, passariam antes de mais, por uma redução da utilização dos equipamentos, a sua colocação em sítios com menor privacidade, um cuidado acrescido na seleção de conteúdos, bem como, um controlo e sensibilização parental, o que iria desenvolver o espírito crítico dos mais novos em relação ao visualizado de uma forma em que os próprios, numa fase posterior, conseguissem fazer a triagem do que é mais adequado e aconselhável a cada um.

Para que todo este processo se desenvolva, será necessária a participação e o envolvimento dos pais/encarregados de educação, dos docentes e, de todos os que direta ou indiretamente tem responsabilidades nestas matérias no sentido de garantir a implementação de projetos que ao serem concretizados promovessem um uso adequado de todos os meios e recursos, de todas as mediações tecnológicas.

Desta forma poderemos minorar a tendência que se tem vindo a verificar no que diz respeito à falta de atitudes, aos comportamentos desviantes, ao respeito dos mais elementares valores e aos maus hábitos no seio familiar.

Educar para os media poderá reflectir numa redução muito significativa de atitudes pró-violentas, ou seja, fará com que haja um ganho de atitudes pró-sociais e isso possibilitaria a eliminação de um dos factores causais que podem levar ao aumento do comportamento agressivo e que poderá ainda traduzir-se na redução da criminalidade. (Carvalho, 2011, p.27)

Como foi demonstrado em todo este trabalho, a violência aparece-nos onde e quando menos esperamos e pode levar-nos a ter atitudes que não compreendemos, que jamais consentimos e que vão contra todos os nossos princípios e valores.

Mas tudo isto, em termos de violência, ficou, fica e ficará bem “tatuado” no nosso subconsciente, através de filmes que visualizados, músicas que ouvimos, imagens que “absorvemos”, jogos que nos colocam em mundos inatingíveis e, acima de tudo, amigos virtuais sempre prontos a suprimir-nos o tempo de sociabilização que nos transporta para o mundo real.

BIBLIOGRAFIA:

- AGATSTON, Patti (s/d). *Cyber Bullying Quick Reference Guide for Parents*. Ph.D. in: www.cyberbullyhelp.com. (pesquisado em 13/5/2012)
- ALMEIDA, A. N., DELICADO, A., & ALVES, N. A. (2008). *Crianças e internet: usos e representações, a família e a escola*. Lisboa: ICS.
in: http://www.crinternet.ics.ul.pt/icscriancas/content/documents/relat_cr_int.pdf. (pesquisado em 21/9/2013)
- AMADO, MATOS, PESSOA & JAGER. (2009). *Cyberbullying: um desafio à investigação e à formação*. INTERACÇÕES N. 13, p.301-326.
- ANDOLFI, M. (1981). *A terapia familiar*. Lisboa: Editorial Vega.
- ARRIAGA, P., ESTEVES, F., & MONTEIRO, M. B. (2007). *Violência em jogos electrónicos e reacções emocionais a imagens da vida real: a hipótese da dessensibilização*. In M. B. Monteiro et al. *Percursos de Investigação em Psicologia Social e Organizacional* (Vol. II, p. 119-143). Lisboa: Edições Colibri
- BACELAR, S. M. (1999). *Amostragem nas Ciências Sociais – Relatório de aula teórico-prática*. Porto, Portugal: Faculdade de Economia, Universidade do Porto.
- BOONEN, A. (2000). *Pourquoi utiliser les technologies de l'information et de la communication dans le domaine de l'éducation?* In J. J. Scheffknecht (Ed.), *Les technologies de l'information à l'école: raisons et stratégies pour un investissement*. Estrasburgo: Conselho da Europa.
- CABERO, J. (1996). *Nuevas tecnologías, comunicación y educación*. EDUTEC. Revista Electrónica de Tecnología Educativa, nº 1. fevereiro de 1996.
in: <http://www.uib.es/depart/gte/revelec1.html> (pesquisado em 7/3/2013)
- CAMPOS, M. (2009). *O Cyberbullying: Natureza e Ocorrência em Contexto Português*. (tese de Mestrado). Lisboa: ISCTE-IUL.
- CARDOSO, G., ESPANHA, R., & LAPA, T. (2007). *E-Generation: Os Usos de Media pelas Crianças e Jovens em Portugal*. Lisboa: CIES/ISCTE.
- CARMO, H e FERREIRA, M. (1998). *Metodologia da Investigação – guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- CARVALHO, C. (2011). *Influência dos media nas atitudes face à violência e na empatia*. (resumo da dissertação de mestrado). Aveiro: Universidade de Aveiro.
In: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/8546/1/248507.pdf>

CARVALHOSA, S. (2007). *O Bullying Nas Escolas Portuguesas*. Seminário “Bullying, Violência e Agressividade em Contexto Escolar”. Universidade de Bergen – Noruega / Instituto Superior de Psicologia Aplicada - Portugal
in: http://aaa.fpce.ul.pt/documentos/seminario_bullying/Resumo_Susana_Carvalhosa.pdf
(pesquisado em 27/3/2014)

CARVALHOSA, S. (2010). *Prevenção da Violência e do Bullying em Contexto Escolar*. Lisboa, CIIMEPSI – Editores.

CASTELLS, Manuel (2004), *A Galáxia Internet – reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CASTELLS, M. (2005). A sociedade em rede. In G. Cardoso, A. F. Costa, C. P. Conceição & M. C. Gomes (Orgs.), *A sociedade em rede em Portugal* (pp. 19-29). Porto: Campo das Letras.

CASTELLS, M. (2007). *A era da informação: economia, sociedade e cultura - a sociedade em rede*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CHESLEY, N. (2005) Blurring Boundaries? Linking Technology Use, Spillover, Individual Distress, and Family Satisfaction. *Journal of Marriage and Family*. 67(5): p.1237- 1248.

CRAIG, W., HAREL-FISH, Y., FOGEL-GRINVALD, H., DOSTALER, S., HETLAND, J., SIMONS-MORTON, B., et al. (2009). *A cross-national profile of bullying and victimization among adolescents in 40 countries*. *International Journal of Public Health*, 2, p. 216-224.

DIAS DE CASTRO, Teresa (2012). *Quando as teclas falam e as palavras calam: estudo sobre a utilização do telemóvel e do Messenger por crianças do 5º e 6º ano do distrito de Braga*. Dissertação de Mestrado. Braga: Universidade do Minho.

DUE, P., HOLSTEIN, B. E., LYNCH, J., DIDERICHSEN, F., GABHAIN, S. N., SCHEIDT, P., et al. (2005). *Bullying and symptoms among school-aged children: international comparative cross sectional study in 28 countries*. *European Journal of Public Health*, 2, p. 128–132.

ESCOLA, Joaquim (2005), *Ensinar a aprender na Sociedade do Conhecimento* (Livro de Actas do 4º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação), Aveiro, SOPCOM.

In:[http://www.bocc.ubi.pt/pag/escola-joaquim-ensinar-aprender-sociedade-conhecimento .pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/escola-joaquim-ensinar-aprender-sociedade-conhecimento.pdf)
(pesquisado em 12/6/2013)

ESCOLA, J. (2008). *Para uma Ética da Informática*. Em Itinerários de Filosofia da Educação nº5. Edições Afrontamento

ESTEVES, J. (1998). *A Ética da Comunicação e os Media Modernos: Legitimidade e poder nas sociedades complexas*. Lisboa: Edições Calouste Gulbenkian

FANTE, C. (2005). Fenómeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas - S. Paulo; Verus Editora

FERRÃO, F., REIS, E., VICENTE, P. (2001). *Sondagens – A amostragem como factor decisivo de qualidade*, 2ª Edição. Lisboa: Edições Sílabo.

FLORES, J. V. (1994). *Influência da família na personalidade da criança*. Porto Editora: Porto.

FUCH, T., & WOSSMAN, L. (2004). Computers and students learning: bivariate and multivariate evidence on the availability an use of computers at home and at school. *Brussels Economic Review*, 47(3/4), p.359-385.

in: [http:// bib11.ulb.ac.be:8080/dspace/bitstream/2013/11947/1/ber-0300.pdf](http://bib11.ulb.ac.be:8080/dspace/bitstream/2013/11947/1/ber-0300.pdf). (pesquisado em 4/2/2013)

GAMEIRO, J. (1992). *Voando sobre a psiquiatria. Análise epistemológica da psiquiatria contemporânea*. Porto: Edições Afrontamento.

GARCÍA MUÑOZ, Tomás (2003). *Etapas del proceso investigador: instrumentación - el cuestionario como instrumento de investigación/evaluación*. Almendralejo: Universidad da Extremadura.

In: www.univsantana.com/sociologia/el_cuestionario.pdf (pesquisado em 23/3/2012)

GHIGLIONE, R. e MATALON, B. (1993). *O Inquérito – Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora

APDSI (2011). GLOSSÁRIO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. Associação para a Promoção e Desenvolvimentos da Sociedade da Informação.

in <http://www.apdsi.pt/uploads/news/id432/gloss%C3%A1rio%20da%20si%20-%20vers%C3%A3o%202011.pdf>. (pesquisado em 1/3/2014)

GONÇALVES, Gisela (2003). *Publicidade a causas sociais ou um olhar sobre a sua [in]eficácia*. Universidade da Beira Interior.

in: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/goncalves-gisela-publicidade-social.pdf>. (pesquisado em 13/11/2013)

HILL, A., HILL M. M. (2000). *Investigação por Questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.

HINDUJA, S. e PATCHIN, J. (2009). *Bullying beyond the schoolyard: preventing and responding to Cyberbullying*. USA-California: CorwinPress.

HINDUJA, S. e PATCHIN, J. (2010). *Changes in adolescent online social networking behaviors from 2006 to 2009*. *Computers in Human Behavior* n° 26, p.1818-1821.

HYMEL S. et al (2012). *Bullying at School*. EUA, Filadelfia, Education.com Holdings, Inc.

INE [Instituto Nacional de Estatística] (2002). *Utilização das tecnologias de informação e comunicação pelas famílias 2001. Informação à comunicação social*.

in [http://www.dotecome.com/politica/digitalismo/informatica em portugal.pdf](http://www.dotecome.com/politica/digitalismo/informatica%20em%20portugal.pdf). (pesquisado em 1/10/2013)

INE [Instituto Nacional de Estatística] (2004). Inquérito à utilização de tecnologias da informação e da comunicação pelas famílias 2004. Informação à comunicação social. in: <http://www.anacom.pt/render.jsp?contentId=504321>. (pesquisado em 30/9/2013)

INE [Instituto Nacional de Estatística] (2009). Inquérito à utilização de tecnologias da informação e da comunicação pelas famílias 2009. Informação à comunicação social. in: <http://www.anacom.pt/render.jsp?contentId=990985> (pesquisado em 23/10/2013)

INE [Instituto Nacional de Estatística] (2012). Inquérito à utilização de tecnologias da informação e da comunicação pelas famílias 2012. in: [http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.ine.pt%2Fngt_server%2Fattachfileu.jsp%3Flook_parentBoui%](http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.ine.pt%2Fngt_server%2Fattachfileu.jsp%3Flook_parentBoui%2F) (pesquisado em 23/12/2013)

KUKLINSKI, H. (2010). *Geekonomia: Un radar para producir en el postdigitalismo*. Barcelona: UBE.

LANIER, J. (2010). *Your are not a Gadget*. New York: Phaidon Press.

LEINER, Barry, CERF, Vinton, et al. (1997). *A Brief History of the Internet*. in: <http://www.internetsociety.org/internet/internet-51/history-internet/brief-historyinternet>. (pesquisado em 2/3/2013)

LÉVY, P. (1997). *Cibercultura*. Paris: Editions Odile Jacob.

LÉVY, P. (2000). *Cibercultura – Relatório para o Conselho da Europa no quadro do Projecto «Novas tecnologias: cooperação cultural e comunicação»*, Col. Epistemologia e Sociedade, nº138, Lisboa: Instituto Piaget.

LICKLIDER (1960). *Man Computer Symbiosis*. EUA: The Behavioral Sciences Division, Air Force Office of Scientific Research and Development Command. in: <http://worrydream.com/refs/Licklider%20-%20Man-Computer%20Symbiosis.pdf> (pesquisado em 3/2/2014)

LYON, D. (1992). *A sociedade da informação*. Oeiras: Celta.

MARTÍNEZ-GONZÁLEZ, R., PÉREZ-HERRERO, M. H., & RODRIGUEZ-RUIZ, B. (2005). Family and information and communication technologies (ICTs): New challenges for family education and parents-teachers parternships. In R. Martínez-González, M. H. Pérez-Herrero & B. Rodriguez-Ruiz (Orgs.), *Famly-school community partership: Merging into social development* (p. 413-432). Oviedo: Grupo SM.

MEQUE, Maria de Lourdes (2011). *Agressão entre Pares (Bullying) e Vitimação em Contexto Escolar*. (Tese de Mestrado). Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Faculdade de Psicologia.

MCEACHERN, A, et al (2005). *Bullying in Schools: International Variations*. Journal of Social Sciences nº8, p. 51-58. Guest Editors
in: <http://www.krepublishers.com/06-Special%20Volume-Journal/JSS-00-Special%20Volumes/JSS-SI-08-Peer-Vicit-Schools-Web> (pesquisado em 7/12/2013)

MICHAUD, Y. (1996). *La Violence Apprivoisée*. Paris, Hachette

MOURA, Adelina (2010). *Apropriação do Telemóvel como Ferramenta de Mediação em Mobile Learning: Estudos de Caso em Contexto Educativo*. Tese de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho

OLWEUS, D. (1993). *Bullying at school*. Oxford e Cambridge: Blackwell.

OLWEUS, Dan (s/d). *Bullying at school: tackling the problem*. Research Centre for Health Promotion, University of Bergen, Norway
In: <http://www.oecdobserver.org/news/fullstory.php/aid/434> (pesquisado em 8/5/2012)

OSWALD, Tom (2011). *Violência em publicidade tornando-se uma tendência "preocupante"*.
in: <http://news.msu.edu/story/9078/> (pesquisado em 21/1/2013)

PACHLER, N., BACHMAIR, B. & COOK, J. (2010). *Mobile Learning: Structures, agency, practices*. New York: Springer.

PEREIRA, B. (2008). *Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

PEREIRA B., SILVA, M. e NUNES, B. (2009). *Descrever o Bullying na Escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal*. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 9, n. 28, p. 455-466

PONTE, C . (2012). *Digitally empowered? Portuguese children and the national policies for internet inclusion*. Estudos em Comunicação nº 11, p. 53-70.

PONTE, J. (2001). *Tecnologias de Informação e Comunicação na formação de professores: que desafios para a comunidade educativa?*. Actas do X Colóquio da Secção Portuguesa da AFIRSE/AIPELF. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

POPPER, K e CONDRY, J. (1999). *Televisão: um perigo para a democracia*. Gradiva: Lisboa

PRENSKY, M. (2001). *Do They Really Think Differently? In M. Prensky, Digital Natives Digital Immigrants*. MCB University Press.

RAIMUNDO & SEIXAS (2009). *Comportamentos de Bullying no 1º Ciclo: Estudo de caso numa escola de Lisboa*. Interações nº13, p. 164-186.

RAPOSO RIVAS, M. (2002). *Novas Tecnologías Aplicadas á Educación: Aspectos Técnicos e Didácticos*. Vigo: Universidade de Vigo, Servicio de Publicacións

RODRIGUES, M. L., & MATA, J. (2003). *A utilização de computador e da Internet pela população portuguesa*. *Sociologia, Problemas e Práticas*. 43, p.161-178.

ROSA, António Machuco (2012). *As origens históricas da Internet: uma comparação com a origem dos meios clássicos de comunicação ponto a ponto*. Porto: Universidade do Porto in: <http://www.ec.ubi.pt/ec/11/pdf/EC11-2012Mai-05.pdf> (pesquisado em 8/11/2013)

SANMARTÍN, J., et al (1998). *Violencia, televisión y cine*. Barcelona: Editorial Ariel SA

SANTAELLA, L. (2002). *A crítica das mídias na entrada do século XXI*. In: *Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas* / org. José Luiza A. Prado. Hackers Editores.

STRASBURGER V, & DONNERSTEIN, E. (1999). *Children, adolescents, and the media: issues and solutions*. *Pediatrics* 103(1):129-139.

TABORDA, M, J.,(2010). *A Utilização de Internet em Portugal 2010*. UMIC – Agência para a Sociedade do Conhecimento, IP, & LINI – Lisbon Internet and Networks International Research Programme – ISCTE.

TURKLE, S. (2011). *Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other*. New York: Basic Book.

URRA, J. (1998a). *Niños y no tan niños*. Biblioteca Nuova

URRA, J. (1998b). *Violencia y médios de comunicación*. En *Violencia, televisión y cine*, José Sanmartín; James S. Grisolíá, y Santiago Grisolíá (eds.), 133-145. Barcelona: Ariel

URRA, J. (s/d). *Influencia de los medios de comunicación en los niños y jóvenes*. In: http://www.sepeap.org/imagenes/secciones/Image/_USER_/MRP_medios_comunicacion_influencia.pdf (pesquisado em 21/2/2012)

VIANA, J. (2009). *O papel dos ambientes on-line no desenvolvimento da aprendizagem informal*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

VIEIRA, M. (2005). *Educação e Sociedade da Informação: uma perspectiva crítica sobre as TIC num contexto escolar*. Dissertação de Mestrado. Braga: Universidade do Minho.

WEINGARTNER, Charles, POSTMAN, Neil, (1981). *La Enseñanza como Actividad Crítica*. Barcelona: Libros de Confrontación.

WIEDEMANN, F. (2003). Digital cooperation between school and home: limits and possibilities. In S. Castelli, M. Mendel & B. Ravn (Orgs.), *School, family, and community*

partnership in a world of differences and changes (p. 161-174). Gdansk: Wydawnictwo Uniwersytetu Gdanskiego.

WILSON, B. J., KUNKEL D., LINZ D., POTTER W. J., DONNERSTEIN E., SMITH S. L., BLUMENTHAL E., BERRY M. & FEDERMAN J. A natureza e o contexto da violência na televisão americana. In: CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecilia V. (orgs.). *A criança e violência na mídia*, 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000. p.71-91.

Webgrafia

<http://www.cyberbullying.us> (pesquisado em 4/6/2012)

<http://www.infopedia.pt> (pesquisado em 29/5/2012)

<http://www.internetsegura.pt> (pesquisado em 4/1/2014)

[http://www.infopedia.pt/\\$publicidade](http://www.infopedia.pt/$publicidade). (pesquisado em 24/02/2014)

<http://www.pordata.pt> (**PORDATA** - Base de dados de Portugal contemporânea, pesquisado em 4/12/2013)

[http://www. Stopbullying.com](http://www.Stopbullying.com) (pesquisado em 11/6/2012)

<http://www.pj.gov.mo> (http://www.pj.gov.mo/Common/rev52_58-66.pdf, pesquisado em 14/01/2014)

ANEXOS

Questionário

Bullying e Cyberbullying - Atitudes, Comportamentos e Valores -

Dados a preencher
pelo Investigador:

n.º:

Agrup.:

Escola: _____

Turma: _____ Ano: _____

Sexo: Masculino Feminino

Data de nascimento: ____ / ____ / ____

Freguesia de residência (morada): _____

Com este questionário pretendemos conhecer melhor a relação que existe entre ti e os teus colegas, os teus gostos e como ocupas os tempos livres.

Ao responderes a estas questões, pensa no que te aconteceu desde o início do ano.

Este questionário é confidencial, ou seja, ninguém verá o que escreveste, nem mesmo a teu/tua professora. Se tiveres dúvidas, pede ajuda.

O tempo previsto para o concluíres é de aproximadamente 30 minutos.

Pensa bem na resposta que vais dar a cada uma das questões e tenta ser o mais sincero possível.

Obrigado por colaborares connosco.

Grupo I – Dados pessoais, familiares e relação com os meios de comunicação

(assinala com um "x" a opção ou opções correctas)

1. Com quem vives? (assinala apenas uma opção)

- Só com a tua mãe e o teu pai Com o teu pai, mãe e irmãos (se tiveres)
 Só com a tua mãe e irmãos (se tiveres) Só com o teu pai e irmãos (se tiveres)
 Com outras pessoas (refere todas as pessoas que vivem contigo, ex.: avós, tios, instituição...),

2. Quantos irmãos tens (sem contares contigo)?

Não tenho irmãos (sou filho único)

Tenho _____ irmão (s)

Tenho _____ irmã (s)

3. Se tens irmão (s), diz-nos a(s) idade(s) dele(s):

(coloca a idade de cada um, em cada espaço, do(a) mais novo(a) para o(a) mais velho(a) e sem te incluíres a ti)

_____ +nova _____ +velho

4. Em relação à casa onde vives: (assinala apenas uma opção)

- Tenho um quarto só para mim
- Divido o quarto com mais uma pessoa
- Divido o quarto com mais do que uma pessoa
- Durmo noutra divisão ou compartimento da casa, diz em qual e com quem:

5. Em relação aos meios de comunicação (telemóvel, computador, televisão...):

(assinala com um "x" a opção ou as opções corretas)

- Tenho telemóvel pessoal
- Tenho computador com ligação à internet
- Tenho televisão com acesso a quatro canais (RTP 1, RTP 2, SIC e TVI)
- Tenho televisão com acesso a mais de quatro canais

6. Caso tenhas computador com ligação à internet em tua casa, em que compartimento ou divisão se encontra? (assinala com um "x" a opção ou as opções corretas)

- Não tenho computador com ligação à internet
- Na sala
- No meu quarto
- Outro, qual: _____

7. Quando estás no computador, ligado à internet, quem tens a teu lado ou próximo de ti? (assinala apenas uma opção)

- Quase sempre estou sozinho
- Pais ou encarregados de educação
- Outro (s), qual (quais)? _____

8. Quanto à televisão, o que mais gostas de ver? (assinala apenas uma opção)

- Desenhos animados
- Programas infantis
- Filmes
- Outro (s), qual (quais)? _____

9. Quando vês televisão, quem tens a teu lado ou próximo de ti? (assinala apenas uma opção)

- Quase sempre estou sozinho
- Pais ou encarregados de educação
- Outro, qual? _____

10. Ainda quanto à televisão, tens uma no teu quarto?

- Sim Não

11. No que diz respeito a horários, diz-nos qual é a hora a que te costumavas deitar?

- a) Durante a semana: ____ h ____ m b) Ao fim de semana: ____ h ____ m
[domingo à noite, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª feira] [6ª feira à noite e sábado]

Grupo II - Comportamentos

(assinala com um "x" a opção ou opções correctas)

Na tua escola há colegas que são maus, que fazem coisas que tu não gostas (batem-te, estragam-te coisas, empurram-te, chamam-te nomes, envergonham-te, ameaçam-te fisicamente, verbalmente, através do telemóvel ou pela internet, escrevendo ou publicando algo sobre ti que tu não gostas...)

1. Algum dos teus colegas já foi mau contigo?

- Sim Não

2. Se isso já aconteceu, diz-nos quantas vezes: (assinala apenas uma opção)

- Nunca aconteceu
 Só aconteceu uma única vez desde o início do ano
 Poucas vezes (2 ou 3 vezes neste período)
 Algumas vezes (mais do que 5 vezes neste período)
 Bastante (quase todos os dias)

3. Se isso já aconteceu, diz-nos o que te fizeram: (assinala com um "x" a opção ou opções correctas)

- Nunca aconteceu
 Bateram-te Envergonharam-te
 Tiraram-te ou destruíram-te alguma coisa Empurraram-te ou fizeram-te rasteiras
 Ameaçaram-te verbalmente Ameaçaram-te por telemóvel
 Publicaram comentário, imagem ou vídeo teu que não gostasses na internet
 Outra (s), qual (quais)? _____

4. Quando tens algum problema, com quem te sentes mas à vontade para falar destes assuntos? (assinala apenas uma opção)

- Nunca falei destes assuntos com ninguém
 Pais ou Encarregado de Educação Professor(a)
 Amigos Amigos virtuais (da internet)
 Outro, quem? _____

5. E tu? Alguma vez implicaste com os teus colegas? (assinala com um "x" a opção ou opções corretas)

- Nunca aconteceu
- Bateste-lhes Envergonhaste-os
- Tiraste-lhes ou destruíste-lhes alguma coisa Empurraste-os ou fizeste-lhes rasteiras
- Ameaçaste-os verbalmente Ameaçaste-os por telemóvel
- Publicaste-lhes comentários, imagens ou vídeos deles que não gostassem na internet
- Outra (s), qual (quais)? _____

6. Na tua escola já alguém te informou sobre Bullying ou Cyberbullying?

- Sim Não

7. Se respondeste "sim", quem é que te informou sobre Bullying ou Cyberbullying?

(assinala com um "x" a opção ou opções corretas)

- O teu professor ou professora
- Actividades ou acções, em grupo, que decorreram na tua escola
- Associação de Pais Psicólogo(a) da escola Agentes da Polícia ou da GNR
- Outro (s), quem? _____

8. E em tua casa ou no local onde vives, já alguma vez conversaram contigo sobre Bullying ou Cyberbullying?

- Sim Não

9. Se respondeste "sim", com quem conversaste sobre Bullying ou Cyberbullying, em tua casa ou local onde vives?

10. Se já fizeste mal a algum dos teus colegas, quantas vezes é que isso aconteceu?

(assinala apenas uma opção)

- Nunca aconteceu
- Só aconteceu uma única vez
- Não muito (2 ou 3 vezes neste período)
- Algumas vezes (mais do que 5 vezes neste período)
- Bastante (quase todos os dias)

11. Se já fizeste mal a algum dos teus colegas, em que local ou locais é mais normal ocorrer esse tipo de situação? (assinala com um "x" a opção ou opções corretas)

- Nunca fiz ou tive conhecimento
- No caminho para a escola No autocarro
- Junto à porta da escola Refeitório/bar
- Revilhão/gimnodesportivo
- Sala de aula Corredores Recreio
- Outro (s), qual (quais)? _____

12.O que é para ti Bullying?

13.O que é para ti Cyberbullying?

Grupo III – Discriminação entre pares

(assinala com um "x" a opção ou opções correctas)

Como também sabes, existem colegas teus que nunca são chamados para brincar ou jogar em equipa, isto porque não são bem vindos e são colocados de parte (fora da brincadeira ou do jogo)

1.Alguma vez te aconteceu isto, ficares tu fora do jogo ou brincadeira?

- Sim Não

2.Se te aconteceu e ficaste de fora de um jogo ou brincadeira, quantas vezes foi?

(assinala apenas uma opção)

- Nunca aconteceu
 Só aconteceu uma única vez
 Não muito (2 ou 3 vezes neste período)
 Algumas vezes (mais do que 5 vezes neste período)
 Bastante (quase todos os dias)

3.E tu, alguma vez deixaste algum(a) colega fora de um jogo ou brincadeira por possuir alguma destas características? (assinala com um "x" a opção ou opções correctas)

- Nunca aconteceu
 Ser de uma outra raça Ser de uma outra etnia Ser de uma outra religião
 Outra (s), qual (quais)? _____

4.Diz-nos também se já alguma vez foste mau com outros colegas de propósito?

(assinala com um "x" a opção ou opções correctas)

- Nunca aconteceu
 Chamaste-lhes nomes
 Espalhaste mentiras a respeito deles
 Ameaçaste-os fisicamente
 Ameaçaste-os verbalmente
 Enviaste mensagens por telemóvel, para humilhar ou ameaçar
 Enviaste imagens por telemóvel para fazer sentir mal alguém
 Fizeste telefonemas anónimos, para humilhar ou ameaçar

- Escreveste ou publicaste comentários na internet, para humilhar ou ameaçar
- Publicaste imagens na internet que o(a) fizesse sentir mal
- Publicaste vídeos na internet que o(a) fizesse sentir mal
- Outro (s), qual (quais)? _____

5. Já alguma vez sentiste que os teus colegas te puseram de parte?

- Sim
- Não

6. Se "sim", diz-nos qual ou quais foram os motivos?

(assinala com um "x" a opção ou opções corretas)

- Usar óculos
- Não ser bonito(a)
- Ser de outra raça
- Etnia diferente
- Possuir outra religião
- Possuir alguma deficiência
- Ter peso a mais
- Ter peso a menos
- Ser tímido(a)
- Outro (s), qual (quais)? _____

7. Se alguma vez um colega te fez algum mal ou te fez sentir mal, dá-nos informações sobre ele: (assinala com um "x" a opção ou opções corretas)

- a) É da tua turma? Sim Não
b) É da tua escola? Sim Não
c) É mais velho que tu? Sim Não
d) É teu vizinho? Sim Não
e) Não o conheças? Sim Não

Grupo IV – Hábitos diários vs Meios de Comunicação

(assinala com um "x" a opção ou opções corretas)

Como sabes, hoje em dia, tanto os telemóveis como o acesso à internet é utilizado pela maior parte dos teus colegas. Agora gostaríamos de saber algumas coisas sobre ti e também sobre os teus colegas.

1. Tens telemóvel pessoal?

- Sim Não

2. O teu telemóvel pessoal dá para tirar fotografias e fazer pequenos vídeos?

- Sim Não

3. O teu telemóvel pessoal permite-te enviar ou receber mensagens gratuitamente?

- Sim Não

4. Tens um computador só para ti?

- Sim Não

5. Para que utilizas, na maior parte das vezes, o computador? (assinala apenas uma opção)

- Ouvir música, ver vídeos... Comunicar com amigos (as) Jogar
 Fazer trabalhos escolares Outro, qual? _____

6. No caso de usares internet, em que mais locais o fazes? (assinala com um "x" a opção ou opções corretas)

- Não utilizo internet
 Escola Casa de amigos (as) Café/Bar com Wireless
 Biblioteca Na tua própria casa ou local onde vives
 Outro, qual? _____

7. No caso de usares internet, em média, quantas horas por dia passas a "navegar"? (diz-nos o número de horas)

_____ horas

8.No caso de "navegares" na internet, em que atividades passas mais tempo? (assinala apenas uma opção)

- Comunicar com amigos (E-mail, Facebook, HIS, MSN, Twitter...)
 Jogar Ouvir música (ex.: Youtube...) Ver filmes
 Outro (s), qual (quais)? _____

9.Qual ou quais as contas de e-mail que possuis? (assinala com um "x" a opção ou opções corretas)

- Não tenho nenhuma
 Gmail Hotmail Sapo
 Outra (s), qual (quais)? _____

10.Qual ou quais as redes sociais onde possuis conta? (assinala com um "x" a opção ou opções corretas)

- Não tenho nenhuma
 HIS Facebook Twitter
 Outra (s), qual (quais)? _____

11.De todas as coisas que fazes quando "navegas" na internet, qual é aquela que mais gostas? (assinala apenas uma opção)

- Comunicar com os teus colegas Jogar Ouvir música Fazer pesquisas
 Outra, qual? _____

Grupo V – Hábitos e preferências nos tempos livres

(assinala com um "x" a opção correcta)

1.O que costumás fazer primeiro quando chegas a tua casa? (Coloca por ordem de preferência as três coisas que fazes primeiro)

- 1º , 2º e 3º
- ___ Fazer os trabalhos de casa ___ Jogar na consola ___ Jogar no computador
___ Jogar no computador, em rede, na internet ___ Ver televisão ___ tarefas domésticas
___ Ler ___ Jogar futebol ___ Brincar às "escondidas" ___ Brincar ao "elástico"
___ Brincar com "carrinhos" ___ Brincar com "bonecas"
___ Outra(s) coisa(s), qual(quais)? _____

2.Quais são as últimas coisas que fazes antes de te deitar? (assinala com um "x" as opções corretas)

- Escovar os dentes Navegar na Internet e comunicar Ver Televisão
 Preparar a mochila Ler Jogar na consola ou computador
 Outra (s) coisa (s), qual (quais)? _____

3.Quando tens tempo livre, costumás jogar no computador ou na consola (Play Station, Sega, Nintendo, Wii...)?

- Sim Não

4. Quais são os jogos que gostas mais de jogar?

(Identificar três dos jogos que mais gostas, por ordem de preferência, colocando o teu preferido em primeiro)

1º Lugar

2º Lugar

3º Lugar

5. Qual é a série da televisão que gostas mais de ver?

6. Qual é o grupo de música ou cantor que mais gostas de ouvir?

7. Qual foi o filme que mais gostaste de ver?

- Fim do questionário -

Neste espaço que se segue, tu podes deixar-nos algumas indicações sobre:

La-cine português (da escola ou fora dela).

- Sites ou chat's onde ocorram conversas e onde sejam apresentadas imagens ou vídeos portugueses ou estrangeiros...

OBRIGADO POR TERES COLABORADO

Declaração de Autorização

O Departamento de Psicologia e Educação da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, em conjunto com o professor do ensino básico e mestrando de Comunicação e Tecnologia Educativa, Pedro Luís Ribeiro Simões, estão a desenvolver uma investigação, no concelho de Vila Real, a alunos do 3º ao 6º ano de escolaridade, na temática de “*Bullying/Cyberbullying – Atitudes, Comportamentos e Valores*”, por esta ser uma área que requer a máxima atenção da vossa parte, dos estabelecimentos de ensino, em particular e, da sociedade em geral.

Sendo este, um tema de extrema importância e interesse para pais, alunos, professores e restante comunidade educativa, vimos por este meio solicitar-vos autorização para o vosso educando, (nome) _____, preencher, na sala de aula, o questionário (anónimo) criado e desenvolvido para o efeito.

Agradecemos, antecipadamente a vossa colaboração sabendo que, tanto para vós, como para nós, a segurança e bem-estar do vosso educando está em primeiro lugar.

Vila Real, ____ de Novembro de 2012

Autorizo

Não autorizo

O(a) Encarregado(a) de Educação
